Histórias de vida entre a África e o Brasil:

Imigração, educação e ambiente

Diogo Souza Magalhães

Ano 2022

Histórias de vida entre a África e o Brasil:

Imigração, educação e ambiente

Diogo Souza Magalhães

Ano 2022

CIÊNCIAS
HUMANAS
E SOCIAIS
APLICADAS

Atena
Editora
Ano 2022

Histórias de vida entre a África e o Brasil: imigração, educação e ambiente

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Diogo Souza Magalhães

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M188 Magalhães, Diogo Souza
Histórias de vida entre a África e o Brasil: imigração, educação e ambiente / Diogo Souza Magalhães. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-979-7
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.797223101

1. Africanos - História - Brasil. 2. Africanos - Emigração e imigração. 3. Educação. 4. Ambiente. I. Magalhães, Diogo Souza. II. Título.

CDD 981.00496

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

EPÍGRAFE

O Tapeceiro

“Tapeceiro, grande artista

Vai fazendo o seu trabalho.

Incansável, paciente no seu tear.

Tapeceiro não se engana,

Sabe o fim desde o começo.

Trança voltas, mil desvios sem perder o fio.

Minha vida é obra de tapeçaria.

É tecida de cores alegres e vivas,

Que fazem contraste no meio das cores nubladas e tristes.

Se você olha do avesso, nem imagina o desfecho:

No fim das contas tudo se explica, tudo se encaixa,

Tudo coopera pro meu bem.

Quando se vê pelo lado certo,

Muda-se logo a expressão do rosto.

Obra de arte pra honra e glória do Tapeceiro.”

(Stênio Március)

“Διότι ἀπὸ αὐτὸν καὶ δι᾽ αὐτοῦ καὶ εἰς αὐτὸν εἶναι τὰ πάντα.

Εἰς αὐτὸν ἂς εἶναι ἡ δόξα αἰωνίως· ἀμήν”.

ΠΡΟΣ ΡΩΜΑΙΟΥΣ 11:36 NTV

“Porque dEle, e por Ele, e para Ele são todas as coisas;

glória, pois, a Ele eternamente. Amém!”

Carta aos Romanos 11:36 ARC

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Senhor, pelo dom da vida, a salvação em Cristo, o chamado para o ministério cristão e as oportunidades acadêmicas. Por me permitir realizar esta pesquisa.

Aos meus pais, Diogo e Áurea Magalhães *(in memorian)*, pela educação dada e por todo o cuidado a mim dedicado. Vocês são inesquecíveis.

Aos meus irmãos: João *(in memorian),* José Neto, Jaci, Antônio Roberto, Rosângela, Sérgio, Fábio e Flávio por torcerem por mim e me darem seu amor, mesmo à distância.

À minha querida esposa, Walena, pelo amor, paciência, compreensão, incentivo e colaboração, bem como à sua família Almeida Marçal pelas inúmeras ajudas, orações e apoio.

Ao meu caríssimo orientador, Prof. Dr. Héber Rogério Grácio, por me acolher, orientar, torcer por mim, incentivar, e pelo vasto conhecimento compartilhado comigo durante a orientação. A você, a minha apreciação.

A UFT e ao IFTO pela oportunidade de aprendizado e cooperação na realização desta pesquisa.

Aos professores e colegas do PPGCIAMB-UFT, Campus Palmas, Tocantins, pela convivência e os conhecimentos compartilhados.

Aos imigrantes qualificados “Simplício”, “Jovelino”, “Alain” e “Dennys”, homens destemidos, corajosos, generosos, resignados, sonhadores e lutadores, seres humanos acima da média, a quem passei a considerar irmãos. A vocês, e a todos os imigrantes, minha profunda admiração.

A todas as vítimas da Covid-19, que deixaram um vazio enorme na vida de seus queridos, bem como aos familiares enlutados, carentes de conforto e resiliência.

PREFÁCIO

Este livro traz histórias de vida de imigrantes qualificados da África Subsaariana que vieram para o Brasil em busca de seus sonhos e realizações. Elas se referem ao crescimento pessoal, melhores oportunidades, prosperidade econômica e familiar e apontam como esses estudantes jamais perderam de vista suas famílias, bem como sua cultura de origem, como valor inestimável.

O autor, teólogo com considerável experiência como professor e pesquisador, apresenta em seu texto, que é baseado em sua dissertação de mestrado em Ciências do Ambiente, uma visão interdisciplinar necessária ao estudo do tema das migrações humanas, um dos mais relevantes em toda a história e para a contemporaneidade, visto ser desafiador e amplo. Ele o faz sob a perspectiva ambiental, especificamente a visão da ecologia humana, herdada da importante Escola de Chicago.

O texto aqui presente aponta como o entorno afeta as vidas nos ecossistemas humanos, deixando marcas nos protagonistas das histórias aqui narradas e tantas outras ausentes. Também mostra como essas pessoas e suas histórias afetam as comunidades onde se inserem no Brasil, durante seu tempo nesse país, destacadamente no ambiente das Instituições de Ensino Superior públicas na cidade de Palmas, capital do Tocantins, no Norte do Brasil: a Universidade Federal do Tocantins e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins.

Assim, o estudo aqui é apresentado na perspectiva da imigração qualificada, fenômeno bem importante e crescente no panorama global, que engloba o *brain drain*, o *brain gain*, e o *brain waste*, expressões afeitas às histórias sociais, econômicas e ambientais, dentre outras, ou seja, aspectos de grande importância para o ser humano e para o panorama global.

O autor também faz um contraponto da imigração qualificada com importantes questões como pertença, identidade, racismo, família, poder e território. Estamos diante de uma obra para ser lida, refletida e debatida. Convidamos todos para degustá-la com a merecida atenção!

Profa. Me. Walena de Almeida Marçal Magalhães

Professora do Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins

APRESENTAÇÃO

Este livro surgiu como desdobramento de pesquisa realizada durante o Programa de Mestrado em Ciência do Ambiente - PPGCIAMB, realizado na Universidade Federal do Tocantins - UFT, durante o período compreendido entre 2018 e 2021. Parte da pesquisa, portanto, foi realizada durante a Pandemia de SARS-Cov-2, fato que não deixou de impactar a todos, inclusive acadêmicos, pesquisadores e todos os demais agentes envolvidos na pesquisa, e a produção científica. Isso, em si, já é um motivo para reflexões a cerca da finitude humana e sua fragilidade, bem como os impactos sofridos pela humanidade e o ambiente, decorrentes das escolhas e ações coletivas e políticas, em nível local e global.

O nome deste livro, HISTÓRIAS DE VIDA ENTRE A ÁFRICA E O BRASIL: imigração, educação e ambiente, representa de certa forma, uma visão mais pessoal a cerca do trabalho de dissertação originalmente intitulado A INSERÇÃO DE IMIGRANTES QUALIFICADOS DA ÁFRICA SUBSAARIANA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICAS FEDERAIS EM PALMAS: uma discussão socioambiental, defendido perante banca especializada em janeiro de 2021.

Agradeço à professora mestre Walena de A. Marçal. Magalhães, minha esposa, pelas leituras, revisões e correções do texto. Agradeço, também, aos professores doutores e doutoras Héber Rogério Grácio (Orientador), Lucas Barbosa e Sousa, Reijane Pinheiro da Silva e Elineide Eugênio Marques (Examinadores da Banca de Defesa Final), e Marina Heizender Ertzogue (Examinadora da Banca de Qualificação do Projeto), pelas preciosas contribuições dadas à pesquisa.

O livro apresenta uma abordagem socioambiental da temática das migrações, em especial da imigração qualificada, utilizando os métodos da História Oral e da Historia de Vida, também conhecida como *Life History*, o que corrobora com a visão interdisciplinar e qualitativa do Saber Ambiental.

Gostaria que cada leitor valorizasse as pessoas cujas histórias são aqui apresentadas, pois evidenciam visões únicas, fruto de experiências enriquecedoras que muito me impactaram como ser humano, e, certamente os impactarão. Uma boa leitura a todos.

Diogo Souza Magalhães

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEP	Associação Brasileira de Estudos Populacionais
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AC	Análise de Conteúdo
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas Para os Refugiados
ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEBRAFRICA	Centro Brasileiro de Estudos Africanos – UFRG
CEJUP	Conselho Editorial Jurídico do Pará
CIA	*Central Intelligence Agency*
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CLACSO	*Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*
CORES	Coordenação de Registros Escolares - IFTO
CUP	*Campus* Universitário de Palmas – UFT
CRAI	Coordenação de Relações e Assuntos Internacionais – IFTO
DAI	Diretoria de Assuntos Internacionais - UFT
DESA	Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais - ONU
DREI	Diretoria de Relações Internacionais - IFTO
ENEM	Exame Nacional de Ensino Médio
ESPIN	Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional
EUA	Estados Unidos da América
FAO	*Food and Agriculture Organization of The United Nations*
GECHS	*Global Environmental Changes and Human Security*
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituição de Ensino Superior
IFTO	Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins
IHDP	*Internacional Human Dimensions Programme On Global Environmental Change*
IHU	Instituto Humanistas Unisinos
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
IOM	*International Organization For Migration*
IUPERJ	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
MEC	Ministério da Educação – Brasil
MRE	Ministério das Relações Exteriores - Brasil
MS	Ministério da Saúde – Brasil
M49	*Standard Country or Area Codes for Statistical Use - Series M, Nº 49*
NASA	National Aeronautics and Space
NAEA	Núcleo de Altos estudos Amazônicos
NCOV	Novo Coronavírus

OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
ONGS	Organizações Não-Governamentais
PEC-G	Programa de Estudantes Convênio da Graduação
PEC-PG	Programa de Estudantes Convênio da Pós-Graduação
PNUMA	Programa das Nações Unidas Para o Meio Ambiente
PPGCIAMB	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente – UFT
PPGDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional –UFT
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão – IFTO
RDC	República Democrática do Congo
RELINTER	Coordenação de Relações Internacionais – UFT
RFI	Rádio França Internacional
SARS-CoV-2	Novo Coronavírus
SENAC	Serviço Nacional do Comércio
STF	Supremo Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TI	Tecnologia da Informação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UMA	Universidade da Maturidade – UFT
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
URFGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UN	*United Nations* (Nações Unidas)
UNEP	Programa das Nações Unidas Para o Meio Ambiente
UNESCO	*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*
UNES	Universidade Estadual Paulista
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNSTATES	*Statistics Division of the United Nations Department of Economic and Social Affairs*
UPA	Unidade de Pronto-Atendimento
USP	Universidade de São Paulo

RESUMO

HISTÓRIAS DE VIDA ENTRE A ÁFRICA E O BRASIL: IMIGRAÇÃO, EDUCAÇÃO E AMBIENTE

A presente obra descreve a inserção de acadêmicos africanos em instituições de Ensino Superior Públicas da Rede Federal do Brasil, a fim de estudar a sua relação com o novo lugar que escolheram para morar provisória ou permanentemente. O contexto se dá na cidade de Palmas - Tocantins, abordando acadêmicos afiliados à Universidade Federal do Tocantins (UFT) - *Campus* Universitário de Palmas (CUP) e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), *Campus* Palmas. Devido ao complexo contexto mundial, marcado por crises econômicas, guerras, alterações ambientais, crises identitárias, etc., observa-se o aumento das migrações nas últimas décadas, marcadas por diferentes classificações, entre elas, a migração qualificada. A pesquisa aborda o crescimento das trocas e adaptações culturais, o papel da comunidade como rede de integração e as motivações para os processos de emigração. Na análise de conteúdo temática, feita concomitante às discussões e construção das Histórias de Vida, são abordadas categorias como: enraizamento, identidade, sociedade, território, ambiente, dentre outros, sob a perspectiva da Ecologia Humana, numa relação interdisciplinar. O objetivo foi verificar o processo de inserção desses imigrantes no novo país, perpassando pelas relações *topofílicas* e/ou *topofóbicas* percebidas por eles. A pesquisa é conduzida com caráter socioambiental, pois trata de aspectos da natureza física e da sociedade, ou seja, o Ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: África, Brasil, História de Vida, Imigração Qualificada, Saber Ambiental.

ABSTRACT

LIFE HISTORIES BETWEEN AFRICA AND BRAZIL: IMMIGRATION, EDUCATION AND ENVIRONMENT.

The present book describes the insertion of African scholars in Public Higher Education institutions of the Federal Network of Brazil, in order to study their relationship with the new place they chose to live provisionally or permanently. The context takes place in the city of Palmas - Tocantins, addressing academics affiliated with the Federal University of Tocantins (UFT) - Campus Universitário de Palmas (CUP) and the Federal Institute of Education, Science and Technology of Tocantins (IFTO), Campus Palmas. Due to the complex world context, marked by economic crises, wars, environmental changes, identity crises, etc., there has been an increase in migration in recent decades, marked by different classifications, including qualified migration. The research addresses the growth of exchanges and cultural adaptations, the role of the community as an integration network and the motivations for emigration processes. In the analysis of thematic content, carried out concurrently with the discussions and construction of Life Histories, categories are addressed such as: rooting, identity, society, territory, environment, among others, from the perspective of Human Ecology, in an interdisciplinary relationship. The objective was to verify the process of insertion of these immigrants in the new country, going through the *topophilic* and / or *topophobic* relations perceived by them. The research is conducted with a socio-environmental character, as it deals with aspects of physical nature and society, that is, the Environment.
KEYWORDS: Africa, Brazil, Environmental Knowledge, Life History, Skilled Immigration.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa amplia os estudos das migrações humanas, relacionando-os às discussões interdisciplinares dentro do contexto socioambiental, proporcionando novas leituras desse importante tema. Especificamente trata da imigração qualificada de estudantes africanos e sua inserção em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, sendo elas, a Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* Universitário de Palmas (CUP), e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) - *Campus* Palmas, Tocantins, procurando investigar os motivos da imigração, seus impactos, as redes em seu entorno e os desafios da inserção.

Cotidianamente a temática das migrações, especialmente dos refugiados, se faz presente na mídia como assunto que causa grande interesse e preocupação devido à sua repercussão humanitária, às implicações econômicas e políticas, bem como aos diversos impactos causados no indivíduo, nas famílias e nas comunidades envolvidas. No meio acadêmico o tema também vem se mostrando mais presente, o que é constatado através do número crescente de pesquisas sobre o assunto. Ao mesmo tempo em que se constatam tais realidades, se percebe que outros olhares são necessários sobre o tema, a fim de suscitar reflexões sobre diferentes aspectos e propor soluções para problemas que ainda estão presentes.

O interesse pelo tema das migrações surgiu devido à experiência transcultural do pesquisador ao se encontrar imerso por alguns meses na cidade de Bradford, Yorkshire, no Reino Unido, para estudos de aperfeiçoamento em língua inglesa no ano de 2016. Durante o tempo vivido naquele lugar, morando no Residencial da Universidade de Bradford, chamado *The Green Village*, convivendo com colegas de curso e vizinhos de moradia de várias nacionalidades, foi possível observar e experimentar as dificuldades inerentes ao processo de adaptação de um imigrante numa outra comunidade, com cultura diferenciada da sua de origem. Durante a permanência no Reino Unido, depois de viajar por várias cidades, o pesquisador, que é pastor batista e professor de Teologia e História, observou que pessoas de diversas nacionalidades e origens, motivadas por distintos fatores, imigraram e fixaram residência no Reino Unido, sejam asiáticos, africanos, latino-americanos e do leste-europeu. É marcante a presença de imigrantes das ex-colônias e ex-territórios ingleses, especialmente, da Índia, do Paquistão, da África do Sul, da Nigéria e da China. Assim, chamou à atenção deste pesquisador a forma como tais imigrantes se relacionavam com os ingleses, como se davam as trocas culturais, quais as dificuldades de inserção, como se formavam os guetos étnicos e como lidavam com o enfrentamento das dimensões sócio-culturais em sua inserção.

Após a experiência de ordem pessoal, o pesquisador decidiu investigar o modo como a questão vem sendo pensada no plano teórico, fazendo uma revisão de literatura sobre o tema migração em várias áreas, tais como, Política, Geografia, Demografia, Direito,

Economia, Sociologia, História, Desenvolvimento, Educação, Saúde, Teologia, Ciências do Ambiente, dentre outras. Percebeu que dentro das Ciências Ambientais havia abordagens diferenciadas sobre o tema e que as mesmas não esgotavam o assunto. Observou ainda as inúmeras subdivisões das migrações humanas, como, por exemplo: espontâneas, ambientais, forçadas ou obrigatórias (refugiados/asilados), qualificadas, etc.

Assim, foi decidido delimitar o assunto da pesquisa à abordagem da imigração qualificada, ao reconhecer nas pesquisas preliminares às quais teve acesso, que o tema é contemporâneo, apresentando desdobramentos diversos e interessantes, como o *brain drain*[1], o *brain gain*[2], o *brain waste*[3], as questões de gênero e raciais, as implicações culturais, econômicas, ambientais e desenvolvimentistas, além de pontos específicos relativos aos projetos de intercâmbio e da percepção que o imigrante qualificado tem de si mesmo e do outro, todas questões que chamam bastante a atenção. Ao levantar o estado da Arte foram descobertos trabalhos recentes realizados ao redor do mundo sobre o tema. Apesar disso, chamou a atenção que há poucos artigos recentes a respeito das imigrações qualificadas no Brasil.

Diante do exposto em termos gerais, foi levantada a seguinte problematização em caráter específico: existe inserção de imigrantes qualificados nas IES Públicas Federais de Palmas? Como ocorre a inserção desses imigrantes qualificados africanos no Brasil, e como, através de suas histórias de vida, manifestam as percepções relativas à experiência da mobilidade transnacional e da adaptação no novo ambiente em que se inserem? Quais as motivação e implicações desses imigrantes ao saírem de suas terras e escolherem uma determinada IES, numa cidade específica, num estado determinado e num país preciso, para sua qualificação profissional? Como eles percebem o intercâmbio cultural e as trocas simbólicas entre si e a comunidade acadêmica? Como se dá, em sua ótica, o acolhimento e a integração às comunidades acadêmicas?

A pesquisa tem como objetivo apresentar uma visão preliminar e geral das migrações humanas, clareando alguns elementos e conceitos ligados à temática, fazendo o recorte na imigração qualificada e suas especificidades, destacando as interfaces socioambientais que o tema apresenta e sua problematização, numa discussão de caráter interdisciplinar, aproximando-a do saber ambiental.

Isso se dá, nesta pesquisa, através do método da História Oral, segundo Thompson (1992), usando como técnica de coleta de dados a História de Vida (BOSI, 2003), ao contar a história de inserção de quatro imigrantes qualificados da África Subsaariana Ocidental,

---

1. Esta expressão vem sendo usada por teóricos, como Acciolly (2009), significando drenagem de cérebros, ou fuga de cérebros. Na verdade, no contexto desta pesquisa, quer dizer: perda de emigrantes qualificados para outros países. Tal assunto é aprofundado no Capítulo 2.

2. Esse termo significa ganho de cérebros. No contexto desse trabalho, retrata o ganho de imigrantes qualificados pelos países que os recebem.

3. A expressão quer dizer desperdício de cérebros, representando a subutilização do imigrante qualificado no mercado de trabalho.

especificamente da Guiné Bissau, da República do Congo, também chamada de Congo Brazzaville e da República Democrática do Congo (RDC), chamada por muitos anos de Congo Belga. Verifica-se como se dá o relacionamento do tema em composição com uma realidade concreta, delimitando a discussão em torno da comunidade acadêmica de duas IES no Estado do Tocantins, na República Federativa do Brasil. Os imigrantes abordados cursaram ou cursam graduação nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Filosofia, Tecnologia da Informação e Engenharia Civil. Nas discussões são apresentadas as história de vida destes quatro imigrantes, que a partir da Análise de Conteúdo (AC), feita segundo Bardin (2011), possibilita a identificação das categorias de análise e as interpreta à luz do *corpus* teórico.

O olhar lançado sobre o tema pelo pesquisador é feito à luz da Ecologia Humana (PARK, 1915), sob a perspectiva da Escola de Chicago (BECKER, 1996). Examina como os imigrantes qualificados africanos que deixaram seus lugares de origem, culturas, famílias, comunidades étnicas se inseriram na comunidade acadêmica da UFT e do IFTO. É feito, também, um breve apanhado sobre o contexto sociopolítico africano, descrevendo os países de origem, os contextos, as idéias por trás das práticas migratórias, as facilidades e/ou dificuldades de acesso aos programas de convênio estudantis brasileiros, para buscar compreender o contexto de partida, os desafios da chegada e o processo de estadia temporária ou permanente. Dessa forma, é feita uma reflexão sobre as histórias humanas, sendo resgatada a memória dos sujeitos envolvidos e é descrita a representação de suas narrativas da inserção no ecossistema humano tratado na pesquisa.

O pesquisador aponta através das narrativas dos imigrantes que condições de vida os levaram a mudar para outro país e a se qualificarem em um novo contexto socioambiental. Aborda seus motivos para migrar, suas memórias familiares, culturais, acadêmicas e ambientais, sua inserção na comunidade brasileira, especificamente na UFT e no IFTO, os desafios enfrentados no processo de inserção na comunidade, as trocas culturais realizadas, destacando elementos que favoreceram e/ou dificultaram o intercâmbio cultural, inclusive nas suas relações sociais com a política e os programas de intercâmbio universitários. Também refaz uma linha de tempo de suas trajetórias de imigração até chegarem ao Tocantins e suas condições de vida no Brasil, durante a realização dos cursos de graduação. Tudo isso visto sob o aspecto socioambiental, focando na interação com o meio, com abordagem interdisciplinar.

Por fim, a pesquisa é concluída a partir das histórias de vida narradas, destacando-se o valor de registrar os relatos dos imigrantes qualificados, e, a partir disso, salientar os impactos pessoais, sociais e ambientais envolvidos nos processos de mobilidade humana.

PERCURSO METODOLÓGICO

A partir da problemática delineada, o *corpus* desta pesquisa foi desenvolvido no sentido de alcançar seus objetivos. Assim, a metodologia foi traçada com pluralidade de métodos e técnicas para comporem uma pesquisa de abordagem qualitativa e interdisciplinar.

A leitura cuidadosa do percurso metodológico de outras obras é sempre útil nas idas e vindas de pesquisadores que possam buscar neste trabalho uma luz de como foi o processo, assim como o autor também o fez, ao consultar artigos, teses, dissertações, livros e todo referencial que pudesse auxiliar e tornar o trabalho um campo mais certo e cientificamente registrado, bem como a construção do *corpus* da pesquisa.

Como já foi dito, o tema escolhido tem a ver com a experiência do próprio autor. Mills (2009) já afirmava que é importante a relação entre o tema e a biografia do cientista, para que cada um deles enriqueça o outro (MILLS, 2009). Assim, dentre os muitos temas palpitantes em Ciências do Ambiente, o tema da mobilidade humana falou mais alto por ser desafiador e contemporâneo, pois "o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade à qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos" (JOSÉ FILHO, 2006, p.64).

A análise feita provém de dados coletados junto à Secretaria Acadêmica da UFT e junto à Coordenação de Relações Internacionais - RELINTER da mesma, bem como do IFTO e sua Secretaria Acadêmica. Além disso, dados foram levantados através de entrevistas realizadas no ano de 2019 com estudantes africanos que foram matriculados na UFT e no IFTO no mesmo ano, com o intuito de potencializar os dados sobre as histórias de vida desses agentes, suas "impressões a respeito de significações dessa travessia no século XXI" (RODRIGUES, 2014. p. 7) suas percepções, e suas relações *topofílicas*[1] e *topofóbicas*[2] (TUAN, 2012) com o lugar que os recebe e para onde eles vêm na tentativa de potencializar suas possibilidades de vida (RODRIGUES, 2014).

A internacionalização das IES brasileiras é um processo que vem ocorrendo há algumas décadas. Diversos autores chamam a atenção para a necessidade de mais amplo diálogo entre a sociedade, o poder público e as Instituições de Ensino Superior - IES, no Brasil, para a criação de políticas públicas robustas que possam assegurar este processo de relevantes trocas culturais e de saberes, a exemplo do que já se vê de forma mais avançada no panorama internacional de países como Alemanha, Reino Unido, Finlândia, Colômbia, Estados Unidos e Espanha, que comprovadamente possuem índices expressivos de internacionalização e programas de intercâmbio de estudantes bem robusto (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017), o que pode impactar positivamente no papel de pesquisa e inovação

1. Segundo TUAN (2012), a *topofilia* é o "elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (TUAN, 2012, p.19), ou seja, o sentimento de amor a um determinado lugar.
2. Por outro lado, a *topofobia* é o sentimento de aversão, tendência contrária e de rejeição a um determinado lugar (TUAN, 2012).

das IES.

No recorte feito para esta pesquisa, o estudo engloba imigrantes qualificados vinculados às duas IES públicas federais na cidade de Palmas: a UFT - *Campus* Universitário de Palmas e o IFTO - *Campus* Palmas. Eles são provenientes da África Subsaariana, mais especificamente originários de países da África Ocidental - Guiné-Bissau, e da África Central - Congo Brazzaville e República Democrática do Congo (RDC). Os estudantes foram selecionados a partir das listagens de alunos matriculados na UFT e no IFTO, fornecidas pelas respectivas secretarias acadêmicas no ano de 2019.

Na lista fornecida pela Secretaria Acadêmica da UFT - CUP (UFT, 2019), constavam os nomes de 55 (cinquenta e cinco) acadêmicos estrangeiros que passaram pelos cursos de graduação da instituição entre os anos de 2005 e 2019, dentre os quais 29 (vinte e nove) já haviam se formado até abril de 2019, 7 (sete) foram desvinculados dos cursos e da universidade, 3 desistiram de continuar os cursos, 3 pediram transferência para outras instituições e 13 ainda estavam vinculados à Universidade até a data do documento encaminhado, sendo 03 de abril de 2019. Na lista fornecida pela Coordenação de Registros Escolares (CORES) do IFTO, *Campus* Palmas (IFTO, 2019), constavam os nomes de 9 (nove) acadêmicos estrangeiros matriculados em cursos de graduação da instituição naquele ano, dentre os quais nenhum aluno estrangeiro havia se formado até junho de 2019, nenhum foi desligado, desistiu dos cursos ou pediu transferência, e 9 (nove) estudantes estrangeiros eram vinculados ao IFTO até 10 de Junho de 2019, a data de expedição do documento (IFTO/CORES, 2019).

A ideia foi entrevistar os estudantes estrangeiros da UFT e do IFTO, utilizando a técnica conhecida como *Snowball*, até atingir o ponto de saturação das informações, quando as mesmas começam a se repetir (BIERNACKI, WALDORF, 1981).

A metodologia usada na pesquisa é a História de Vida, cuja escolha se deu pela necessidade de compreender a singularidade de cada imigrante, seus motivos de migrar e suas trajetórias, para tentar compreender pontos diferenciais na inserção de cada processo (SOBRAL, 2008).

A UFT tem 17 (dezessete) anos de efetivo funcionamento completos em maio de 2020, contados a partir da data de posse dos primeiros servidores concursados (UFT 2020c). Possuía em 2020, 7 (sete) *campi* distribuídos nas seguintes cidades do Tocantins: Palmas - a Capital, Araguaína, Arraias, Gurupi, Miracema, Porto Nacional e Tocantinópolis (UFT, 2020a). Ela foi instituída como entidade pública, vinculada ao Ministério da Educação - MEC, pela Lei 10.032/2000, com o objetivo de promover o ensino, pesquisa e extensão, "dotada de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, em consonância com a legislação vigente(...)" (UFT, 2019).

Dentro do seu organograma institucional (Figura 1), a UFT possui um departamento

chamado RELINTER (Ex-DAI), cuja função é fortalecer, retomar e expandir acordos bi e multilaterais no contexto dos processos de internacionalização da Universidade (UFT, 2020b.), o que vai ao encontro da Lei de Imigração (BRASIL, 2017, artigo 3o, XI), ao afirmar que

> assegura-se o acesso igualitário e livre dos migrantes a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social (BRASIL, 2017, artigo 3º, XI).
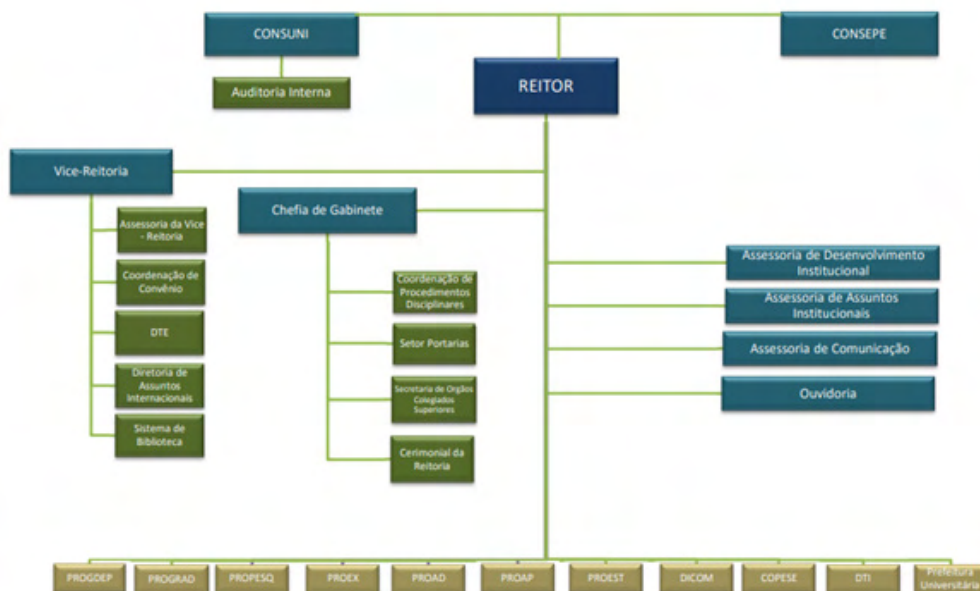
Figura 1: Organograma Administrativo da UFT

Fonte: Site da UFT, 2020.

Na Figura acima, observa-se que a RELINTER é a 4ª organização representada dentro da Vice-Reitoria e aparece no Organograma como Diretoria de Assuntos Internacionais (DAI), submetida ao gabinete do vice-reitor. Desenvolve, segundo dados do portal da UFT, os seguintes projetos relativos a estudantes imigrantes:

> (...) atração de estudantes internacionais, UFT Brastestes que há oferta e certificação do Curso de Português para estrangeiros e/ou Língua Adicional, o GAE- Grupo de Apoio a Estrangeiros, o Projeto Amigo Internacional em parceria com a Universidade da Maturidade - UMA e o Projeto Idiomas sem Fronteiras (...) (UFT, 2020a).

A outra IES federal aqui abordada é o IFTO, que foi criado em 2008, pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional,

Científica e Tecnológica, e que em seu Art. 5° estabeleceu a "integração da Escola Técnica Federal de Palmas e da Escola Agrotécnica Federal de Araguatins" (BRASIL, 2008, p.1). O IFTO tinha em 2020, 12 (doze) *campi,* espalhados pelo estado do Tocantins, sendo eles: Araguaína, Araguatins, Colinas do Tocantins, Dianópolis, Gurupi, Lagoa da Confusão, Palmas, Paraíso do Tocantins, Pedro Afonso, Porto Nacional e Reitoria. Entre os *campi*, o maior em número de estudantes é o *Campus* Palmas, em cujo organograma (Figura 2), não há um departamento específico que trate de assuntos de estudantes internacionais, mas há uma Coordenação de Assistência aos Estudantes e Servidores - CAES.
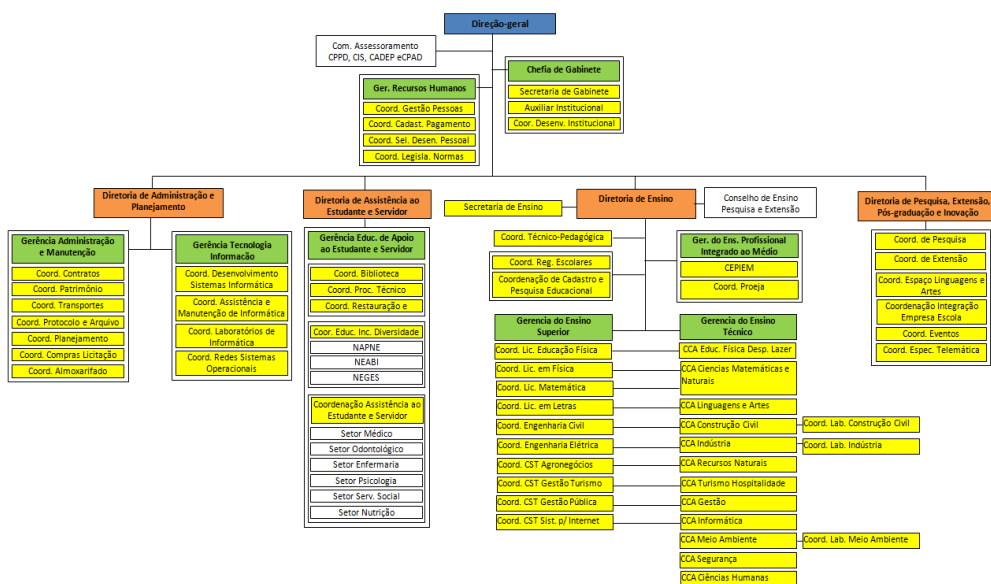
Figura 2 - Organograma do IFTO, *Campus* Palmas

Fonte: Site do IFTO, *Campus* Palmas, 2020.

Assuntos pertinentes às relações internacionais, inclusive os programas estudantis internacionais, são tratados diretamente pela Reitoria da instituição, conforme organograma da Reitoria (Figura 3), onde se vê a Coordenação de Relações e Assuntos Internacionais (CRAI), ligada à Diretoria de Relações Internacionais (DREI), dentro da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX).

Figura 3 - Organograma da Reitoria do IFTO

Fonte: Site da Reitoria do IFTO, 2020.

Ao longo da pesquisa são apresentados dados, análises e inferências realizadas a partir do material coletado, sendo abordada a história de vida de cada pesquisado a partir do discurso que eles próprios fazem a respeito dos motivos de sua imigração, do panorama político, social e econômico de seu país de origem e de sua inserção no ambiente de chegada. Consideram-se, também, as características do seu estabelecimento na cidade de Palmas, bem como sua ligação com as IES e os fatores que os levaram a construir sentimentos de *topofilia* e/ou *topofobia* para com a cidade, o estado e o país. A AC das entrevistas e documentos foi feita concomitante às histórias de vida e discussões, através de categorias de análise ou temas.

Com o tempo, e, conforme a revisão de literatura foi se adensando, o primeiro aspecto foi se desvelando como afeito ao saber ambiental. Isso fica claro no decorrer desta pesquisa, mas possivelmente poderá abrir caminhos para outras pesquisas interessantes dentro das Ciências do Ambiente.

Quanto ao segundo aspecto, ficou evidente com as análises, que se faz necessária uma atualização melhor dos dados dos estudantes imigrantes nas IES citadas. É fundamental que se tenha equipes dedicadas a receber os imigrantes, apresentá-los aos novos ambientes das IES, inseri-los nas comunidades acadêmicas e apresentá-los à cidade de Palmas, contextualizando-os e "aproximando-os" da realidade local, visto que estão distantes fisicamente de seu lugar e cultura - aliás, esta foi exatamente a experiência do pesquisador quando estudou no Reino Unido, tendo todo esse apoio dado a partir de sua chegada pela Universidade local. Destaca-se que a chegada dos imigrantes qualificados a Palmas em geral se dá com poucos recursos financeiros, que tendem a ser reduzidos com o tempo, devido a questões cambiais e financeiro-familiares, além da falta de suporte emocional e familiar presencial (e algumas vezes até não-presencial).

A partir das listas fornecidas pela UFT e pelo IFTO - que estavam em processo de atualização na época, evidenciando que não há controle rigoroso das listas e de dados desses imigrantes, o que aponta para uma possível "invisibilidade" desses estudantes dentro das IES, foi dado início à técnica denominada *Snowboll* (Bola de Neve), utilizada em pesquisas sociais, onde os participantes iniciais de determinada pesquisa indicam novos participantes, que, por sua vez, indicam outros participantes para serem entrevistados, sucessivamente (BIERNACKI; WALDORF, 1981).

Dos imigrantes entrevistados, três vieram ao Brasil por meio do Programa Estudante Convênio de Graduação - PEC-G. O quarto estudante não veio através de programas de intercâmbio estudantil, mas chegou vinculado à Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) no Brasil e ingressou na UFT posteriormente à sua chegada.

Dos estudantes entrevistados, dois são da Guiné Bissau. Os outros dois são congoleses, um da República do Congo (RC), e o outro da República Democrática do Congo (RDC). Três desses imigrantes são estudantes ou egressos da UFT. Um deles, de

Guiné Bissau, foi aluno da UFT, mas migrou para o IFTO por motivos pessoais.

Os acadêmicos, em sua maioria, são da área de Exatas e um deles é da área de Humanas. Suas histórias de vida serão analisadas e discutidas para verificar pontos de convergência e divergência em sua percepção quanto à sua inserção nas IES. O recorte feito com estudantes da África foi realizado porque através dos levantamentos prévios foi detectado que a quantidade de estudantes africanos no Brasil está entre as mais representativas nos últimos anos (AGÊNCIA BRASIL, 2018), dentre os diversos continentes. Além disso, aprioristicamente se levantou que diversos imigrantes provindos de países da África apresentam como um dos motivos de sua imigração, questões ligadas à discussões socioambientais: exploração de recursos naturais geradores de conflitos, interação homem-natureza, conflitos étnicos, questões geopolíticas e culturais, fatores econômicos e ligados ao desenvolvimento regional, dentre outros.

Os nomes dos entrevistados usados no livro são fictícios, para preservação dos nomes originais, por questões de privacidade conforme os Termos de Livre Consentimento assinados por entrevistador e entrevistados, e por possíveis implicações quanto às relações internacionais, bem como, possíveis perseguições políticas. Os detalhes sobre cada entrevistado serão expostos posteriormente, quando forem descritas suas histórias de vida.

O primeiro entrevistado foi Simplício, um estudante da Guiné Bissau, que fora acadêmico da UFT e transferiu-se para o IFTO. O contato com ele se deu através de duas pessoas conhecidas do entrevistador: uma professora do IFTO e uma egressa do PPGCIAMB-UFT. O segundo entrevistado foi Jovelino, imigrante da Guiné Bissau, acadêmico da UFT, indicado por Simplício. Foi Jovelino quem indicou Alain, imigrante qualificado do Congo Brazzaville. O quarto imigrante entrevistado foi Dennys, imigrante da República Democrática do Congo, por indicação de Alain. No ano de 2019, ele era o presidente da Associação de Amigos Africanos em Palmas. Alain fez a mediação para que Dennys pudesse ser contatado e devidamente entrevistado.

A metodologia da pesquisa será apresentada a seguir através dos seguintes tópicos: método, materiais, recursos humanos e financeiros e fases da pesquisa.

MÉTODO

Para maior organização da estrutura metodológica da pesquisa, os pormenores do método são apresentados especificamente quanto à natureza da pesquisa, metodologia, elaboração dos objetivos, procedimentos técnicos, técnicas de pesquisa e de análise dos dados.

Quanto à natureza, a pesquisa é aplicada, ao produzir conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos, envolvendo verdades e interesses

locais (LAVILLE; DIONNE, 1999).

A abordagem do problema da pesquisa foi qualitativa, estando voltada para as "interpretações das realidades sociais" (BAUER, 2002, p. 23), reconhecendo haver um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos, seja o pesquisador, sejam os entrevistados, o que não pode ser traduzido simplesmente através de dados quantitativos (REY, 2005). Isso é demonstrado pela amostragem menor, tendo o pesquisador como principal instrumento na coleta de dados empíricos, feita através de entrevistas e utilizando a AC temática após as transcrições (BARDIN, 2011).

Quanto à metodologia, foi utilizado o método da História oral, uma das diversas metodologias de pesquisa participativas ou de ação, na qual o pesquisador é o responsável por tomar as decisões a respeito das ações e dos tipos de participação na pesquisa (CUSICANQUI, 1987). Feita através de entrevistas e transformadas posteriormente em documentos escritos, o método é usado especialmente em períodos recentes no tempo, com pouca documentação, ou quando se queira ter visões diferentes da "história oficial", com o objetivo de produzir diálogos entre narradores e narrativas, desta forma tornando possível "reduzir o campo das incertezas (...) e estabelecer um feixe de probabilidades" na História (BORGES, 1993. p.69).

Dentro da História Oral, foi usado o método de História de Vida, ou *Life-History,* que Lévy (2001) descreve como: "[...] um encontro único entre um pesquisador e uma pessoa que aceita se confiar a ele, encontro que, também ele, tem sua história própria" (LÉVY, 2001, p. 93).

É importante destacar que o próprio ato de coleta da história e os dados provenientes dela sempre estarão influenciados por uma relação entre dois sujeitos, e como tal, receberá contaminações da subjetividade, tanto do sujeito-pesquisado, que inevitavelmente será influenciado pelas emoções das memórias narradas na entrevista de coleta de dados, como do sujeito-pesquisador que leva a campo e extrai dados e elementos, dentro de um repertório de conhecimento e bagagem cultural que lhe influenciam e lhe compõe como ser-pesquisador, as suas biogeografias da razão (RAMOS JR, 2019).

A História de Vida teve como obra pioneira o trabalho *The Polish Peasant in Europe and America* (THOMAS; ZANIECKI, 2017), cujos autores eram sociólogos. Esse método/ferramenta nas Ciências Humanas, busca convergir o "fascínio pelo singular, a individualidade, o sujeito, o vivido, o experiencial, a globalidade concreta, o existencial, a complexidade" (JOSSO, 1999, p.13). A *Life-History* é, segundo Haguette (1992), um método dentro das metodologias de abordagem biográfica.

Neste sentido, Silva *et al.* elaboraram um quadro de análise comparativa entre o que eles chamam de metodologias de abordagens biográficas, em que comparam a História Oral, a Biografia, a Autobiografia e a História de Vida, buscando traçar as principais

relações de semelhança e diferença entre elas, em sua visão (Figura 4).

METODOLOGIA	ABORDAGENS BIOGRÁFICAS			
MÉTODOS	HISTÓRIA ORAL	BIOGRAFIA	AUTOBIOGRAFIA	HISTÓRIA DE VIDA
CARACTERÍSTICAS	– Elaboração de um projeto; – Definição prévia de um grupo de pessoas a serem entrevistadas; – Planejamento da condução das gravações; – Transcrição e conferência do depoimento; – Inexistência da preocupação com o vínculo.	– Utilização de diversas fontes; – Recolhime nto enviesado dos dados; – Irrelevânci a da falta de relação entre pesquisador e sujeito pesquisado.	– Discurso direcionado ao leitor; – Preocupação com a seqüência temporal; – Intencionalidade.	– Preocupação com o vínculo entre pesquisador e pesquisado; – Há uma produção de sentido tanto para o pesquisador quanto para o sujeito: "saber em participação"; – História contada da maneira própria do sujeito; – Ponte entre o individual e o social

Figura 4: Abordagens biográficas e suas características

Fonte: Silva *et al.*, 2007, p. 28

Destaca-se que para Silva *et al.* (2007) a História de Vida "relaciona duas perspectivas metodológicas intimamente, podendo ser aproveitado como documento ou como técnica de captação de dados" (SILVA *et al.*, 2007, p. 29). Um exemplo dela como técnica de captação de dados é apresentado por Sobral (2008), denominado Trajetória de Vida. Essa autora conta histórias de quatro "meninos de rua" em Recife, ao estudar o universo dessa categoria social, que é imenso naquela cidade nos últimos 40 anos.

O referido método é utilizado nessa pesquisa para a construção de documentos, a partir das entrevistas, que são um verdadeiro "abrir de álbuns mentais de memórias", conforme aponta Bosi (2003). Para a autora, as entrevistas são de fundamental importância na composição das histórias de vida, pois auxiliam os entrevistados no resgate de suas memórias, propiciando "refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...]" (BOSI, 1994, p. 55). As histórias de vida registradas nesta pesquisa revelam clareza, fluidez e franqueza com que generosamente os entrevistados compartilharam suas memórias e histórias nos encontros de entrevista. Isso permitiu que os sujeitos - pesquisador e pesquisados - pudessem trabalhar de forma colaborativa, construtiva, sem entraves e com boa interação.

Para Ferreira (1994), através de várias formas de entrevistas é possível registrar diversas experiências, seja individualmente ou coletivamente, levando-se em consideração que tudo quanto se narra é história. Nesse sentido, as entrevistas são fundamentais, pois "o contador da história narra aqueles aspectos do acontecimento que são relevantes de

acordo com sua perspectiva de mundo" (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 95). Foi feito um roteiro de entrevista, respondido oralmente, na forma de uma entrevista gravada, para a transcrição e composição do relato autobiográfico de cada sujeito pesquisado, conforme o que orienta Bouillon (2009):

> O relato autobiográfico é, portanto, incompleto; ele é como todo instrumento de coleta de dados em ciências sociais. Olhemos mais longe ainda: ele é incompleto nos dados, como toda ferramenta de coleta, mas não no plano da significação, contrariamente a muitas outras abordagens. De fato, a necessidade de que o relato "faça sentido" obriga a fechar o texto nele mesmo, a torná-lo coerente ou autônomo ou a lhe fornecer uma lógica ou uma "ordem". O relato de tipo autobiográfico possui, portanto, uma vantagem inegável em face de outras ferramentas, visto que ele mobiliza o indivíduo e exige dele o que outras abordagens não lhe solicitam. Desse modo, a questão não está na "verdade", mas no "sentido", e é preciso deportar a perspectiva da verificação ou da qualificação dos fatos, certamente útil, porém insuficiente e necessariamente inacabada, para a análise do sentido do relato, daquilo que ele quer dizer para o autor (BOUILLON, 2009, p.47).

O interesse do relato está no fato de que o autor nos conta algo que somente ele pode dizer. Cabe, entretanto, ao pesquisador "construir um objeto que seria, na verdade, apenas um dos objetos possíveis a serem construídos" (LEJEUNE, 2008, p. 51), o que permite um caráter mais subjetivo e dialógico a tal metodologia. Eis a relevância da História de Vida nesta pesquisa.

A Coleta de Dados, como apresentada anteriormente, se deu com a técnica de *Snowball* (BIERNACKI; WALDORF, 1981), propiciando a realização de entrevistas individuais, qualitativas, com questões semi-estruturadas, realizadas com os imigrantes qualificados. Uma cópia das perguntas foi entregue nas mãos dos sujeitos participantes no início da entrevista. Cada entrevistado leu o teor das perguntas, manifestando concordância com a realização de todas elas durante o procedimento. O teor geral da entrevista já era do conhecimento de cada acadêmico desde o contato feito pelo *Whatsapp*, quando foi agendado o encontro. As datas e os horários foram escolhidos pelos entrevistados.

Um rápido diálogo de apresentação pela rede social *Whatsapp*, mediado por interlocutores, foi realizado previamente às entrevistas presenciais, conforme sugere Thompson (1992) ao dizer que "será sempre mais fácil se você puder dizer que foi uma outra pessoa das relações sociais do informante quem o recomendou." (THOMPSON, 1992, p. 267). Esse contato mediado por alguém conhecido é de fundamental importância em todos os casos de campo, especialmente em se tratando de entrevistas com imigrantes estrangeiros, uma vez que eles, estando fora de seu país, sempre prezam pela recomendação de segurança em encontros com pessoas consideradas "estranhas".

O local onde ocorreram as entrevistas certamente favoreceu esse diálogo aberto, amigável e informal: uma cafeteria de Palmas, chamada "Café.com.amigos", cujos

proprietários são imigrantes portugueses. É um espaço simples, aconchegante, silencioso e reservado onde foi possível conversar tranquilamente, enquanto era saboreado um delicioso cafezinho, bem à moda brasileira. Para isso, o pesquisador fez contato prévio com os proprietários antes de cada entrevista, com a finalidade de fazer uma espécie de agendamento. O local foi generosamente cedido para um uso mais prolongado e também para que houvesse mais privacidade num dos lados do estabelecimento, a fim de se obter o ambiente adequado para a gravação das entrevistas.

A coleta de dados empíricos foi realizada com o uso dos materiais descritos na seção "materiais".

A AC foi realizada conforme Bardin (2011), visando "trazer à superfície fatos do contexto social (...) não compreendidos" (CAMPOS, 2015, p. 21). Tal análise é composta por um conjunto de técnicas de pesquisa que permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos, e compará-los entre comunidades (BARDIN, 2011). A AC, conforme a descrição de Bardin, segue as seguintes etapas: 1) organização da análise, onde ocorrem as sub-etapas: a) pré-análise, b) exploração do material escolhido para compor o corpus documental e c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação; 2) a extração de unidades temáticas ou codificação, que possui as seguintes sub-etapas: a) separação das unidades de registro e de contexto, b) definição de regras de enumeração e c) definição entre análise quantitativa ou qualitativa; 3) categorização dos dados, que foi feita nesta pesquisa a partir de temáticas constantes na obra de Park e Burgess (1921), como por exemplo: sociedade e grupo, interação social, contatos sociais, dentre outros; 4) Inferência do pesquisador a partir de pontos interpretativos de destaque; e, por fim, 5) o tratamento informático, relacionando a categorização aos diversos autores lidos (BARDIN, 2011).

FASES DA PESQUISA

Na primeira fase da pesquisa houve a realização do levantamento bibliográfico para obtenção do Estado da Arte a respeito do tema da migração humana. Em seguida foi realizado o levantamento dos dados gerais dos imigrantes qualificados que estudavam na UFT no ano de 2019, através da Pró-reitoria de Graduação - PROGRAD, do Diretório de Assuntos Internacionais - DAI (chamado recentemente de RELINTER) e da Secretaria Acadêmica. Também foi realizado o levantamento dos dados gerais dos imigrantes qualificados que estudavam no IFTO no ano de 2019, através da Secretaria Acadêmica. Os dados levantados foram catalogados e analisados, para identificação dos estudantes de graduação, a fim de serem contatados com vistas à realização de entrevistas.

Na segunda fase foi elaborado o roteiro das entrevistas, com questões semi-estruturadas (Apêndice 1), que foram realizadas a partir da técnica de *Snowball*, ou Bola

de Neve (BIERNACKI; WALDORF, 1981). O contato inicial foi mediado por uma egressa do PPGCIAMB, que tinha acesso a estudantes estrangeiros das duas IES citadas. O primeiro contato foi feito com o acadêmico Simplício, do IFTO. Nessa comunicação foi destacado o motivo do contato, o tema da pesquisa, a necessidade das entrevistas, etc. Por fim, o agendamento da entrevista foi realizado e a mesma executada. Após a entrevista, Simplício indicou o próximo entrevistado, Jovelino, que indicou Alain, que indicou Dennys. Assim, as quatro entrevistas foram realizadas, seguindo o processo indicado acima.

As entrevistas foram individuais. Em cada uma delas, os entrevistados tiveram acesso às perguntas com antecedência, antes do início da entrevista, bem como assinaram um Termo de Consentimento para realização das mesmas e do uso das informações na pesquisa. As perguntas foram realizadas para estimular o entrevistado a falar sobre sua vida e sobre os aspectos do processo de imigração e inserção na nova comunidade. Após a realização das entrevistas, as mesmas passaram pela fase de transcrição, que é a redação por escrito de todas as gravações das entrevistas em documentos no *software Word,* que serviram para análises em fase posterior. Para isso, foram lidos diversas vezes pelo pesquisador, a fim de encontrar pontos de destaque relevantes.

Em seguida foi realizada a organização das categorias, relacionando-as às fontes previamente lidas, referentes a documentos analisados e fichamentos de referências bibliográficas, bem como notas, inferências e conclusões autorais. Destaca-se o uso da obra *Introduction to the Science of Society, de* Park e Burgess (1921), de onde foram retirados alguns exemplos de categorias utilizadas em pesquisas semelhantes com imigrantes, que coadunam com o tema e os objetivos desta pesquisa. Depois de separadas as categorias, passou-se a alimentá-las. Ressalta-se que, para os fins desta pesquisa qualitativa, o olhar do pesquisador não foi em hipótese alguma substituído pelo uso de *softwares*.

A terceira fase foi a de análise dos dados documentais e bibliográficos. A AC das entrevistas (BARDIN, 2011) se deu com o objetivo de compreender as ideias, pensamentos, projeções futuras e temáticas diversas permeadas entre sujeitos pesquisador e pesquisados, a partir das entrevistas, relacionando-as a referenciais bibliográficos para elucidar questões e chegar-se a distinções do texto (BAUER, 2002). A AC foi realizada conforme as 5 etapas de desenvolvimento do método de Bardin (2011), como já citado anteriormente.

Na quarta e última fase se deu a elaboração do relatório final da pesquisa, seguindo as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, com base nos dados levantados na pesquisa bibliográfica e nas entrevistas. Assim foi possível produzir reflexões teórico-metodológicas que deram suporte à análise dos dados. Por intermédio dos documentos elaborados mediante as entrevistas com os imigrantes qualificados, foi possível apresentar informações valiosas relativas à temática das imigrações qualificadas e o processo de inserção dos imigrantes nas novas comunidades. Feito e apresentado o registro documental final da pesquisa, o mesmo foi adequado e transformado nesse livro

que agora chega às suas mãos.

MIGRAÇÕES HUMANAS COMO TEMÁTICA SOCIOAMBIENTAL

Um dos maiores desafios enfrentados em nível global na atualidade é a temática das migrações ou mobilidade humana, inclusive dos refugiados. O tema é assunto de relevantes reflexões devido ao crescimento contínuo do fenômeno (Tabela 1), à sua repercussão humanitária, suas implicações econômicas e políticas, aos diversos impactos causados no indivíduo, nas famílias, nas comunidades envolvidas, nas culturas, seja dos lugares de partida dos emigrantes, ou dos que recebem os imigrantes. A *International Organization For Migration* - IOM observa que há um esforço de entidades e governos reunidos em torno do tema, em busca de proteção das populações em trânsito, de saúde, educação, melhores condições de vida, enfim, de propostas para amenizar a questão migratória (IOM, 2020).

Ano	Número de Migrantes	% de migrantes em relação à população mundial
1970	84,460,125	2.3%
1975	90,368,010	2,2%
1980	101,983,149	2.3%
1985	113,206,691	2.3%
1990	153,011,473	2.9%
1995	161,316,895	2.8%
2000	173,588,441	2.8%
2005	191,615,574	2.9%
2010	220,781,909	3.2%
2015	248,861,296	3.4%
2019	271,642,105	3.5%

Tabela 1: Migrantes internacionais entre 1970-2019.

Fonte: Elaboração do autor, baseada em dados da IOM/ONU - *World Migration Report*, 2020.

No meio científico o tema se mostra mais e mais presente, o que é constatado através do número crescente de trabalhos e publicações sobre o assunto, como visto no

estado da arte a respeito do tema (COUTINHO; BIJOS; RIBEIRO, 2018). Na classificação do fenômeno migratório que será apresentada posteriormente, será abordado que existe a migração nacional e internacional ou transnacional. Visto pela perspectiva do lugar de saída ou de chegada a pessoa que migra pode ser chamada de emigrante ou imigrante. A respeito dos motivos para migrar, Ojima e Nascimento (2008) classificam os migrantes como por opção ou obrigatórios, e Pereira e Tuma Filho (2012) tratam das micro e macro migrações.

Devido ao recorte da pesquisa, será enfocada e detalhada a tipificação mais comum quanto aos motivos e propósitos dos fenômenos migratórios, onde os grupos de migrantes são tratados do ponto de vista dos lugares que os recebem em: refugiados, imigrantes obrigatórios ou refugiados ambientais, e imigrantes qualificados transnacionais, esses últimos, sendo o enfoque da pesquisa.

Da Mata *et al.*(2007) trazem em sua pesquisa as características das cidades que atraem imigrantes qualificados; Accioly (2009) discute conceitos ligados à imigração qualificada no mundo; Silva (2011) observa a temática sob viés da identidade regional; Nair e Webster (2013) estudam a presença de imigrantes qualificados da área de saúde em países emergentes, especialmente na Índia e na Indonésia; Hoxhaj *et.al.* (2016) analisam a imigração de trabalhadores qualificados da África Subsaariana para países desenvolvidos; Moraes e Queiroz (2017), abordam os ganhos e as perdas com a imigração qualificada no Brasil, ao destacar que é necessária maior pesquisa sobre o tema no país; Conrad e Meyer-Ohle (2018) problematizam a imigração de estrangeiros altamente qualificados contratados para trabalharem na indústria de ponta do Japão; Hajian *et al.* (2019) avaliam a intenção e os interesses dos imigrantes de graduação em Medicina e Odontologia nos países desenvolvidos, tentando traçar um perfil desses imigrantes e de suas motivações; Oishi e Hamada (2019) trouxeram um estudo sobre o aumento da emigração qualificada do Japão para a Austrália, após o desastre atômico de Fukushima.

Ao se observarem as migrações humanas de forma disciplinar, se vê que o tema desperta o interesse de várias áreas de conhecimento, como Desenvolvimento (PATRÍCIO; PEIXOTO, 2018), Economia (COBB JR, 2002), Geografia (DA MATA *et al.*, 2007), Direito (GARCIA; GONÇALVES, 2009; RAMOS, 2011), Teologia (BAUCKHAM, 2010), Antropologia (SILVA, 2011), História (NODARI; KLUG; 2012), Demografia (FATIMA; RODRIGUES, 2014), Sociologia (PADILLA; FRANÇA, 2015), Política (MORAES; QUEIROZ, 2017), Educação (SOUZA, 2017), dentre outras..

Entretanto, se reconhece que a abordagem das migrações não pode ser observada por um único olhar disciplinar, devido à complexidade do tema (JANSEN, 1969; JANSEN, 2016), o que aponta para a necessidade de uma investigação interdisciplinar. Nesse sentido, é percebido que nas Ciências Ambientais há abordagens mais amplas e plurais quanto à vulnerabilidade e riscos humanos relativos às questões migratórias e de

alterações climáticas (BIRKMANN, 2006), sobre o imigrante como refugiado ambiental ou deslocado (CLARO, 2012), quanto à importância do desenvolvimento de uma governança migratória internacional (BADIE *et. al*., 2008; CLARO, 2012) e a respeito das relações entre desenvolvimento e sustentabilidade no saber ambiental (LEFF, 2012).

Em outras áreas interdisciplinares, se vê a defesa de abordagens integrativas sobre as migrações contemporâneas brasileiras (OJIMA; NASCIMENTO, 2008; NUNES; TYBUSCH, 2015), quanto à aproximação dos historiadores da migração com os historiadores ambientais (NODARI *et. al.,* 2017), sobre a relação da Sociologia com as migrações (TEDESCO *et. al*., 2018), dentre outras questões, apontando que

> os problemas das sociedades contemporâneas e das suas interfaces com as dinâmicas ecossistêmicas podem ser melhor captados, estudados e explicados se os diversos e diferentes conhecimentos se confrontarem com novos objetos complexos, vistos e visitados por olhares distintos e complementares, acompanhados por novos procedimentos metodológicos (FLORIANI, 2006, p.11).

Nesta pesquisa, o trato do tema das migrações humanas é feito sob a ótica interdisciplinar socioambiental, buscando integrar as questões sociais às ambientais, para problematizar, analisar e apresentar algumas respostas referentes ao tema. Segundo Veiga (2007), socioambiental é um conceito emergente, com cunho político, que busca aliar natureza, sociedade e cultura. Leandro *et al.* acrescentam que "a problemática socioambiental incorpora as questões sobre a qualidade de vida e bem-estar dos indivíduos e coletividades..." (2015, p.146). Ao tratar as migrações humanas com esse caráter, possibilita-se a ampliação dos "espaços para a constituição de outras culturas de conhecimento do mundo e de outras práticas de produção e apreensão material" (FLORIANI, 2006, p.71), sem os hegemonismos da disciplinaridade, com o intuito de destacar a complexidade dos fenômenos sócio-naturais (FLORIANI, 2006), aplicando-se a ideia de que a Ciência é a "reflexão sobre a reflexão" (BACHELARD, 1991, p.294).

Estudos interdisciplinares e transdisciplinares sobre o tema das migrações humanas traçam novos caminhos de pesquisa e auxiliam na busca de resultados, pois "o ato de emigrar não é apenas resultado de respostas mecânicas às necessidades econômicas, mas envolve uma complexa rede que também se manifesta por um vocabulário de sentimentos" (SILVA, 2011, p. 64). Considerando essa complexa rede que envolve tantos elementos, e a transposição do estudo disciplinar da questão, evita-se a chamada “cegueira epistêmica”, de que trata Mignolo (2002). Isso é fundamental em questões complexas como as abordadas nesta pesquisa.

A disciplinaridade é uma forma histórica e finita de saber (RAMOS JR., 2019). Por este motivo, existe na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade uma "rota mais esperançosa (...), onde as disciplinas trabalham entre si" (GORDON, 2017, p.119)

cooperando na construção de conhecimento. Dessa forma, esta pesquisa valoriza a interdisciplinaridade, bem como, o diálogo de saberes, inclusive dos saberes tradicionais, o desenvolvimento de novas estratégias conceituais, o foco em valores como qualidade de vida, identidades culturais e sentidos da existência, tendo como objetivo "a reconstrução social, através de uma transformação ambiental do conhecimento" (LEFF, 2004, p. 230).

Por isso, olhar o tema do ponto de vista do saber ambiental possibilita a superação da homogeneidade de pensamento e da racionalidade científica formal e instrumental.

PANORAMA GERAL DAS MIGRAÇÕES HUMANAS

Para abordar-se o tema da mobilidade humana, aqui chamada de migrações humanas, far-se-á um panorama geral sobre seus conceitos, algumas de suas subdivisões, destacando-se a imigração qualificada como tema principal.

Breves abordagens sobre as migrações humanas

As migrações humanas representam uma das diversas tensões existentes na discussão ambiental contemporânea, pois apresentam questões de ocupação dos territórios, desequilíbrio ambiental, segurança, identidade, políticas públicas, ecossistemas humanos, dentre outras. Apontam para grandes desafios que se impõem de forma acentuada à Sociedade Ocidental nas últimas décadas, mesmo não sendo uma temática apenas do presente momento histórico.

Lonergan e Swain (1999) tratam das migrações humanas sob a perspectiva dos deslocamentos causados por questões ambientais e apontam para os desafios e complexidade envolvidos nos movimentos migratórios.

Para Salehyan e Gleditsch (2006), os movimentos populacionais decorrentes de fluxos de refugiados de guerras e de conflitos acabam por ser um mecanismo importante de difusão de instabilidades para regiões vizinhas ou próximas. Os autores acrescentam que a presença de refugiados e populações deslocadas pode influenciar no aumento do risco de conflitos subsequentes nos países de acolhimento.

Marandola e Hogan (2016) discutem temas como vulnerabilidade e riscos nos processos migratórios, aproximando diferentes ciências, como a Geografia e a Demografia, para aprofundar as discussões conceituais dessas categorias, buscando aproximar os dois campos de conhecimento. Dessa forma, visam aprimorar conceitualmente as diferentes nuances do trabalho empírico, especialmente nos estudos relativos à população e ao ambiente, considerando as migrações como um ponto comum para o diálogo entre as duas disciplinas.

Nunes e Tybusch (2015) tratam da mobilidade humana do ponto de vista da Ecologia Política. Mostram que muitos dos desastres ambientais que vêm ocorrendo, tais como

enchentes, deslizamentos e desmoronamento de habitações fixadas em encostas, na verdade apontam para problemas ecológicos relacionados às políticas públicas, à pobreza e à dinâmica social. Eles enfocam o tema especialmente em relação à América Latina.

Silva e Oliveira (2015) também apontam para a migração na América Latina, ao abordar como se dá o fenômeno na Amazônia, especificamente, em relação aos imigrantes que entram na fronteira de Roraima, no Brasil. Os autores desenvolvem a questão dos imigrantes irregulares na região e apontam os desafios para a regularização dos mesmos, discutindo temas como integração social e garantia de direitos para os imigrantes irregulares. Eles compreendem que o Brasil ainda tem muito a avançar nas políticas referentes ao tema.

Outras pesquisas trazem contribuições sobre as migrações a partir de reflexões que aprimoram a compreensão das relações e trocas interculturais, a formação das identidades, o valor do acolhimento, os desafios da integração cultural, o papel do hibridismo na transformação das culturas e a relação dessas questões com a área da Geopolítica.

Exemplo dessas reflexões são as contribuições de Stuart Hall (1997), que vê as migrações como fenômeno presente e relevante no mundo contemporâneo. Para Hall, existem dois pólos opostos no fenômeno migratório: por um lado, aponta para a realidade da tragédia humana que se manifesta através das separações familiares, do empobrecimento, da violência, da insegurança pessoal e da quebra dos direitos humanos produzidos pelas "diásporas" (HALL, 2003), e, por outro lado aponta para as migrações como possíveis promotoras do hibridismo e da diversidade culturais (HALL, 2014). Conclui uma de suas obras afirmando que, apesar do Liberalismo e do Marxismo terem propagado a universalização cultural, a globalização atual parece não estar apontando para esta direção, mas ao contrário, revelando aspectos de uma "descentração" cultural (HALL, 2014).

Bhagwati (2004) apresenta algumas ressalvas em relação às migrações, especialmente àquelas realizadas em bloco, como as atuais, por causa dos impactos econômicos e políticos que podem produzir. O autor ainda acrescenta que as migrações não devem ser coibidas, mas redefinidas através de novas políticas públicas, desenvolvidas por organizações transnacionais.

Said (2011) desenvolve suas reflexões sobre as migrações a partir do contexto da descolonização no Século XX, considerando a discussão entre o moderno e o pós-moderno. Ele compreende as migrações como uma das consequências mais tristes da contemporaneidade. Diz ele:

> pois certamente uma das características mais lamentáveis da época é ter gerado mais refugiados, imigrantes, deslocados e exilados do que qualquer outro período na história, em grande parte como (...) consequência dos grandes conflitos pós-coloniais e imperiais (SAID, 2011, p. 504).

Apesar de apontar para o aspecto trágico do fenômeno, como também fez Hall (2011), ele percebe que o espírito presente nas migrações é marcado pela "obstinada rebeldia" (SAID, 2011, p. 504), capaz de impulsionar grandes transformações, devido ao seu grau de "inadequação" (SAID, 2011, p. 506). Segundo ele, esse mesmo espírito exilado deveria marcar a atual cultura, sendo capaz de fazer as pessoas superarem o confinamento e "as restrições imperiais, nacionais e provinciais" (SAID, 2011, p. 509) em busca da independência e do desprendimento.

Rushdie (1991), literato indiano de origem muçulmana, nascido em Bombaim, mas radicado no Reino Unido, conhecido mundialmente por seus "Versos Satânicos", abordou em suas obras o tema do desenraizamento do imigrante, a partir de sua própria experiência pessoal, ao viver dividido entre a cultura original (indiano-muçulmana) e a cultura de seu novo país (ocidental). Condenado à morte por apostasia pelo Aiatolá Khomeini do Irã, em 1989, viveu a ambiguidade de estar entre a nova cultura que desejava adquirir e a antiga cultura que ainda estava entranhada à sua identidade, experimentando o sofrimento desta contínua metamorfose (OSBORNE, 2016). Apesar disso, Rushdie destacou o caráter positivo da hibridização, da "impureza", da mistura e da transformação resultantes do intercâmbio cultural gerado pelas migrações (RUSHDIE, 1991; HALL, 2014).

Dalrymple (2015), psiquiatra do Reino Unido, estudioso da cultura e sociedade inglesas, apresenta suas reflexões a respeito dos impactos positivos e negativos das migrações, observando as consequências, tanto para os países de onde partem os emigrantes, como Índia, Paquistão, China, Quênia, etc., quanto para os países que recebem os imigrantes, como Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales. Vê com ressalvas os processos migratórios em massa, como os atuais, sendo, inclusive, a favor do *Brexit*[1].

Zimerman (2017), sociólogo brasileiro estudioso das migrações, trata dos impactos gerados por este fenômeno, analisando especialmente as consequências do recebimento de imigrantes no Brasil nos últimos anos. Sua avaliação é positiva a respeito do assunto: ele acredita que uma nação protagonista regional e mundialmente, como o Brasil, deve possuir políticas públicas objetivas e atualizadas que possam trazer segurança aos processos migratórios.

Bauman (2017) destaca os elementos contraditórios referentes às migrações atuais. Entende que o fenômeno é bem antigo, mas traça paralelos com diversos temas que afetam a sociedade contemporânea, tais como cultura, xenofobia, racismo, medo, economia, política, soberania nacional, direitos humanos, etc. Destaca que as migrações em massa têm gerado certo medo nas sociedades ocidentais, resultando em insegurança

---

1. *Brexit* é a abreviação de *Britain Exit*, expressão que faz referência à saída britânica da União Européia, ocorrida através de decisão tomada pelo Parlamento Inglês no dia 31 de janeiro de 2020. A antiga Britânia é chamada hoje de Reino Unido, que é comporto por quatro países (Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales).

e instabilidade que são exploradas por alguns estados e mercados, originando políticas públicas restritivas à imigração. Em sua visão, as nações não devem construir muros, impedindo a imigração, mas pontes seguras que combatam as desigualdades sociais.

Finkielkraut (2017) é um filósofo francês que discute em obra recente a questão da imigração na Europa, especialmente na França. Embora não se coloque contra a imigração e desenvolva uma posição anti-etnocêntrica, o autor francês defende uma imigração moderada, capaz de resguardar a cultura local, bem como respeitar os elementos culturais dos recém-chegados. Suas reflexões fazem parte do momento que a França experimenta nos últimos anos com a imigração em massa de africanos muçulmanos, que acontece concomitantemente com a emigração de judeus-franceses para outros países. Para o autor, tais eventos estão interconectados (FINKIELKRAUT, 2017).

A Relação das migrações com outros termos afins

O termo migração tem ligação direta com conceitos como nação, território nacional, identidades étnicas, identidades nacionais, geopolítica e globalização, dentre outros. Para esta pesquisa, confluiremos esses conceitos nas categorias gerais de território, identidade, comunidade e enraizamento (Figura 5).
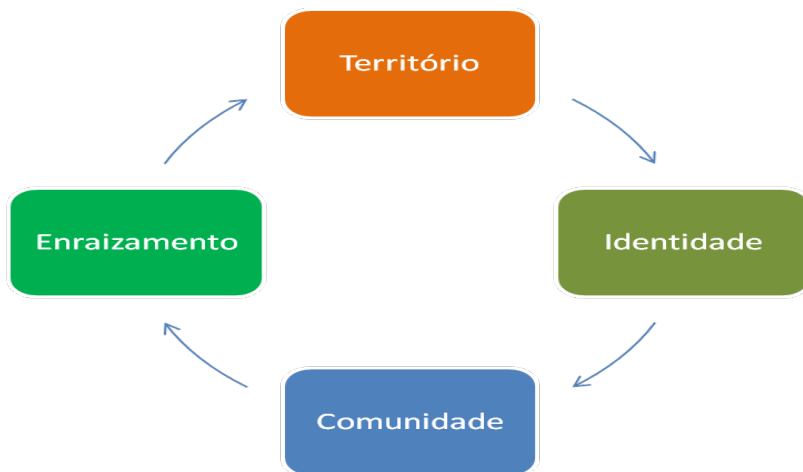
Figura 5 - Termos relacionados às migrações

Fonte: elaboração do autor, 2020.

Território é um termo polissêmico, com várias possibilidades de interpretação, embora fortemente ligado à área da Geografia, mas com concepções variadas mesmo dentro dessa área de conhecimento (VALE *et al.*, 2005). Na Geografia, é tradicionalmente visto como uma porção do espaço, delimitada com superfícies, formas e limites (BAILLY *et al.*,1992), sendo este um significado inicial do termo. É nos territórios que os fluxos populacionais transitam. Friedrich Ratzel foi o primeiro pesquisador da Geografia moderna

a enunciar o conceito de território, relacionando-o ao conceito histórico e político, dentro do contexto do Estado alemão (VALE *et al.*, 2005).

Aos poucos, a categoria foi ampliada dentro da própria Geografia, tornando-se uma de suas mais importantes. Milton Santos (2001), um dos maiores geógrafos brasileiros, atuante na Geografia Crítica, que buscava construir uma geografia a partir dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (QUEIROZ, 2014), ao longo de sua própria obra, expande o conceito de território, segundo aponta Fuini (2018). Queiroz (2014) acrescenta que Santos relaciona o território a outras categorias, como o espaço geográfico e o lugar (Quadro 1).

Ano	Obra	Conceito apresentado por Milton Santos
1978	"Por uma geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica"	O território é um componente do Estado-nação. A soberania do Estado regula a relação entre o povo e seu espaço e entre os diversos territórios nacionais. Para Santos, o território é imutável em seus limites, traçado em comum acordo ou à força, portanto não terá necessariamente a mesma extensão com o passar do tempo histórico.
1994	"Território, Globalização e Fragmentação."	Adiciona o conceito de território usado, como sendo os objetos e ações, sinônimo de espaço humano e habitado. Poderia ser, então, formado por lugares contíguos e em redes e interações espaciais.
2001	"Brasil: território e sociedade no início do século XXI", escrita com Maria Laura Silveira.	O território "não é um dado neutro nem um ator passivo" (SANTOS, 2001, P. 80). Seu uso pode ser definido pela implantação de sistemas de engenharia ou infraestruturas, e pelo dinamismo da economia e da sociedade.

Quadro 1: Resumo do pensamento de Santos à respeito de Território

Fonte: Organização do Autor (2020), mas baseado em QUEIROZ (2014).

Mais recentemente, de uma forma mais "arejada e interdisciplinar", Souza (2005) aponta que o território é "um espaço definido e delimitado pelas relações de poder" (SOUZA, 2005, p. 78). O autor acrescenta que o território, ao abranger o espaço, o faz enquanto forma de capital (SOUZA, 2005) e diz:

> A questão primordial aqui, não é, na realidade, quais são as características geoecológicas e os recursos naturais de uma certa área, o que se produz ou quem produz em um dado espaço, ou ainda quais são as ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço (SOUZA, 2005, p. 78).

O autor discute ainda as escala a que o território pode ser ligado, tanto micro (uma rua ou um bairro) quanto macro (um país ou um continente), e tenta assim desmistificar a relação feita anteriormente entre território e Estado, especialmente na ligação "de carga ideológica: o território nacional" (SOUZA, 2005, p. 81). Ele discute que o território

> não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala nacional e em associação com o Estado como grande gestor (...) Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex, uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAM); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter uma caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica (SOUZA, 2005, p. 81).

O conceito de território extrapolou as fronteiras geográficas. É um conceito amplamente usado nas Ciências Sociais, tendo surgido nessa área bastante atrelado ao conceito de habitat, e ganhando posteriormente outras conotações. Leff (2012), por exemplo, relaciona o conceito de habitat à territorialidade, ao dizer que habitat seria:

> lugar em que se constrói e se define a territorialidade de uma cultura, a espacialidade de uma sociedade e de uma civilização, onde se constituem os sujeitos sociais que projetam o espaço apropriando-se dele, habitando-o com suas significações e práticas, com seus sentidos e sensibilidades, com seus gostos e prazeres (LEFF, 2012, p. 283)

A definição de Leff (2012) vai além da compreensão tradicional de habitat e engloba situações geopolíticas, econômicas, antropológicas, históricas, ecológicas e ambientais, visto que os movimentos migratórios causam impactos "nas configurações identitárias locais e nas economias" (SILVA, 2011, p. 33).

Diante de tal diálogo teórico, entende-se que, para que se estude a mobilidade humana e sua relação com os conceitos acima descritos, são requeridos métodos, técnicas, ferramentas, sistemas de pensamento de diversas áreas de conhecimento, num esforço interdisciplinar de pesquisa (TURPIN *et al.*, 2015).

Falando sobre identidade, Castells (2018) discorre sobre a importância de sua na cultura local e como forma de resistência através da participação das comunidades formadas. É possível afirmar que a identidade serve para o imigrante como conquista da autonomia e qualidade de vida. Sobre a construção da identidade, Castells (2018) acrescenta:

> No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social (CASTELLS, 2018, p.22).

Para o autor as pessoas de certa forma resistem ao processo de individualização ou atomização, e como Bauman (2017), Castells (2018) afirma que os indivíduos tendem a se organizar em comunidades para que consigam ter o sentimento de pertença cultural e

comunal, tão importantes para demarcação do território.

Comunidade é um conceito bastante difundido na atualidade. "No sentido lato, uma comunidade designa um grupo de pessoas unidas por laços de sociabilidade bastante estritos, por uma subcultura comum e pelo sentimento de pertencerem ao mesmo grupo" (DORTIER, 2010, p. 88). A princípio, Tönnies (1947) diferenciou comunidades de sociedades, destacando que as relações que existem no interior de uma comunidade são as que se encontram no interior de uma família, de uma tribo ou da comunidade de uma aldeia, tendo como características o calor afetivo, e a solidariedade entre os membros. Diferentemente, as relações dentro de uma sociedade, seriam mais funcionais, distantes e calculadas, geralmente movidas por interesses específicos ou econômicos.

Mais recentemente, entretanto, "houve um aprofundamento da idéia de comunidade, como sendo grupos com uma forte identidade, ritos, códigos de reconhecimento, símbolos, emblemas e bandeiras, uma subcultura e uma linguagem comuns, solidariedade entre os membros, e, finalmente, um conjunto de regras de conduta interna" (DORTIER, 2010, p. 88).

As comunidades podem ser de vários tipos, sendo as mais comuns as religiosas, as acadêmicas, de grupos profissionais, organizações políticas, de grupos minoritários, associações, grêmios, círculos de amigos, clubes, etc.

Quanto às comunidades nacionais, elas são "comunidades imaginadas", segundo Anderson (1993). Para este importante pensador contemporâneo, elas existem em torno de um imaginário nacional fundado numa representação mítica da nação. Nesse sentido, as nações formadas em torno de uma cultura e de emblemas comuns fazem parte do modelo comunitário (ANDERSON, 1993).

Nos últimos anos, Bauman (2003) escreveu uma significativa obra a respeito do tema das comunidades, apontando primeiramente para o seu valor quase equivalente ao do "mito de um paraíso perdido", ao transmitir as idéias de segurança, certeza, proteção e estabilidade para uma sociedade tão instável. Entretanto, ao problematizar o conceito, o autor polonês evidencia o dilema existente entre as idéias vinculadas à formação das comunidades no Século XXI, como segurança de um lado, e liberdade do outro, ambas bastante significativas para o mundo contemporâneo, mas aparentemente irreconciliáveis.

É a partir desse dilema que Bauman (2003) apresenta as duas idéias gerais por trás da noção de comunidade na atualidade: a comunidade estética e a comunidade ética. Para ele, a primeira seria fundamentada sobre a noção da beleza, que geraria "um acordo amplamente partilhado, explícito ou tácito, expresso numa aprovação consensual do juízo ou em conduta uniforme" (BAUMAN, 2003, p. 62). A segunda seria uma comunidade

> tecida de compromissos de longo prazo, de direitos inalienáveis, e obrigações inabaláveis (...) do tipo do compartilhamento fraterno, reafirmando o direito de todos a um seguro comunitário contra os erros e desventuras, que são os riscos inseparáveis da vida individual (BAUMAN, 2003, 68).

Vê-se aqui claramente o paradoxo entre as buscas por segurança e por liberdade no mundo hodierno, e entre a valorização do individual e do coletivo por detrás da idéia de comunidade.

Sobre o enraizamento, Bosi (2003) afirma que "O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro" (BOSI, 2003, p. 75). Devido a essa vivência coletiva as pessoas se sentem engajadas em algo maior do que elas mesmas: uma cultura, uma história, uma cosmovisão, uma utopia.

Entretanto, quando há mudanças abruptas, ou mesmo prolongadas, que implicam em novas formas de viver, de pertencer a novas comunidades, com novos valores, pode acontecer o desenraizamento, e com ele a perda de identidade. Por isso é significativo o que Nogueira *et al.* (2017) afirmam, ao apontar que

> A cada vez que convidamos alguém a ouvir nossa história (que aceitamos o convite para contar nossa história) estamos dando as mãos e seguindo juntos pelos enraizamentos diversos que uma vivência produziu em nós e, assim, podemos cultivar diferentes frutos, da mesma raiz (NOGUEIRA *et al.*, 2017).

Ades (2004), por sua vez, interpreta

> o enraizamento a partir da idéia mais ampla da integração dos seres vivos ao ambiente, uma idéia que permeia a Biologia e que coloca os indivíduos e o seu contexto (o seu nicho) como partes interativas num sistema que a história evolutiva integrou. Daí que não se entende plenamente a vida de animal enquanto não for considerada a maneira como este animal se insere (...) no ambiente em que sobrevive (ADES, 2004, p. 241).

Dessa forma, o enraizamento está ligado ao ambiente, à vida comunitária e aos valores desenvolvidos nela. Com as migrações pode acontecer um processo geral de desenraizamento devido à mudança de uma ou de um conjunto dessas variantes (RUSHDIE, 1991). Mas, mesmo assim, as raízes de cada um podem ser compartilhadas nas trocas de experiências entre pessoas de diferentes lugares, culturas, línguas e nações, proporcionando o enriquecimento existencial de partilhar "universos diferenciados” (BAUMAN, 2003).

Classificação das migrações

Neste momento, faz-se importante ressaltar as classificações básicas da mobilidade humana, em termos gerais e introdutórios, visto que encontra-se no senso comum uma grande alternância dos termos abaixo descritos, por isso, é importante esclarecê-los.

Quanto à classificação e tipificação do fenômeno migratório (Tabela 2), existe a migração nacional, que ocorre entre os estados do mesmo país e a migração internacional ou transnacional, que ocorre entre países diferentes (MARTINE, 2005; MORAIS; QUEIROZ, 2017).

MIGRAÇÃO NACIONAL	Quando as pessoas migram entre os estados de um mesmo país
MIGRAÇÃO INTERNACIONAL	Quando as pessoas migram de um país para o outro

Tabela 2. Classificação quanto à tipificação do fenômeno migratório

Fonte: Elaboração do autor, 2020.

A migração que é o enfoque desta dissertação é a migração internacional, também chamada de transnacional, cuja denominação engloba "fenômenos distintos, com grupos sociais e implicações diversas" (PATARRA, 2006, p. 9), da mobilidade humana que cruza as fronteiras dos Estados-nação, movimento esse que traz desafios a serem vencidos por todos os atores envolvidos.

Ao se classificar o migrante do ponto de vista do país de onde ele está partindo (Tabela 3), ele é considerado emigrante, e do ponto de vista do país que o recebe ele é imigrante (RUIVO, 2006; SILVA, 2011).

EMIGRANTE	Aquele que parte de um local para morar em outro
IMIGRANTE	Aquele que chega em um local para morar

Tabela 3. Classificação geral do migrante

Fonte: Elaboração do autor, 2020.

Quanto às razões para migrar, há duas categorias básicas de migrantes (Tabela 4): a dos migrantes por opção, que são os que optam por migrar, por motivos diversos; e a dos migrantes obrigatórios, que são aqueles forçados a deixar seu lugar de origem por motivos alheios à sua vontade (OJIMA; NASCIMENTO, 2008).

MIGRANTE POR OPÇÃO	Aquele que opta partir de seu lugar para outro, por motivos diversos
MIGRANTE OBRIGATÓRIO	Aquele que é forçado a deixar seu lugar por motivos alheios à sua vontade (guerras, perseguições, mudanças climáticas)

Tabela 4. Classificação do migrante quanto às razões para migrar

Fonte: Elaboração do autor, 2020.

Dentre os migrantes obrigatórios, existem diversos motivos para essa migração, tais como os econômicos, as guerra e a segurança, e pelas questões ambientais, como a das tragédias dos comuns[2] (HARDIN, 1968), também conhecida por tragédias dos bens comuns (CASTRO, 2018), referentes às interferências antrópicas no ambiente (CLARO, 2012).

A Organização das Nações Unidas (ONU) aponta que em 2018 mais de 258 milhões de pessoas eram migrantes internacionais, provindos de vários países do mundo, isto é, indivíduos que residiam num país diferente de onde nasceram (ONU, 2018). O relatório referente a dados de 2017, apontava que

> a maioria desses migrantes se desloca entre países de maneira segura, ordenada e regular. As Nações Unidas calculam que o número total de migrantes internacionais cresceu 49% desde 2000, superando a nível mundial taxa de crescimento populacional, que é de 23%. Como resultado disso, a taxa de migrantes pulou de 2,8 % para 3,4% da população mundial (ONU, 2018 - tradução do autor).

Dados do relatório de 2020 da *International Organization For Migration* (IOM) - Organização Internacional para Migração, uma das organizações da ONU que trata de mobilidade humana, referente a dados coletados em 2019, o número global de migrantes internacionais em 2019 era de 272 milhões de pessoas, o que representa 3,5% da população mundial (IOM, 2020). O relatório aponta ainda que

> dentre os migrantes internacionais 52 % são homens, 48 % são mulheres e 74% dentre todos os migrantes internacionais estão em idade de trabalho (20-64 anos) (IOM, 2020, p. 3).

Além disso, o relatório destaca que grande parte da migração ocorre devido a conflitos, eventos climáticos e crises econômicas, afetando em grande parte mulheres e crianças, que são 6 em cada 10 migrantes.

Dos 5 continentes, a África é apontada como o continente com segunda maior densidade demográfica (ONU, 2020b), atribuída em grande parte à deficiências em relação

2. Do inglês *Tragedy of commons,* onde *commons* no contexto ambiental não significa comuns, como no sentido literal, e sim "bens comuns", ao apontar como o indivíduo age para com os recursos naturais em favor apenas de si, não levando em conta o impacto negativo causado aos demais que também necessitam daquele recurso.

ao controle de natalidade e situação social, mas esse crescimento populacional, é "no entanto, suavizado pela grande emigração africana para outras regiões, especificamente Europa e Ásia" (IOM, 2020, p. 24).

Patrício e Peixoto (2018) acrescentam, ainda conforme dados fornecidos pela ONU, que, "considerando as grandes áreas geográficas do mundo, o volume da migração sul-sul ocupa o lugar cimeiro, com 38%, seguido da migração sul-norte, com 35%, norte-norte, com 22%, e norte-sul, com 6%" (PATRÍCIO; PEIXOTO, 2018). Essa denominação de “áreas opacas para as áreas luminosas" é uma referências simbólicas que representam a direção dos fluxos humanos de regiões não-desenvolvidas para regiões desenvolvidas. Observa-se que ocorrem geralmente no sentido periferia-centro, sul-norte e oeste-leste (PATRÍCIO; PEIXOTO, 2018), já que pessoas e grupos migratórios estão normalmente em busca de subsistência, melhor qualidade de vida, segurança, estabilidade, educação, elementos mais comuns em regiões desenvolvidas (BHAGWATI, 2004).

Segundo Etges e Carissimi (2014), zonas ou territórios denominados opacos são aqueles que apresentam e divulgam poucos dados a respeito de si, portanto, com poucas informações comunicacionais, o que lhes dá uma condição de pouca atratibilidade aos que estão migrando. Já o nome de territórios luminosos é dado àqueles que "acumulam densidades técnicas e informacionais e, portanto, se tornam mais aptos a atrair atividades econômicas, capitais, tecnologia e organização" (ETGES; CARISSIMI, 2014, p.45). Do ponto de vista da divulgação de dados, os autores acrescentam que os territórios luminosos "apresentam densidade de informação e conhecimento do território" (ETGES; CARISSIMI, 2014, p.45). É o mesmo que Santos (1999) denomina de zonas luminosas, referindo-se do ponto de vista de desenvolvimento, a territórios que atraem pessoas, empresas e capital, por competirem "vantajosamente com as que deles não dispõe" (SANTOS, 1999, p. 194).

Essas denominações estão diretamente relacionadas aos desenvolvimentos, endógeno, que ocorre internamente, ou exógeno, que ocorre de dentro para fora, já que as micro-migrações e as macro-migrações (Tabela 5) acontecem usualmente em busca de melhorias, como dito anteriormente (PEREIRA; TUMA FILHO, 2012).

MICRO-MIGRAÇÃO	Migração de indivíduos
MACRO-MIGRAÇÃO	Migração de populações (coletivas)

Tabela 5. Classificação da migração quanto ao volume de pessoas

Fonte: Elaboração do autor, 2020.

Ainda é importante destacar o enorme fluxo dos migrantes ilegais, a exemplo de

muitos brasileiros que costumam emigrar para os Estados Unidos, cujas ações migratórias, segundo Silva (2011)

> são iniciativas desvinculadas dos incentivos governamentais e, em certa medida, desestimuladas, uma vez que expõem seus agentes a condições de vulnerabilidade, pelo fato que a grande maioria permanece ilegal nos países aos quais se destinam e alguns se aventuram em travessias arriscadas, caso das tentativas de entrada nos Estados Unidos (SILVA, 2011, p. 33).

Desde o contexto da descolonização no Século XIX, culminando com o desenvolvimento da Globalização no Século XX (SAID, 2011), o fenômeno de grandes deslocamentos humanos vem sendo observado, marcado especialmente pela entrada de milhões de imigrantes nos EUA e na Europa nas últimas décadas, e que os deslocamentos atuais se dão especialmente nos sentidos sul-norte e leste-oeste (Figura 6).

Figura 6: Infográfico dos recentes fluxos migratórios no mundo de 2010-2015

Fonte: GALKA, 2020.

No infográfico de fluxo[3] acima, produzido por Max Galka (2020), os recentes fluxos migratórios no mundo foram rastreados e ilustrados, a partir da localização das migrações, baseadas em dados da Divisão de População da ONU entre 2010-2015. O infográfico procura responder aos seguintes questionamentos: 1) Quantos migrantes existem? 2) De onde eles estão vindo? 3) Para onde vão? Os círculos azuis permitem de forma *on line*

3. Segundo Campos (2014), um infográfico é uma ferramenta usada em design gráfico para representar informações através do uso de imagens ou elementos visuais gráficos, de forma condensada. No caso do infográfico de fluxo, são expostos os passos de um processo. A ferramenta normalmente vem acompanhada de um resumo didático do conteúdo, por escrito.

verificar as estatísticas de cada país. As zonas em vermelho representam territórios onde houve perda de população no recorte temporal. As zonas em azul representam territórios com ganho de população (AD, 2020)

Cabe ressaltar que o fator ambiental é um importante aspecto relacionado à migração humana, pois parte dos fluxos migratórios decorrem de questões ambientais e igualmente impactam o ambiente, as sociedades e consequentemente as culturas. Adger *et al.* (2015) afirmam:

> Para os indivíduos, o meio ambiente e seu papel em suas vidas e experiências, é um fator na decisão de mudar de local. Enquanto muitos trabalhos se concentram no lado negativo dos riscos ambientais como motivações para impulsionar a migração, o meio ambiente como recurso e conjunto de serviços também pode explicar por que a população às vezes vai para um lugar, mesmo quando há riscos ambientais. Muitas vezes isso se dá devido a oportunidades econômicas em outros lugares (Adger ***et al.***, 2015, p.4 - tradução do autor).

A seguir, será explanada a classificação dos principais tipos de imigrantes.

Classificação dos imigrantes

A partir daqui serão destacadas as classificações mais comuns quando se trata dos imigrantes, quanto aos motivos e propósitos da mobilidade dos mesmos. Para os fins desta pesquisa, eles serão divididos em: refugiados, imigrantes obrigatórios ou refugiados ambientais, e imigrantes qualificados transnacionais. Essa divisão é descrita a partir dos modelos teóricos encontrados nas publicações consultadas, citadas à seguir.

Refugiados

Dentre esses migrantes, encontra-se o grupo de refugiados, que são aqueles que fazem deslocamento forçado, ou seja, são obrigados a abandonarem suas casas "em todo o mundo por conta de conflitos, perseguições ou violência generalizada” (ACNUR, 2019).

O termo refugiado aqui é regido pela definição apresentada na Convenção Relativa ao Estatuto do Refugiado, de 1951, conhecida como "Convenção de 51" ou apenas "Convenção", e também numa alteração desse documento denominada Protocolo Relativo de 1967, ambos reeditados no documento denominado "Manual e Diretrizes sobre procedimentos e critérios para determinar a condição de refugiado” (tradução do autor). A Convenção de 51 preconiza que é refugiada a pessoa

> por fundados temores de ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social ou opiniões políticas divergentes, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, em virtude desses temores, não queira valer-se da proteção de tal país, ou que, carecendo de nacionalidade e se encontrando fora do país no qual tinha sua

> residência habitual por consequência de tais acontecimentos, não possa ou não quer voltar ao seu país de origem, devido ao referido temor, (ONU, 2011, p. 52 - tradução do autor).

Como citado acima, os refugiados emigram definitivamente para outro lugar que não o seu, levados por motivos alheios à sua vontade, quais sejam: guerras, catástrofes, conflitos, violência, perseguição religiosa e diversas outras questões socioambientais. Como exemplo, temos as remoções de populações que são promovidas pelo Estado, como no caso dos deslocamentos de população para a construção de empreendimento de infraestrutura, como na instalação de barragens de hidrelétricas, que movimentam milhares de pessoas. O mesmo acontece em processo políticos com a criação de novos Estado-nacionais, oriundos de conflitos étnicos/religiosos.

Por causa disso, normalmente os riscos aos quais esse tipo de imigrante está exposto, especialmente os mais vulneráveis, como pessoas que ainda não têm documentação oficial de refugiado, mulheres e crianças, é enorme (CLARO, 2012). Por isso, esse grupo tem sido uma das maiores preocupações presentes nos tomadores de decisão em todo o mundo, pela causa humanitária em si, mas também pela situação que contribui para a instabilidade nas áreas em que eles são presos ou "acolhidos" provisoriamente, além dos enormes problemas relativos a não observância dos direitos humanos. O relatório da ONU de 2017 já apontava sobre isso que:

> As mulheres migrantes nessas situações enfrentam altos riscos de exploração e violência de gênero. As crianças, principalmente as que viajam sozinhas, estão particularmente em risco. Hoje, muitos migrantes estão presos em países em trânsito que não têm capacidade para cuidar deles, forçados a subsistir em centros de detenção, em campos de refugiados ou a procurar meios ilícitos para se mudar para outro lugar. Nessa situação de trânsito, inclusive quando detidos, os migrantes são expostos a uma série de violações e abusos dos direitos humanos, incluindo violência física e sexual, exploração, sequestro e extorsão (*United Nations General Assembly*, 2017, p.12 - tradução do autor).

Relatórios do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR, órgão ligado à Organização das Nações Unidas - ONU. (ACNUR, 2019) apontam que em 2018 a maior parte dos refugiados em 2018 procedia da Síria, Afeganistão e Sudão do Sul, totalizando 57% dos refugiados, provindos de países com extremos conflitos políticos ou religiosos.

Dentre os países que mais acolhem refugiados no mundo estão Turquia, Paquistão e Uganda, que receberam juntos mais de 6,3 milhões de pessoas, segundo dados de 2018 do ACNUR (ACNUR, 2019).

A mesma comissão aponta que em 2018 o número de refugiados no mundo ascendia a 25,4 milhões de pessoas, o que correspondia a perto de 10% da população migrante global e acrescenta que "é provável que tendências demográficas, juntamente

com forças como os impactos das mudanças climáticas, contribuirá para um maior aumento da migração no futuro" (ACNUR, 2019, s/p.). Dessa forma, pode-se inferir que os deslocamentos populacionais tendem a crescer continuamente neste século XXI.

Normalmente os refugiados não retornam ao seu território de origem, a não ser em casos de mudança total dos motivos que os levaram a migrar, o que dificilmente ocorre.

Imigrantes obrigatórios ou refugiados ambientais

Uma nova expressão vem conquistando espaço nas discussões sobre a relação ambiente-migração: o termo refugiado ambiental, que está ligada à categoria de imigrantes obrigatórios, ou seja, a daquele que precisa migrar por questão de sobrevivência, em função das questões ambientais (OJIMA; NASCIMENTO, 2008). Muita discussão tem sido produzida em torno de tal expressão, desde que El-Hinnawi, pesquisador egípcio, a notabilizou em 1985 num relatório apresentado no Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - UNEP (RAMOS, 2011), a ponto de a expressão ser incorporada à definição da ACNUR sobre tal questão: pessoas que deixam a terra natal em função de ameaças de vida e segurança provocadas pelo ambiente, que podem ser quaisquer mudanças físicas, químicas e biológicas nos ecossistemas ou diretamente nos recursos naturais que o transformam, tornando o ambiente impróprio para manter ou reproduzir vida humana. Nodari (2012) acrescenta que:

> No hemisfério Sul, a questão ambiental tem sua relevância redimensionada por outras questões imbricadas como a desigualdade social, a garantia e o reconhecimento dos direitos humanos, entre outros. Evidentemente, a devastação do patrimônio ambiental e o (ab)uso dos recursos naturais nos países latino-americanos, africanos e asiáticos são temas candentes (NODARI, 2012, p. 8).

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA, define os refugiados ambientais como “pessoas que foram obrigadas a abandonar temporária ou definitivamente a zona onde tradicionalmente vivem, devido ao visível declínio do ambiente (por razões naturais ou humanas) perturbando a sua existência e/ou a qualidade da mesma de tal maneira que a subsistência dessas pessoas entra em perigo" (BOGARDI, 2007, s/p.).

Imigrantes qualificados transnacionais

Outra categoria estudada na temática das migrações é a imigração qualificada. Esta é um fenômeno migratório em que determinada pessoa emigra de seu país, possuindo condição acadêmica mínima de graduação, ou em programas de graduação, envolvendo instituições mantenedoras de estudo, normalmente Universidades estrangeiras. A esses indivíduos dá-se o nome de imigrantes qualificados ao chegarem no país de destino

(VILLEN, 2017).

Os imigrantes qualificados podem ser tanto os que já atingiram o ápice da carreira acadêmica, como aqueles que estão em fase de formação, em nível de graduação (PADILLA; FRANÇA, 2015). Dentre eles, existem os que participam dos projetos de convênio acadêmicos transnacionais, os quais estão se graduando, a fim de exercerem uma profissão preparada tecnicamente. Existem, também, os profissionais liberais graduados que emigram para outros países, a fim de se estabelecer e atuar como um cidadão legalizado. Há ainda os que se enquadram na mobilidade científica transnacional, denominada no passado como "fuga de cérebros", ou *brain drain* (SHELLER; URRY, 2006), que é o fenômeno onde os imigrantes são especialistas em determinada área de conhecimento e envolvidos com projetos de intercâmbio interinstitucionais (MORAIS; QUEIROZ, 2017). Tal mobilidade é considerada acadêmico-científica, pois diz respeito ao deslocamento de estudantes, pesquisadores, cientistas e mão de obra extremamente qualificada, conforme aponta Accioly (2009). Esse conceito foi posteriormente alterado para "circulação de cérebros", o que lhe conferia uma visão neoliberal, relativamente simplista da questão, segundo Padilla e França (2015), pois deixaria de abordar questões de cunho mais político. É importante destacar que o fenômeno

> caracteriza-se como a transferência de recursos na forma de capital humano entre o local de origem e o de destino, a partir da migração de indivíduos qualificados de um local para outro que ofereça melhores condições de trabalho, rendimento, estudo, moradia entre outros (MORAIS;QUEIROZ, 2017, p. 1).

Discorrendo sobre o tema da imigração qualificada, Padilha e França (2015) afirmam que:

> De entre as distintas configurações que a imigração qualificada vem assumindo nas últimas décadas, os programas de mobilidade e cooperação científica transnacional destacam-se como uma modalidade de grande relevância para o desenvolvimento económico (sic), tecnológico e social global (***sic.***).
>
> A percepção de que o conhecimento constitui um factor (sic) fundamental para o crescimento económico (sic) de um país ou bloco económico (sic) contribuiu para a intensificação da deslocação de académicos/as (sic), investigadores/as e cientistas por diferentes instituições internacionais na busca de aprendizagem de novas técnicas de investigação e teorias analíticas, partilha dos custos de experiências e projectos (sic) de investigação e transferências de tecnologias, alargando e multiplicando os frutos da ciência e do conhecimento científico (PADILLA; FRANÇA, 2015, p.7).

A imigração qualificada transnacional é aquela que ocorre entre países diferentes, em diversas regiões do mundo e em múltiplas direções (sul-norte, sul-sul, leste-oeste, etc.), visando a capacitação, as trocas científicas e o suprimento de mão de obra qualificada pelo mercado, sendo, portanto, um fator que tem "grande relevância para o desenvolvimento

econômico, tecnológico e social (...)" (PADILLA; FRANÇA, 2015, p. 7).

Pedone e Alfaro (2016) e De Sousa (2016) têm problematizado a questão, relacionando esse tipo de imigração a temas "caros" nos dias atuais, como racismo, gênero, carreira profissional, programas de imigração, separação entre os imigrantes comuns e qualificados, etc.. Eles associam o estudante ou profissional estrangeiro qualificado, ou em qualificação, à idéia de um imigrante especial, que goza de direitos excepcionais, diferente daqueles imigrantes não-qualificados, ou expatriados, que imigram sem a adequada estrutura de vida, suporte financeiro, ou segurança quanto ao futuro. Questionam, ainda, as diferenças de tratamento quanto aos gêneros, raças, etnias, finanças, dentre outras características de grupos diversos.

Imigração, discriminação e racismo

Vários impactos são sofridos pelos imigrantes no processo de inserção em uma nova realidade, desde fatores econômicos, culturais, lingüísticos, ambientais, até questões sociais, relacionais e psicológicas.

No artigo sobre as implicações sociais e psicológicas na vida dos imigrantes, Della Pasqua e Dal Molin (2009) afirmam que muitos brasileiros que moram na Itália se queixam de dificuldades de elaborar o luto ao perderem familiares distantes, de sentirem estresse e dificuldades de adaptação, de terem insônia e sentimentos de culpa, sensação de fadiga e angústia depressiva, que os conduzem ao uso de medicamentos controlados. Afirmam, ainda, que "parece ser consensual (...) uma relação entre o aparecimento dos sintomas e o fator migratório (...). É comum observar a ligação que muitos brasileiros fazem entre sofrimentos (...) e o fato deles terem imigrado" (DELLA PASQUA; DAL MOLIN, 2009, p.112).

Na percepção desses autores, há indícios de que fatores relacionais e sociais são os grandes desencadeadores dessas situações, pois vários entrevistados nas pesquisas expressaram dificuldades em nível social (DELLA PASQUA; DAL MOLIN, 2009). Um imigrante chegou a afirmar que seus anfitriões italianos

> têm preconceito com a cor da nossa pele e me tratam mal só porque sou negra. São preconceituosos sim, até porque você é brasileiro, estrangeiro e te tratam mal. A minha patroa me trata mal por causa disso. Ela sabe que eu tenho medo de perder o trabalho e me maltrata, me explora, não tenho tempo pra mim (DELLA PASQUA; DAL MOLIN, 2009, p.112)

O fato de ser de outra etnia, de ser estrangeiro e ainda "não ser documentado" parece ser um disparador de exploração e de ameaças por parte dos autóctones italianos aos imigrantes. Isso pode parecer estranho, mas não é. Apesar de ser um país multicultural, e apresentar certa aceitação da diversidade em todos os seus aspectos, a Itália "apresenta níveis significativos de preconceitos, de racismo, etnocentrismo e discriminação" (DELLA PASQUA; DAL MOLIN, 2009, p.112).

Pensando assim, há relativo consenso de que imigrantes podem sofrer discriminação social, econômica, étnica, religiosa e racial no processo migratório (SANTOS, 2010; DELLA PASQUA; DAL MOLIN, 2009; ALVIN; BANDIRU; MARQUES, 2014; LOPES, 2016; MALOMALO, 2016). Tal situação requer a abordagem desse assunto nesta pesquisa, principalmente ao associá-lo aos fatores *topofílicos* e *topofóbicos,* pois nas histórias de vida apresentadas mais à frente, é notória a presença da discriminação nas narrativas, inclusive com diferentes interpretações dadas pelos próprios imigrantes africanos em relação ao fenômeno.

Muitos vêem tal situação apenas como distinção, diferenciação ou discriminação, e outros, como preconceito e segregação. Sowell (2019), economista afrodescentente norte-americano, fala de dois tipos de discriminação ao abordar o tema: no sentido mais amplo, discriminação é a habilidade de discernir diferenças de qualidade em pessoas ou coisas (Discriminação 1). Por exemplo, discernir que uma pessoa é bondosa, modesta ou invejosa. No sentido estrito e mais comumente empregado, discriminação é "tratar as pessoas de maneira negativa, com base em suposições arbitrárias, ou aversão a indivíduos de uma raça ou sexo particular" (SOWELL, 2019, p.32), o que evidencia uma atitude preconceituosa e reprovável (Discriminação 2).

Esse é exatamente o problema: quando a distinção (Discriminação 1) se converte em preconceito e segregação (Discriminação 2). Como afirma Santos (2010),

> essa distinção que frequentemente acaba levando à segregação e ao racismo, que funcionam como rupturas radicais e demarcadores extremos da diferença entre os diversos grupos étnicos, levando ao limite a desumanização do outro. Como afirma Lévi-Strauss em um texto sobre etnocentrismo: "A humanidade acaba nas fronteiras da tribo, do grupo linguístico, por vezes mesmo, da aldeia, a tal ponto que um grande número de populações ditas primitivas se designam por um nome que significa os 'homens' (ou, por vezes - digamos com mais discrição - os "bons", os "excelentes", os "perfeitos"), implicando assim que as outras tribos, grupos ou aldeias não participam das virtudes - ou mesmo da natureza humana. (SANTOS, 2010, p.40)

Por isso, os problemas da discriminação social e econômica, em geral, e do racismo, em particular, precisam ser vistos sob abordagem histórica, pois muito podem revelar sobre seu entranhamento social no Brasil, mesmo que dissimulado. Lopes (2016) percebe que

> Para reconhecer a contingência é também precisar lidar com nossas circunstâncias em termos históricos, ou seja, pensar o Brasil como uma construção da modernidade europeia, um lugar que foi designado como produto comercial e que estaria fora da História. Na experiência brasileira a colonização é uma dimensão que precisa ainda ser filosoficamente reconhecida e avaliada de modo reflexivo, o que significa pensar a herança e denunciar as estruturas de discurso que promovem o silenciamento da cultura indígena e africana; a herança do racismo vinculada à escravidão, à colonização das mentes, etc. (LOPES, 2016, p. 271).

Apesar de muitos brasileiros terem vergonha de assumir a existência de racismo no país, o mesmo é percebido em falas comuns, como: "tenho até um amigo que é judeu", ou, "fulano é um negro de alma branca" (DORTIER, 2010), ou ainda, "brancos não podem 'se apropriar' de elementos da cultura negra" (CATRACALIVRE, 2017). Dessa forma, a "discriminação à brasileira, por mais sutil que seja, salta aos olhos quando se examinam as estatísticas" (DORTIER, 2010, p. 532), se percebem as disparidades, ou quando se acreditam em mitos, como o da "diminuição da disparidade social através da miscigenação" e o da "democracia racial", desdobramentos do pensamento de Gilberto Freyre, segundo Dortier (2010).

Buscando o aprofundamento das discussões sobre o racismo, Almeida (2018) classifica seu conceito em três perspectivas diferenciadas: individual, institucional e estrutural. Primeiramente, o autor apresenta a concepção individual do racismo, que é vista pelo prisma "patológico" pessoal, manifestando-se através da discriminação racial. Tal perspectiva é apresentada pelo autor como uma concepção bastante limitada, especialmente devido à ausência de análises de contextos históricos e reflexões sobre as verdadeiras implicações para a sociedade.

Num segundo momento, Almeida (2018) analisa a concepção institucional de racismo, percebida como um avanço para os estudos das relações raciais, pois vai além do mero comportamento individual. Segundo o autor, o racismo institucional relaciona-se aos efeitos causados pela forma de funcionamento das instituições, que resultam em privilégios a determinados grupos, de acordo com a raça. Para ele, a instituição é "a materialização das determinações formais na vida social, que se derivam das relações de poder, dos conflitos e das disputas entre os grupos que lutam pelo seu domínio" (ALMEIDA, 2018, p. 30).

Por fim, Almeida (2018) apresenta uma terceira concepção como desdobramento do racismo institucional, o qual determinaria suas regras a partir de uma ordem social estabelecida. Ele a chama de racismo estrutural, pois acredita existir preconceito racial como uma decorrência da estrutura da sociedade, que normatiza verdades, padrões e normas baseados em princípios discriminatórios de raça. Dessa forma, para Almeida (2018), o racismo seria regra e não exceção. E para essa regra ser mudada é necessário que se adotem novas políticas institucionais, superando a ordem estabelecida.

A questão é realmente complexa e ainda não completamente elucidada, devido a vieses ideológicos que a permeiam. Mas, se for verdade que o racismo está entranhado dessa forma na sociedade, certamente estará presente também na Academia, na epistemologia, na produção de conhecimento em geral. Por isso, Malomalo (2016), afirma que

> O racismo está presente nas relações sociais cotidianas e nas academias. Para combatê-lo, é preciso inventar novas estratégias políticas, estéticas e epistemológicas. Nossas interações, em salas multirraciais no Brasil, nos têm mostrando que além do discurso científico, a arte é um elemento de luta antirracista. (MALOMALO, 2016, p.156)

Esta discussão está presente nesta pesquisa sendo aproximada da temática das migrações, pois se reconhece que relações discriminatórias, notórias ou mesmo que não evidentes em sua complexidade, podem afetar e dificultar o processo de inserção e integração de imigrantes qualificados numa nova realidade.

A IMIGRAÇÃO NO BRASIL: CONTEXTO E LEGISLAÇÃO

No Brasil, a imigração foi vista com "bons olhos" durante muitos anos. É só lembrar-se do tráfico dos escravos africanos incentivado durante todo o Período Colonial, mas também da imigração espontânea ocorrida especialmente durante o Segundo Reinado, quando D. Pedro II viajou por diversos países incentivando estrangeiros, especialmente dos EUA e da Europa, a virem para o Brasil trabalhar na lavoura. Fala-se até que uma das intenções era promover a eugenia e a purificação da raça, diminuindo o processo de miscigenação ocorrido durante os séculos anteriores no país. Para muitos historiadores, "houve motivações eugênicas, políticas, econômicas e, principalmente, propagandistas - grande ferramenta na construção de um novo projeto de nação durante a Era Vargas" (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020, s/p).

Foi durante a primeira fase do governo centralizador de Getúlio Vargas (1930-1945), que algumas mudanças puderam ser notadas. "Após décadas de todo tipo de incentivos dados aos migrantes estrangeiros, o governo brasileiro criou medidas restritivas para a entrada dos mesmos" (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020, s/p).

Para entender melhor esta questão é preciso situá-la no tempo. A Crise de 1929 havia acontecido, tendo seu ápice no *Crash* da Bolsa de Nova York. Medidas protecionistas foram tomadas em vários lugares do mundo, resguardando as economias nacionais, bem como os trabalhadores de cada país. No Brasil não foi diferente, pois o Governo de Vargas procurou criar medidas protecionistas nessas mesmas direções, protegendo a economia, como na questão da compra da produção de café pelo governo, seu estoque e a socialização da dívida, e resguardando o trabalhador brasileiro, ao incentivar as migrações internas, ao invés da imigração estrangeira (ENDRICA, 2009)

> O resultado dessa interrupção foi toda uma política governamental voltada para a direção oposta do que havia sido feito até então: a Lei de Cotas. Esse bloqueio institucionalizado (...) com adoção de novas medidas normativas que entraram em vigor com a Constituição, em 16 de julho de 1934. Na verdade, muito antes disso, com a dissolução do Congresso Nacional e das Assembleias Estaduais, a questão migratória já era um tema central do

> governo no começo da década de 1930 (GOVERNO DE SÃO PAULO, 2020, s/p).

Duas leis, portanto, modificaram a questão da imigração de estrangeiros para o Brasil na década de 1930. Primeiro foi a "Lei dos 2/3", ou decreto nº 19.482, de 12 de dezembro de 1930, que foi regulamentado através do Decreto nº 20.291, de 12 de agosto de 1931, quando impôs "um número mínimo de brasileiros contratados pelo mercado de trabalho, desde fábricas, empresas e instituições públicas" (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020, s/p). Segundo a lei, cada empresa deveria seguir a norma de contratar 2/3 de funcionários brasileiros e no máximo 1/3 de funcionários estrangeiros. A segunda foi a "Lei de Cotas", ou Decreto nº 24.215 de 9 de maio de 1934, que restringia a entrada de imigrantes estrangeiros no país, com exceção de portugueses. As restrições poderiam seguir fatores numéricos e ideológicos: a entrada de anarquistas, por exemplo, não era permitida. Além disso, 80% dos imigrantes tinham que trabalhar na zona rural (CAPELATO, 2003). A junção dessas duas leis visava diminuir a chegada de imigrantes internacionais para conter o desemprego e fortalecer um novo senso de identidade nacional (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Duas outras leis regularam a questão dos estrangeiros no Brasil a partir dos anos de 1940. A primeira foi a Lei n. 818/49, que normatizava a aquisição, a perda e a reaquisição da nacionalidade, e a perda dos direitos políticos. A segunda foi a Lei n. 8.615/80, conhecida como o "Estatuto do Estrangeiro", que de certa forma "tratava o não nacional como uma ameaça aos brasileiros e à imigração como uma questão de segurança nacional" (MENDES; BRASIL, 2020, p.66). O Estatuto do Estrangeiro foi profundamente influenciado pela política dos governos militares entre os anos de 1964 e 1982.

A chamada "Nova Lei de Migração Brasileira", ou a Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017, veio disciplinar a migração no Brasil e estabelecer princípios e diretrizes para as políticas públicas para os imigrantes. As mudanças em relação às leis anteriores começam com a alteração da nomenclatura: de "estrangeiro", visto com certa restrição e desconfiança na lei anterior, para "imigrante", que passa a "ser sujeito de direitos e obrigações, priorizando-se a defesa dos direitos humanos" (MENDES; BRASIL, 2020, p.67) na atual. A Lei nº 13.445 (BRASIL, 2017), alterou substancialmente a lei anterior, destacando a atualidade e a relevância do tema das migrações em todo o mundo e, especialmente, no Brasil, haja vista à crise recente da Venezuela a partir de 2015, quando milhares de refugiados vieram para o Estado de Roraima e se dispersaram pelo restante do país (MENDES; BRASIL, 2020).

A referida lei considera imigrante a "pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil" (BRASIL, 2017, art. 1º, § 1, item II). Comentando sobre o artigo 4º, inciso I da lei e seus benefícios sobre os cidadãos estrangeiros no Brasil, o site da Polícia Federal brasileira aponta que a lei tem

como paradigma central a proteção dos direitos humanos no tocante às imigrações, ao discorrer sobre a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade iguais aos cidadãos nacionais, bem como os mesmos direitos e liberdades civis, sociais, culturais e econômicos. Aponta também para a regularização do imigrante como regra (Figura 7), e não exceção, e que sua autorização de residência possa ocorrer em território nacional, retirando a necessidade de o mesmo ter que se deslocar para se regularizar. Outro ganho é a gratuidade de taxas e emolumentos consulares para a concessão de vistos ou obtenção de documentos para grupos de imigrantes vulneráveis, ou em condição de hipossuficiência econômica (POLÍCIA FEDERAL, 2018; BRASIL, 2017).

Figura 7 - Imagem de manifestação pela regularização imediata do imigrante em São Paulo em 13 de novembro de 2020.

Fonte: Museu do Imigrante, 2020.

Nota-se a partir das alterações legais ocorridas no Brasil e no mundo nos últimos anos, inclusive considerando o Pacto Global Para a Migração, desenvolvido pela ONU (ONU, 2018), a mudança de olhar quanto à pessoa do migrante, evidenciando maior sensibilidade quanto aos refugiados, aos imigrantes ambientais, e mesmo quanto aos imigrantes em geral, desenvolvendo nova mentalidade de que é preciso haver leis internacionais que garantam o bem-estar, a saúde, a liberdade e a segurança daqueles que transitam pelas diversas nações, ou estabelecem nova residência numa nação específica (Quadro 2).

Número	Objetivos para la migración segura, ordenada y regular
1	Recopilar y utilizar datos exactos y desglosados para formular políticas con base empírica.
2	Minimizar los factores adversos y estructurales que obligan a las personas a abandonar su país de origen.
3	Proporcionar información exacta y oportuna en todas las etapas de la migración.
4	Velar por que todos los migrantes tengan pruebas de su identidad jurídica y documentación adecuada.
5	Aumentar la disponibilidad y flexibilidad de las vías de migración regular.
6	Facilitar la contratación equitativa y ética y salvaguardar las condiciones que garantizan el trabajo decente.
7	Abordar y reducir las vulnerabilidades en la migración.
8	Salvar vidas y emprender iniciativas internacionales coordinadas sobre los migrantes desaparecidos.
9	Reforzar la respuesta transnacional al tráfico ilícito de migrantes.
10	Prevenir, combatir y erradicar la trata de personas en el contexto de la migración internacional.
11	Gestionar las fronteras de manera integrada, segura y coordinada.
12	Aumentar la certidumbre y previsibilidad de los procedimientos migratorios para la adecuada verificación de antecedentes, evaluación y derivación.
13	Utilizar la detención de migrantes solo como último recurso y buscar otras alternativas.
14	Mejorar la protección, asistencia y cooperación consulares a lo largo de todo el ciclo migratorio.
15	Proporcionar a los migrantes acceso a servicios básicos.
16	Empoderar a los migrantes y las sociedades para lograr la plena inclusión y la cohesión social.
17	Eliminar todas las formas de discriminación y promover un discurso público con base empírica para modificar las percepciones de la migración.
18	Invertir en el desarrollo de aptitudes y facilitar el reconocimiento mutuo de aptitudes, cualificaciones y competencias.
19	Crear las condiciones necesarias para que los migrantes y las diásporas puedan contribuir plenamente al desarrollo sostenible en todos los países.
20	Promover transferencias de remesas más rápidas, seguras y económicas y fomentar la inclusión financiera de los migrantes.
21	Colaborar para facilitar el regreso y la readmisión en condiciones de seguridad y dignidad, así como la reintegración sostenible.
22	Establecer mecanismos para la portabilidad de la seguridad social y las prestaciones adquiridas.
23	Fortalecer la cooperación internacional y las alianzas mundiales para la migración segura, ordenada y regulada.

Quadro 2 - Objetivos Apontados no Pacto Global de Migração da ONU

Fonte: ONU, 2018. Adaptado pelo autor.

O SABER AMBIENTAL E A INTERDISCIPLINARIDADE

O saber ambiental vem sendo compreendido como uma nova forma de saber, uma nova racionalidade epistemológica, visando compreender o mundo de maneira sistêmica, onde o ser humano, a cultura e o ambiente se interrelacionam continuamente, transformando e sendo transformados. Abaixo relacionaremos a temática das migrações humanas ao saber ambiental, através da Ecologia Humana.

O paradigma científico em relação ao tema: a migração qualificada sob a ótica da ecologia humana

A presente pesquisa aborda o tema da imigração qualificada a partir do foco da inserção, sob a ótica da Ecologia Humana da Escola de Chicago. Realiza essa tarefa estabelecendo um diálogo com o conceito de saber ambiental, conforme apresentado por Leff (2010), com diversas interconexões.

O estudo da inserção do ser humano no meio é um desafio socioambiental com importantes desdobramentos, necessitando, dessa forma, de trato interdisciplinar que possibilite o relacionamento das áreas de conhecimento envolvidas e trazendo auxílio na resolução de problemas gerados pelo fenômeno migratório.

Campos (2019), aponta que

> Atualmente têm sido observadas alterações nos padrões migratórios exibidos por diversas populações, em termos de intensidade, direcionamento e composição dos fluxos de migrantes. Essas mudanças vêm provocando uma reconfiguração das relações étnicas, legais e diplomáticas entre diversas regiões do planeta, sendo um tema de extrema sensibilidade política e complexidade teórico-analítica (Campos, 2019, p. 2)

Por isso, os deslocamentos populacionais passaram a ser abordados sob o ponto de vista interdisciplinar, como acontece nas Ciências Ambientais, bem como em sua relação com outras áreas de conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia, a Geografia, etc. (LEFF, 2012; WEBER, 2018; DIAS, 2019; CAMPOS, 2019).

Para as Ciências Ambientais, variados temas se entrecruzam quanto aos assuntos referentes às migrações. Lenoble (2002) já afirmava que toda mudança referente à humanidade é também uma mudança que altera a natureza (LENOBLE, 2002). Assim, os fluxos migratórios enquanto mudanças humanas são vistos como influenciados e influenciadores nas relações sociais, na economia, no desenvolvimento, nos impactos ambientais, nas alterações ecossistêmicas, na sustentabilidade, na cultura, na educação, na saúde, na política, etc.

Sobre isso, Dezan (2007) afirma que

> No decorrer dos séculos aconteceram muitos movimentos migratórios de proporções diferentes, sendo alguns de grandes dimensões, os quais influíram

significativamente na evolução histórica do gênero humano. (DEZAN, 2007, p. 18)

Considerando, portanto, que todo fluxo migratório causa impactos nos dois extremos do processo: o dos territórios e populações de onde se migra e o dos territórios e populações para onde se migra (LASCHEFSKI, 2011; FLORIT, 2019), há necessidade do estabelecimento de parâmetros teóricos e metodológicos interdisciplinares, aprofundando as pesquisas sobre o fenômeno. O debate envolve a Geopolítica e sua relação com as questões socioambientais, no que diz respeito ao controle dos recursos naturais e o controle de seus usos e acessos, visto que "há um vetor ecológico na nova geopolítica mundial" (PORTO-GONÇALVES, 2008, p.82).

Lipovetsky e Serroy (2011) acrescentam que as migrações humanas põem em jogo questões não apenas globais, mas também existenciais. Segundo os autores, as questões globais da cultura-mundo se manifestam através das crises econômicas e sociais, da miséria do terceiro mundo, do terrorismo, da ecologia, das migrações, etc., ou seja, é pauta por diversas discussões socioambientais, no sentido macro. Por outro lado, eles reconhecem também que algumas questões existenciais, no sentido micro, estão fortemente presentes no mundo hipermoderno, vinculando-se às discussões sobre a mobilidade humana, como, por exemplo, as crises de identidade, a diversificação de crenças, a crise dos sentidos e os distúrbios da personalidade.

Nota-se que os problemas citados pelos sociólogos franceses são complexos, interrelacionados e, por isso, requerem um tratamento mais abrangente e interdisciplinar (TURPIN *et al.*, 2015), pois a disciplinaridade não consegue promover a adequada relação entre os diversos fatores e sistemas que tecem o intercâmbio cultural, a construção social e os impactos resultantes das transferências populacionais. Dentre estes diversos impactos, estão os que atingem o ambiente, tema recorrente nas avaliações das migrações.

A Ecologia e o estudo das interações dentro do ecossistema humano

A Ecologia é um campo de conhecimento dentro da Biologia (NEVES; TAUCHEN, 2014). Coutinho (1992) afirma que a Ecologia como área de estudo foi forjada por Reiter, entre os Séculos XVIII e XIX, sendo bastante fortalecida no início do Século XX, pela institucionalização de seu uso feito pelos pesquisadores da História Natural. Isso aconteceu a partir da criação da Sociedade Ecológica Britânica, em 1912, e da Sociedade Ecológica da América, em 1914, que foram as primeiras a serem criadas (MAGALHÃES, 2016).

Haeckel[4] foi o criador do termo que ligou a Ecologia como disciplina científica da área de Biologia (NEVES; TAUCHEN, 2014), apontou que ela se refere à economia da Natureza, na relação das espécies animais com seu ambiente orgânico e inorgânico

---

4. Ernst Haeckel foi biólogo, médico, zoólogo e professor de Zoologia na Universidade de Jena, na Alemanha, a partir do ano de 1862. É autor de várias obras importantes, entre elas, o livro "Morfologia Geral dos Organismos", cuja 1ª edição é de 1866, onde é apresentado o termo Ecologia (NEVES; TAUCHEN, 2014; SABEH, 2020).

(ODUM; BARRET, 2007; HAECKEL, 2016).

Lago e Pádua (1985) afirmam que a Ecologia Natural é a base do pensamento ecológico, com foco no estudo dos ecossistemas. Acrescentam que

> cada um desses ambientes é um todo integrado, uma unidade funcional de vida, onde **a interação** conjunta das diversas espécies de animais e vegetais que nele estão presentes, juntamente com o fundo físico-químico composto pelos fatores minerais, climáticos etc., constrói o sistema de equilíbrio que permite o funcionamento do todo. (LAGO; PÁDUA, 1985, p. 18 - grifo do autor).

Com o desenvolvimento, a disciplina acabou por se tornar uma área de estudo, inclusive, mais tarde desvinculada da Biologia. Sobre a independência da área e seu desenvolvimento, no Brasil havia em 2020 nove cursos de graduação em Ecologia registrados no MEC (BRASIL/MEC, 2020), com diferentes visões e perspectivas.

Da especialização dos estudos dessa área, surgiram novas subespecialidades como Ecologia Histórica, Ecologia Florestal, Ecologia Marinha, Ecologia dos Ecossistemas, Ecologia Terrestre, Ecologia Humana e Ecologia Social (DESCOLA, 1997; NEVES; TAUCHEN, 2014). Sobre essa evolução, Mello (2006) aponta que, "nas diferentes definições de Ecologia feitas pelos Ecólogos, observa-se que cada qual apresenta a ciência enfatizando o objeto com que trabalha (organismos, populações, comunidades, ecossistemas)" (MELLO, 2006, p. 50). Assim, vê-se a Ecologia aproximar-se de outras áreas de conhecimento como as Ciências Exatas e as Ciências Humanas, para verificar como os organismos e populações interagem entre si, o que influencia nas relações *topofílica*s e *topofóbicas,* como se dá a relação ser humano/população/comunidade com o ambiente físico, de tal forma que isso pode se tornar motivo para a mobilidade humana.

Para o interesse desta pesquisa, tratar-se-á da inserção e do ecossistema humano à luz da Ecologia Humana, numa aproximação com as Ciências Sociais e Humanas.

Imigração e inserção: temas abordados pela Escola de Chicago

Segundo Hawley (1975) e Carvalho (2007), o termo Ecologia Humana foi usado pela primeira vez em 1921, apresentado na obra *An introduction of the science of sociology* de Park e Burgess (1921), ambos professores da Universidade de Chicago. Na referida obra, havia a discussão de temas importantes, do ponto de vista socioambiental (Quadro 3).

capítulo introdutório: Sociology and the Social Sciences - Sociologia e Ciências Sociais
Human Nature - A Natureza humana
Society and the Group - Sociedade e o grupo
Isolation - Isolamento

Social Contacts - Contatos sociais
Social Interaction - Interação social
Social Forces - Forças sociais
Competition - Competição
Conflict - Conflito
Accommodation - Acomodação
Assimilation - Assimilação
Social Control -Controle Social
Collective Behavior - Comportamento Coletivo
Progress - Progresso

Quadro 3: Capítulos da obra de referência em Ecologia Humana

Fonte: Ross, 1921 - elaboração e tradução do autor, 2020.

A Universidade de Chicago foi fundada no final do Século XIX, muito depois das primeiras e tradicionais universidades norte-americanas organizadas nos Séculos XVII e XVIII, fugindo parcialmente dos vieses religiosos e quantitativos comuns àquelas primeiras Academias. Chicago faz parte de um grupo de universidades surgidas ou fortalecidas após a Guerra de Secessão dos EUA, com viés mais progressista, influenciado pelo liberalismo e academicismo europeus. Harvard (1636), Yale (1701), Princeton (1746), Columbia (1754), John Hopkins (1876), Stanford (1885), Chicago (1895), etc. fazem parte da leva de importantes centros acadêmicos que receberam vultosos recursos doados pela rica classe de empresários estadunidenses, como Ezra Cornell, Johns Hopkins, Cornelius Vanderbilt, Leland Stanford, James Duke e John D. Rockfeller (NOLL, 2000). Tais empresários e filantropos acreditavam que o desenvolvimento da nação não podia prescindir de uma educação de alta qualidade.

Foi o magnata do petróleo John D. Rockfeller[5] quem doou uma grande contribuição financeira em 1895 para que a cidade de Chicago, no estado de Illinois, em franco desenvolvimento econômico e urbano, pudesse ter uma importante universidade (BECKER, 1996) - assim nasceu a Universidade de Chicago. O objetivo da criação dessa universidade, assim como das outras citadas acima, era a instrução especializada, em nível de pós-graduação, com foco na pesquisa científica, segundo o modelo alemão de vida acadêmica (NOLL, 2000).

A expressão Escola de Chicago traz consigo um movimento muito importante para a Sociologia e Psicologia Social, compreendendo um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica desenvolvidos entre os anos de 1915 e 1940 por professores e pesquisadores

5. John D. Rockefeller ficou milionário através dos lucros obtidos com a indústria do petróleo, ao criar a Standard Oil, uma das maiores empresas petrolíferas do mundo (BECKER, 1996). Sua família é das mais ricas do mundo até a presente data.

do Departamento de Sociologia da recém-criada Universidade de Chicago (COULON, 1995). Tal escola não era homogênea, mas há uma grande sintonia nos escritos dos seus principais protagonistas, como Thomas e Zaniecki, Sutherland, Thrasher, Shaw, Park e Burgess, sendo marcante a idéia de aproximação entre as pesquisas quantitativas e qualitativas, o que lhe confere certa unidade quanto aos direcionamentos metodológicos e aos conceitos fundamentais, abrindo e garantindo um espaço particular na Sociologia estadunidense de então (NOGUEIRA *et al.*, 2017).

Chicago tinha como interesse especial em seus anos iniciais otimizar a pesquisa e objetivá-la, a fim de trabalhar compreensões aproximadas da realidade social concreta, sendo marcada pelo desejo dos pesquisadores de produzir conhecimentos científicos que fossem úteis para a solução de problemas sociais concretos (COULON, 1995).

Foi a partir da Escola de Chicago que elementos comuns às pesquisas qualitativas passaram a ser efetivamente percebidos e considerados nos EUA, como, por exemplo, o princípio de estabelecer e reconhecer o ponto de vista de quem vivencia as situações que se almeja estudar, valorizando a escuta atenta do sujeito. Baseando-se nisso, o método da História de Vida avançou grandemente através das pesquisas desenvolvidas em Chicago (NOGUEIRA *et al.*, 2017), especialmente na coleta de informações de imigrantes, populações marginalizadas, trabalhadores industriais, etc.

Segundo Coulon (1995), inúmeras inovações metodológicas foram concebidas e largamente utilizadas pelos acadêmicos da Escola de Chicago, tais como: o valor do ponto de vista do sujeito e a consideração do seu modo particular de vida; o uso de documentos não muito comuns à época como fontes importantes de dados, a exemplo de cartas, diários, e outros documentos semelhantes; o trabalho de campo como fundamental para a realização de uma boa pesquisa sociológica, o que destacou o valor da empiricidade, sem perder de vista a importância de uma boa teorização por parte de seus pesquisadores. Além disso, destaques especiais foram dados a objetos de estudo específicos: cidades, cultura, crescimento populacional, migrações, guetos, comunidade, cotidiano, violência, segregação, criminalidade e o indivíduo (NOGUEIRA *et al.*, 2017).

Depois de 1935 houve uma virada metodológica na escola, por ocasião da ruptura da *American Sociological Society*, gerando a *American Sociological Association* após a Segunda Guerra Mundial. Becker (1996) chega a afirmar que "a Escola de Chicago, de certo modo, deixou Chicago" (BECKER, 1996, p.187), pois muitos de seus pesquisadores se transferiram para outras universidades, em outras cidades e estados dos EUA, após a guerra. A partir dessa fase, a escola sofreu críticas quanto ao seu viés considerado naturalista e à suposta diminuição de sua preocupação com questões políticas, especialmente àquelas ligadas aos espaços urbanos. Também seu método biográfico, reconhecidamente relevante e utilizado, foi criticado, por não ser considerado pela ciência de então, suficiente para comprovação, sem o respaldo da checagem de outras fontes documentais. Hoje,

ao contrário, se considera o relato biográfico suficiente, não havendo obrigatoriedade de comprovação de outros documentos (NOGUEIRA *et al.*, 2017).

A abordagem de Ecologia Humana (PARK; BURGESS, 1921) tratada aqui, foi desenvolvida pela Escola de Chicago, a partir dos estudos de Ecologia Urbana (PARK, 1915) largamente desenvolvidos na Universidade de Chicago e posteriormente sofreu revisões, aproximando-se mais das Ciências Sociais. Originalmente, em Chicago, o objetivo era estudar o homem inserido no seu ecossistema e dessa forma perceber a influência do meio sobre o ser humano, enquanto ser vivo. É importante ressaltar que para a Escola de Chicago, o meio não era determinante do homem, mas um elemento de influência em sua adaptação ao ecossistema onde estava inserido.

Os estudos da Ecologia Humana foram desenvolvidos com pesquisas empíricas sobre os cidadãos de Chicago, muitos dos quais imigrantes, enfatizando sua relação com a cidade, que experimentava grandes transformações desde o final do Século XIX, por causa da industrialização (NOGUEIRA *et al*., 2017). Possuíam em sua origem uma preocupação consistentemente empírica, marcada pela coerência temática dos estudos e pela forte valorização da escuta do sujeito

Mais tarde, voltaram-se à pesquisa quantitativa e aos *surveys*, "tornando-se menos aberta a estudos com abordagem antropológica" (BECKER, 1996, p.187). Apesar disso, sua influência permanece, o que pode ser observado nos estudos recentes de Bucher-Maluschke (2016), Mendes Júnior (2017), Nogueira *et al*. (2017) e Hickmann (2019), dentre outros.

CONTEXTUALIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para compreender mais adequadamente as histórias de vida e o processo migratório dos entrevistados, é importante conhecer um pouco mais a realidade de onde procede os imigrantes pesquisados, bem como a contexto para onde imigraram.

O CONTEXTO DE SAÍDA: A ÁFRICA

A África é o segundo maior continente do planeta em densidade demográfica (Tabela 6), sendo habitada por 1.275.921.000 de pessoas (2018). É o terceiro maior continente em área, com 30.311.000 Km2 (ONU, 2020b).

1. Estimated mid-year population by major area and region, 2017 and 2018

	Population (in thousands)	
	2017	2018
WORLD	7 547 859	7 631 091
AFRICA	1 244 222	1 275 921
Eastern Africa	411 397	422 563
Middle Africa	164 039	169 122
Northern Africa	232 793	237 294
Southern Africa	64 834	65 739
Western Africa	371 160	381 202
ASIA	4 519 040	4 560 667
Eastern Asia	1 659 768	1 666 471
South-central Asia	1 944 109	1 967 866
South-eastern Asia	648 460	655 298
Western Asia	266 704	271 032
EUROPE	745 415	746 419
Eastern Europe	294 056	293 790
Northern Europe	104 677	105 237
Southern Europe	152 796	152 638
Western Europe	193 886	194 755
LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN	636 233	642 217
Caribbean	43 002	43 164
Central America	173 327	175 472
South America	419 904	423 581
NORTHERN AMERICA	361 942	364 296
OCEANIA	41 006	41 571
Australia/New Zealand	29 287	29 641
Melanesia	10 514	10 715
Micronesia	533	538
Polynesia	673	676

Source: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019). *World Population Prospects: The 2019 Revision (https://population.un.org/wpp/)*

Tabela 6: Estimativa populacional 2017/2018 da ONU - grandes áreas e regiões

Fonte: ONU, 2020.

Sua diversidade física, econômica, étnica e cultural, dentre outras, faz com que o estudo do continente seja abordado como o estudo das Áfricas (ANDRADE, 2017), uma vez que são inúmeras abordagens (Figura 8).

Figura 8: Mapa da divisão política da África

Fonte: CIA, 2020.

Manuel (2005) discorre que a organização social da África anterior à colonização era bastante diferente da configuração pós-colonização. Sobre a época anterior, a autora afirma que

> os povos africanos viviam em grandes civilizações, tinham suas religiões, culturas próprias, viviam em cidades ou em aldeias, conforme suas regiões e reinos. A vida religiosa era fator importante nas comunidades sendo os sacerdotes muitas vezes chefes e reis, em decorrência de sua influência (MANUEL, 2005, p. 17).

A autora acrescenta que o continente era estabelecido por reinos, em torno de 400 a.C, época da constituição dos reinos Núbios e composto por seis grandes regiões, sendo cada uma delas formada por aspectos geográficos e culturais comuns, embora possam existir diversidades internas nas regiões quanto aos povos e culturas ali apresentadas. Sobre a divisão regional anterior da África, descrita por historiadores, a autora diz que:

> A primeira região conhecida como a mais antiga e que a história destaca está constituída por Sudão e Egito, com uma história política e econômica com mais de cinco mil anos. Os dois constituem impérios parecidos, como por exemplo, as semelhanças na construção das pirâmides, que vão do Alto ao Baixo Nilo, em períodos diversos representando uma forma típica da região . A segunda região é a costa africana do Oceano Índico, região que naquela época exercia grande influência comercial de trocas intensas com os países árabes e com a Ásia. Esta região era notabilizada de pequenos reinos, cidades e estados que foram de grande esplendor arquitetônico. Nas relações comerciais, à língua comum utilizada era o Suarile, denominada a partir da região Suarile. A terceira região é constituída por Zimbabwe e África do Sul. Zimbabwe, pela antiguidade das ruínas e extensão da civilização aí construída no passado, se considera uma região de importância histórica na África, porém sem ser separada da Suiapenas, parte da região também com destaques históricos, sobretudo no processo da resistência às invasões européias, como é o caso dos Zulus. A quarta região, ao sul do rio Congo, trata-se de uma extensa área entre o Atlântico e os lagos Vitória e Tanganica. Esta é uma região de influência cultural bantu, desenvolvida antes dos séc. XIV e XV, formada por um conjunto de reinos como é o caso do Congo, Ndongo, Lunda, Luba, Mbalundu, Ekovongo e outros. Como vemos, Angola fazia parte dessa região. A quinta região se estende a partir do Atlântico, atravessando o sistema fluvial do rio Níger e cobrindo os afluentes do lago Chade. Fazem parte da região as civilizações Nok, os impérios de Gana, Male e Songai. A sexta região é de predominância de povos Berberes, estende-se desde o Deserto do Saara até as bordas do Mediterrâneo. É uma região marcada por invasões externas (MANUEL, 2005, p.18).

Esta pesquisa tem recorte geográfico na África Subsaariana, a partir da divisão do continente africano atual, em duas regiões básicas, conhecida como □as duas Áfricas□: Mediterrânea e Subsaariana (Figura 9). Essa divisão do continente é de cunho estatístico, conforme o documento da ONU denominado *Standard Country or Area Codes for Statistical Use,* conhecido como *M49 Standard*. O referido documento aborda as regiões geográficas

utilizadas pela Divisão Estatística da ONU - UNSTATES, ligada ao Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU - DESA (ONU, 1999).

Figura 9: As duas Áfricas: mediterrânea e subsaariana

Fonte: Brasil Escola, 2020.

Conforme visto na figura acima, em cinza claro está a primeira, a África Mediterrânea ou Setentrional, que é a região situada ao norte do deserto do Saara (África do Norte). É a região do continente banhada pelo Mar Mediterrâneo, Oceano Atlântico e Mar Vermelho, cujas características físicas e humanas se assemelham às do Oriente Médio. Com clima desértico, a África Mediterrânea tem a maioria de habitantes de origem árabe, cuja religião predominante é o Islamismo. Segundo Nicolai *et al.* (2016), essa parte da África apresenta os melhores indicadores socioeconômicos do continente. É composta por sete países: Saara Ocidental, Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia, Egito e Sudão.

A outra África é a Subsaariana, chamada assim por se localizar geograficamente ao Sul da região onde se encontram os grandes desertos ao norte da África, especialmente o

Saara. É composta por quatro subáreas e 47 países (Figura 10).

Figura 10: Divisão Regional da África Subsaariana e seus países pelo M49

Fonte: *Dining For Women*, 2019**.**

Na figura acima é possível ver a África Central em cor laranja, a qual abrange os seguintes países: Camarões, República Centro Africana, Chade, República do Congo, República Democrática do Congo, Guiné Equatorial, Gabão e São Tomé e Príncipe. A África do Sul em cor mostarda, que abrange os seguintes países: Angola, Botsuana, Lesoto, Suazilândia, Namíbia, África do Sul, Moçambique, Malaui Ilhas Maurícius, Comoros, Zâmbia, Zimbábue e Madagascar; a África Ocidental**,** em cor de rosa, com os seguintes países: Benin, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo; e a África Oriental em azul com os países: Burundi, Djibuti, Eritréia, Etiópia, Quênia, Ruanda, Ilhas Seychelles, Somália, Sudão do Sul, Uganda, Tanzânia.

Conforme Bowani (2014) "a história da África subsaariana anterior ao século XV é pouco conhecida por falta de fontes escritas" (BOWANI, 2014, p.37). O autor acrescenta

que apenas depois da exploração portuguesa no século XV é que documentos escritos começaram a ser produzidos (BOWANI, 2014).

De forma especial, desde o final do século XX até o presente momento, a África Subsaariana vem sendo integrada ao sistema capitalista, sendo território de disputas das grandes e médias potências mundiais, como a China, a Rússia, os EUA, o Japão, a Índia e o Brasil, por diversos interesses (SCHÜTZER; ANTUNES, 2019), dentre os quais, os interesses pelos recursos naturais. Autores apontam que os chineses deram um salto em investimentos na região, desde 2005 e

> levaram o continente a canalizar recursos que são investidos nas áreas estratégicas de riquezas naturais (minerais) para garantir seu abastecimento de matérias-primas necessárias à manutenção de sua crescente economia. A presença chinesa na África subsaariana em busca de recursos naturais que garantam seu grande crescimento econômico deu um grande salto a partir de 2005, quando começaram a desembarcar no continente algo em torno 1.000 empresas e centenas de milhares de trabalhadores (SCHÜTZER; ANTUNES, 2019, p. 13).

Sobre a geopolítica da região, acrescentam ainda que:

> o panorama subsaariano vem apresentando atrativos na esfera econômica, que atiçam a cobiça das potências mundiais e suas empresas, que acabam contribuindo para a manutenção de um espaço desarticulado e a emergência de Estados decadentes, incapaz de garantir suas premissas socioeconômicas devido à cobiça que promove nas cooptadas classes dominantes locais. Com isso, os países subsaarianos tornam-se presas fáceis dos diversos interesses dispostos nas diversas esferas da vida dos países, que não adotam nenhum critério seletivo nas parcerias propostas e as possibilidades de consolidação das suas estruturas ficam comprometidas (SCHÜTZER; ANTUNES, 2019, p. 9).

A região sempre foi marcada pela exploração de seus países por colonizadores como Portugal, França, Inglaterra, Holanda, etc., que dela retiravam ouro, mão de obra escrava, e mais recentemente produtos como petróleo, diamante, madeira,borracha, algodão, dentre outros (BOWANE, 2014).

Os traços da histórica exploração ainda estão presentes na África como um todo, e na África Subsaariana especificamente e suas consequências influenciam fortemente as emigrações da região, conforme veremos a seguir.

A África Subsaariana: sub-região Ocidental

A África Ocidental é uma das sub-regiões geográficas da África Subsaariana, como explicado anteriormente. Segundo dados da UNESCO (2010a) essa região foi uma das que mais sofreu com a escravidão e com a exploração das nações européias, devido à sua localização geográfica de fácil acesso pelo litoral e pelos rios da região. Ingleses,

franceses, alemães, portugueses, holandeses, entre outros, espalharam o seu domínio, submetendo etnias e reinos em um dos processos coloniais mais opressores de toda a África. A UNESCO afirma que

> Também nesta região estabeleceuse um dos mais antigos centros de influência europeia, na GuinéBissau, berço da cultura crioula e, posteriormente, em Serra Leoa e na Libéria. Como a Senegâmbia, esta região teve certa importância para o tráfico negreiro desde o século XVI, embora o seu papel tenha declinado durante o século XVIII. (UNESCO, 2010a, p. 749)

Assim, a região ocidental africana foi formada por povos sudaneses originários da Nigéria, Daomé e Costa do Ouro, dos quais faziam parte as etnias iorubás ou nagôs, jêjes, fanti-ashanti e os povos islamizados fulas ou filanis, mandingas, haussas e tapas (MUNANGA, 2002). Muitos integrantes dessas etnias vieram como escravos para o Brasil a partir do Século XVI, sendo mais conhecidos como escravos "de Guiné", e os islamizados foram chamados de "malês" (MUNANGA, 1999).

A costa ocidental africana foi se tornando uma região interessante para os europeus no final do Século XV, quando das viagens portuguesas com objetivos de atingir o Oriente, especialmente a Índia, após a tomada de Constantinopla em 1453 pelos otomanos. A necessidade de encontrar novas rotas comerciais se tornou urgente devido ao domínio muçulmano na região de encontro dos continentes europeu, asiático e africano, o que dificultava as relações comerciais com o Oriente pelas rotas conhecidas (UNESCO, 2010b). Foi pelos idos de 1430 que começaram as expedições portuguesas para Benin e Guiné, com o intento de conhecer a região, estabelecer contatos, criar feitorias e construir fortalezas, objetivando explorar as riquezas locais, bem como formar entrepostos para as viagens mais longas para a Índia, objetivo este alcançado no ano de 1498, quando os portugueses chegaram a Calicute e Goa (UNESCO, 2010b).

O ocidente africano alcançou certa expansão econômica entre os Séculos XVII e XVIII, devido ao tráfico de escravos, que se tornou o objetivo econômico principal dos estrangeiros e das elites locais, superando a extração de minerais. A escravidão, que por si é um fato intolerável, mostrou seu lado mais sombrio ao ser realizada por "povos irmãos", já que muitos escravos eram "obtidos com as guerras muçulmanas" (MATTOS, 2006, p. 64) entre as diversas etnias regionais africanas que possuíam línguas, culturas e religiões diferenciadas. Nas lutas étnico-religiosas, os povos vitoriosos escravizavam os vencidos e os vendiam aos estrangeiros para serem escravos, especialmente, nas Américas. Tal fato contribuiu sobremaneira para a baixa densidade demográfica das chamadas Alta e Baixa Guiné nos Séculos XVII e XVIII, fragmentando ainda mais a região, o que possibilitou o estabelecimento de pequenos reinos, inclusive, o Reino Muçulmano de *Futa Jalom*, que exerceu influência na região em meados do Século XVIII (LOVEJOY, 2002).

A África Ocidental é formada hoje pelos por 17 países: Benin, Burkina Faso, Cabo

Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Santa Helena, Senegal, Serra Leoa e Togo. Desses, o que nos interessa na pesquisa é Guiné Bissau, de onde vieram dois dos estudantes entrevistados: Simplício (UFT/ IFTO) e Jovelino (UFT).

Encontrar informações oficiais atuais e seguras sobre Guiné Bissau é uma tarefa não muito fácil. Poucas são as obras que tratam do assunto e muitas informações encontradas na *Internet* não são oficiais e carecem de bases sólidas. Um site oficial onde o pesquisador encontrou informações seguras, apesar de não muito bem atualizadas, foi o site *Food and Agriculture Organization of The United Nations* (FAO). Lá foi possível ter acesso a dados importantes sobre essa nação africana que está entre as mais carentes, dependentes e instáveis do mundo (FAO, 2020).

A República da Guiné Bissau.

A República da Guiné-Bissau, cuja capital se chama Bissau, possui uma área total de 36.544 km², com uma população de cerca de 1.472.446 habitantes no ano de 2008, possuindo densidade demográfica de 44 hab./km² (FAO, 2020). O território guineense faz fronteiras com o Senegal ao norte, Guiné ao sul e a leste, e com o oceano Atlântico a oeste (Figura 11).

Figura 11: Mapa da República da Guiné Bissau

Fonte: CIA, 2020.

O país foi colonizado pelos portugueses a partir do ano de 1446 e permaneceu colônia lusitana até o dia 24 de setembro de 1974, quando Guiné-Bissau conquistou sua independência, tornando-se a primeira colônia portuguesa na África a conseguir esse feito (FAO, 2020). Devido à influência colonial, uma das línguas faladas pelos guineenses ainda hoje é o Português, que é considerada a língua oficial do país. Entretanto, o Crioulo da Guiné-Bissau é outra língua reconhecida, mas não considerada oficial (FAO, 2020). Além das línguas, existem os inúmeros dialetos falados nos grupos familiares e étnicos.

Quanto à economia, Guiné Bissau é predominantemente voltada para a agricultura e para a pesca. Possui clima tropical, caracteristicamente quente e úmido, possuindo duas estações distintas: a chuvosa e quente e a seca e fresca, que facilitam as atividades acima. É o sexto maior produtor mundial de castanha de caju, suas exportações de peixes e mariscos crescem anualmente, bem como a produção de amendoim, semente de palma e a extração de madeira. Uma atividade crescente nos últimos anos tem sido o turismo, especialmente, no Arquipélago dos Bijagós, formado por mais de 80 ilhas (FAO, 2020).

Tratando-se de indicadores econômicos, o PIB do país foi de U$ 1.167.000.000 no ano de 2005, tendo sido o valor per capita de U$ 736 naquele mesmo ano. A maioria da população vive abaixo da linha de pobreza, com menos de U$ 1,25 por dia. Quanto aos indicadores sociais de Guiné Bissau, o IDH é de 0,374 (o sexto mais baixo do mundo), a expectativa de vida é 44,8 anos (166º do mundo), a mortalidade infantil é de 112,7/mil nascimentos (10º maior do mundo) e a taxa de alfabetização é de 44,8% (166º do mundo) (FAO, 2020), o que certamente é uma das justificativas para o fluxo emigratório, inclusive, de emigração qualificada de Guiné Bissau para outras nações do mundo, incluindo o Brasil.

A África Subsaariana: sub-região Central

A África Central é um das sub-regiões geográficas da África Subsaariana, como exposto anteriormente. Segundo o historiador africano Axel (2017)

> a África Central, que foi uma das principais regiões fornecedoras dos escravizados, conheceu um terremoto demográfico, por causa da deportação dos muitos braços válidos em favor das Américas a partir do século XVI ao século XIX (AXEL, 2017, p.2)

Do ponto de vista linguístico e de etnias é também conhecida como África Central *Bantu Kongo*, da qual fazem parte os dois primeiros estudantes cujas histórias de vida serão aqui descritas. Um deles, Alain, é da República do Congo, também conhecida como Congo, ou Congo Brazzaville. A segunda história dessa mesma região da África é a de Dennys, estudante proveniente da República Democrática do Congo, também conhecida como Congo Belga.

Ambos os países abordados, apresentam diversas etnias. Dentre elas, a que tem ligações históricas e culturais bem representativas com o Brasil, que é a etnia *Bantu*, da qual o Brasil herdou diversos elementos culturais. Axel (2017) sobre isso, afirma que

> a hegemonia da cultura *Bantu* nas Américas, hoje se mostra através de vários eventos e expressões culturais que são marcas *Bantu* como o samba, a capoeira no Brasil, o palenqueiro da Colômbia cuja tradição mãe Bantu foi a inspiração (AXEL, 2017, p. 15).

Conforme Mussaque (2018), os *Bantu* foram assim denominados pelo linguista alemão Wilhelm Bleek, que cunhou o termo *banto* ou *bantu*, em 1856. Henderson (2001) acrescenta que os *Bantu* eram assim chamados por serem famílias que falam diversas línguas com raiz *ntu. Bantu,* então, seria um grupo de pessoas que falam dialetos/línguas diversas entre si. Axel (2015) acrescenta que

> os escravizados *Bantu* foram o grupo predominante de todos os escravizados africanos deportados para o Brasil e alguns países das Américas, e são anteriores a todos os escravizados africanos, pois são os primeiros africanos a estar em contato com os Índios desde 1532 no Brasil e os mais numerosos na América, cerca de 75% da população negra das Américas, por causa da

proximidade e da curta duração dos navios negreiros de viagem entre as duas margens do Atlântico Sul (AXEL, 2015, p.15).

Assim, a África Central *Bantu Kongo* é uma região conhecida por longa história de conflitos étnicos, mesmo antes dos regimes escravistas, ainda dentro de sociedades organizadas em aldeias, reinos e impérios (SAMBA, 2016).

A República do Congo (Congo Brazzaville)

O Congo Brazzaville (Figura 12) é localizado na região da África Central, dentro da África Subsaariana. O país é limitado ao Norte por Camarões e pela República Centro-Africana, ao Sul por Angola (enclave de Cabinda) e pela República Democrática do Congo, a Leste pela República Democrática do Congo, e a Oeste por Gabão e pelo Oceano Atlântico (CONSULADO HONORÁRIO DA REPÚBLICA DO CONGO BRAZAVILLE - PORTUGAL, 2016).

As três cidades mais populosas do Congo são em ordem decrescente: *Brazzaville* - que é sua capital, *Pointe-Noire* - considerada a capital econômica do país e *Dolisie* (BRASIL, 2020f).

Figura 12: Mapa da República do Congo (Congo Brazzaville)

Fonte: CIA, 2020.

O país foi colonizado primeiramente por Portugal, e depois pela França. Antes da chegada dos exploradores portugueses em 1483, entretanto, o Reino do Congo englobava o que é hoje o Congo Brazzaville e o que era o Congo Belga. Na época, os portugueses chegaram à região e estabeleceram postos de comércio de escravos, logo dominando a população e enfraquecendo o reino dos congos. Somente nos anos de 1880, após a Conferência de Berlim e a "repartição" da África entre as nações imperialistas, é que a França assumiu o domínio da região, controlando-a até sua independência em 15 de agosto de 1960 (UNESCO, 2010a; UNESCO, 2010b; UNESCO, 2010c).

Assim que a independência foi alcançada, o país se alinhou ao regime socialista, desenvolvendo uma economia planificada, aos moldes da Ex-União Soviética. Em 1969 foi criado o Partido Congolês dos Trabalhadores - PCT, presidido pelo major Marien Ngouabi, que assumiu a presidência do país e o transformou na República Popular do Congo, em janeiro de 1970. Somente em 1992, o Congo tornou-se realmente uma democracia (UNESCO, 2010c).

Em 2002 uma nova constituição foi aprovada, através da qual o país foi chamado de República do Congo, passando a obter mais estabilidade, bem como uma posição política mais aberta ao Liberalismo Econômico, deixando de adotar o Socialismo como premissa. Hoje o país é uma República Presidencialista, cujo presidente é Denis Sassou-Nguesso, eleito em 2016 (ENCYCLOPAEDIA BRITÂNICA, 2021).

O país possui área total de 342.000 km2. Sua população é de 5.125.821 habitantes e a densidade demográfica é de 8 hab/km2. No norte do Congo existem florestas tropicais densas e pântanos, o centro do país é coberto por savanas, enquanto no sudoeste existem montanhas e platôs. Praticamente todo o país tem clima quente e úmido. A economia é baseada em grande parte na indústria petrolífera, mas o país também produz gás natural, madeira e ouro, além de ter uma agricultura à base de mandioca, cana-de-açúçar, dendê, banana e manga. O PIB do país era de U$ 34,054 bilhões (2016) e a renda *per capta* era de U$7,323 (2018). O Índice de Desenvolvimento Humano - IDH era de 0,574 (2019).

A língua oficial falada no país é o Francês, que é também ensinado nas escolas. Além do Francês, se falam muitas outras línguas como *Quituba, Lingala, Kiteki* que são os três idiomas mais disseminados. Há também os dialetos de cada grupo étnico, que os congoleses chamam de tribos, dentre os quais se encontram *Akwa, Beembe, Koongo, Likuba e Baganda* (informação verbal 2019c). O Reino do Kongo tem entre sua população diversas etnias. Segundo Gabrieli (2016)

> O fundador da antiga cidade de Mbanza Kongo foi Nimi a Lukeni ou Ntinu Wene, filho de Nimi a Nzima, e ocupou um território marcado por doze nascentes, partilhando-as com as doze (12) famílias fundamentais ou ***makanda*** que mais tarde passaram a disputar o poder político através de eleições. Estas doze linhagens são: Kinvuzi, Nsunda a Mpumbu, Kintumba a Mvemba, Kinanga, Kimyala, Kintinu ou Nekongo, Mpanzo a Nkanga, Mvemba a Lukeni,

> Kinzinga, Nemafuta, Mpanzo a Nimi e Kinzanga a Malunga. A organização social baseava-se no sistema de parentesco matrilinear e, portanto, toda organização social, política, econômica obedecia a esse princípio (GABRIELI, 2016, p. 230-231) .

O país que antes era organizado em dois reinos, passou a ser organizado em três reinos, a partir da Conferência de Berlim, em 1885 (TRAUMANN, 2015), com vários grupos étnicos. Além da diversidade étnica, há diversidade religiosa. No Congo, 50 % da população seguem crenças tradicionais africanas, 48% são cristãos e 2% são muçulmanos.

A República Democrática do Congo (Congo Belga e ex-Zaire)

Um dos reinos que constituíram o continente africano foi o antigo Reino do *Kongo*, composto pela África Belga, República Popular Angolana e República Popular do Congo. Inicialmente destruído pela colonização portuguesa e depois com uma história de alianças e quebras das mesmas com portugueses e holandeses no século XVII (CORREIA, 2012), o Reino do Kongo foi mais tarde dividido em três áreas imperialistas, pela Conferência Geográfica de Berlim em 1884-1885: a primeira é a atual Angola, que ficou com o sistema império ditatorial Lusitânia, a segunda parte é a República do Congo - chamado de Congo, Congo Francês - ou atualmente Congo Brazzaville, atribuído ao sistema imperialista da França, e a terceira parte é a República Democrática do Congo - antigo Zaire, também chamado de Congo Belga, ou Congo Kinshasa (Figura 13), tomada como propriedade particular do então Rei da Bélgica, Leopoldo II (SANTOS, 2019).

Figura 13 - Mapa da República Democrática do Congo (Congo Belga)

Fonte: CIA, 2020.

Foi somente em 30 de julho de 1960 que o Congo conseguiu a sua independência da Bélgica, através do Movimento Nacionalista do Congo (MNC) liderado por Patrice Lumunba, que no mesmo ano foi eleito primeiro-ministro da então República do Congo. Apesar da independência, o país viveu a partir de então constantes conflitos influenciados pela Guerra Fria, onde capitalistas e socialistas estrangeiros lutavam juntos aos habitantes locais pelo poder no país. Em 1965 uma ditadura militar, com apoio dos EUA, foi implantada no Congo, tendo Mobuto Desiré como seu ditador. Em 1971, o então primeiro-ministro Mobuto mudou o nome do país para Zaire, ao implantar uma política de africanização, alterando também o nome da Capital, de Leopoldville para Kinshasa. (UNESCO, 2010c).

Em 1997, os rebeldes da Aliança das Forças Democráticas para a Libertação do Congo - AFDL iniciaram uma revolta, propondo ao Exército do Zaire a ocupação pacífica de Kinshasa. Em 17 de maio do mesmo ano eles entraram na capital sob aplausos da população, depuseram Mobuto, que fugiu para o exílio. No mesmo ano, Laurent-Desiré Kabila assumiu o poder e mudou o nome do país para República Democrática do Congo. Em 2001, seu filho, Joseph Kabila o substituiu, prometendo restabelecer a democracia no país (UNESCO, 2010c). Atualmente, o presidente é Félix Tshisekedi e o primeiro-ministro é Sylvestre Ilunga, que tomaram posse em 2019 (ALVES, 2019).

A República Democrática do Congo é hoje uma das mais importantes nações africanas: é a segunda em extensão territorial, com 2.344.858 km2, fazendo fronteiras com a República do Congo e Cabinda (Angola) a Oeste, a República Centro-Africana e o Sudão do Sul ao Norte, Ruanda, Uganda, Burundi e Tanzânia a Leste, e Angola e Zâmbia ao Sul; é a quarta nação africana em demografia, possuindo 86.895.208 habitantes, com densidade demográfica de 37,05 hab/km2; é a sétima em economia, com cerca de US $82 bilhões de PIB anual, e a sétima em renda *per capta*, com projeção de US $741 mil para o ano de 2020 (ALVES, 2019). Apesar disso, cerca de 31 milhões de pessoas vivem abaixo da linha de pobreza na RDC, subsistindo com menos de US $1,25 por dia. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,480, ocupando a 176ª posição entre 187 países do mundo. A evasão escolar, o desemprego e a mortalidade infantil são situações rotineiras no país (ALVES, 2019).

As línguas faladas na RDC são: o Francês, como a língua oficial, o *Quicongo, o Kituba, o Sualí e o Tshiluba*, como línguas nacionais, além dos vários dialetos usados especialmente em grupos familiares e tribais.

O país possui inúmeras riquezas naturais em sua fauna, flora e subsolo. A maior de todas as riquezas econômicas é de origem mineral, o cobalto. (CEBRAFRICA, 2020). Sendo o

> maior produtor mundial (...), criou um monopólio estatal que comprará toda a produção não extraída por operadores industriais, em uma tentativa de exercer mais controle sobre o preço do ingrediente-chave em baterias recarregáveis. O país da África Central domina a produção do metal, respondendo por mais de 70% do mercado global em 2018. (CEBRAFRICA, 2020)

Por outro lado, a RDC enfrenta problemas sociais e ambientais, sendo, por exemplo, o segundo país do mundo onde mais aconteceram queimadas no mês de agosto de 2019, como é apresentado logo mais abaixo (Figura 13). Segundo dados da NASA,

> que monitoram o tempo, o número de queimadas na Angola e no Congo superam os dados no Brasil. A imagem mostra uma realidade que se repete no continente africano, onde as florestas também estão sujeitas aos interesses do capital doméstico e internacional para o cultivo de monocultura e pecuária. (CEBRAFRICA, 2020)
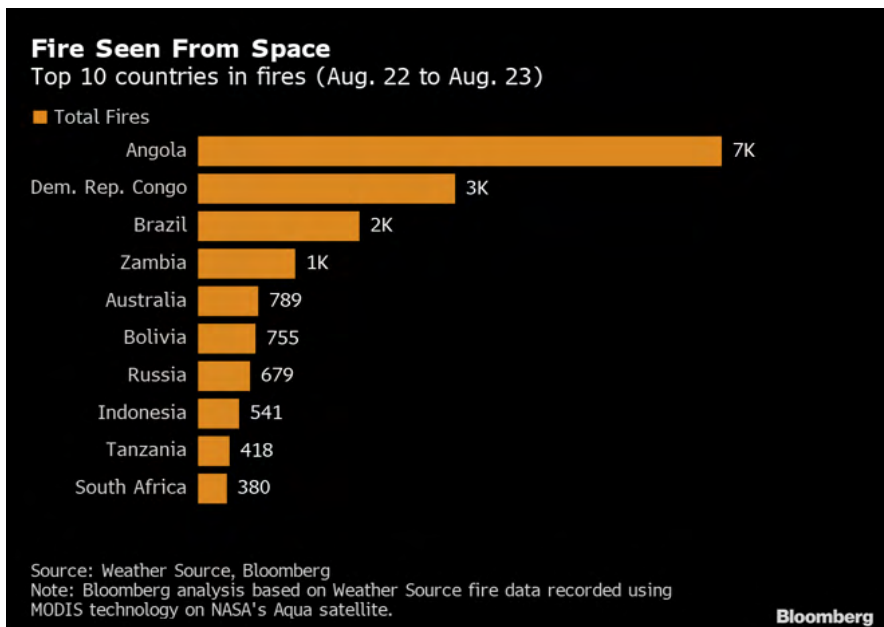
Figura 14 – Gráfico Comparativo dos 10 países onde houve mais queimadas nos dias 22 e 23 de Agosto de 2019

Fonte: Site da CEBRAFRICA, 2020.

No Jornal El País (2019), encontra-se uma matéria intitulada "A África arde ainda mais do que a Amazônia", onde é destacada uma preocupante afirmação: "Somente em Angola e no Congo há 10.000 incêndios ativos contra os 2.127 do Brasil, a maioria utilizada para atividades agrícolas e pastoris. 10% fogem do controle e são responsáveis por 90% da superfície que queima." (EL PAÍS, 2019). A reportagem destaca o grave problema existente na RDC devido à prática das queimadas com fins agrícolas, uma prática ancestral usada em toda a região, mesmo que os dados apresentados nesta pesquisa sejam referentes a apenas um período específico e limitado (agosto de 2019).

Na imagem seguinte (Figura 15) é possível ver uma foto feita por satélite, mostrando a queimada nas regiões da RDC, Angola e Zâmbia na mesma época referida, o que sugere o “tamanho” do problema ambiental africano e como o mesmo pode ser uma das principais causas das migrações ambientais na região. Como afirma Peter Moore, da FAO, acerca dos incêndios africanos, "esses são os que causam a perda de vidas, danos materiais e impacto ambiental" (EL PAÍS, 2019, s/p)
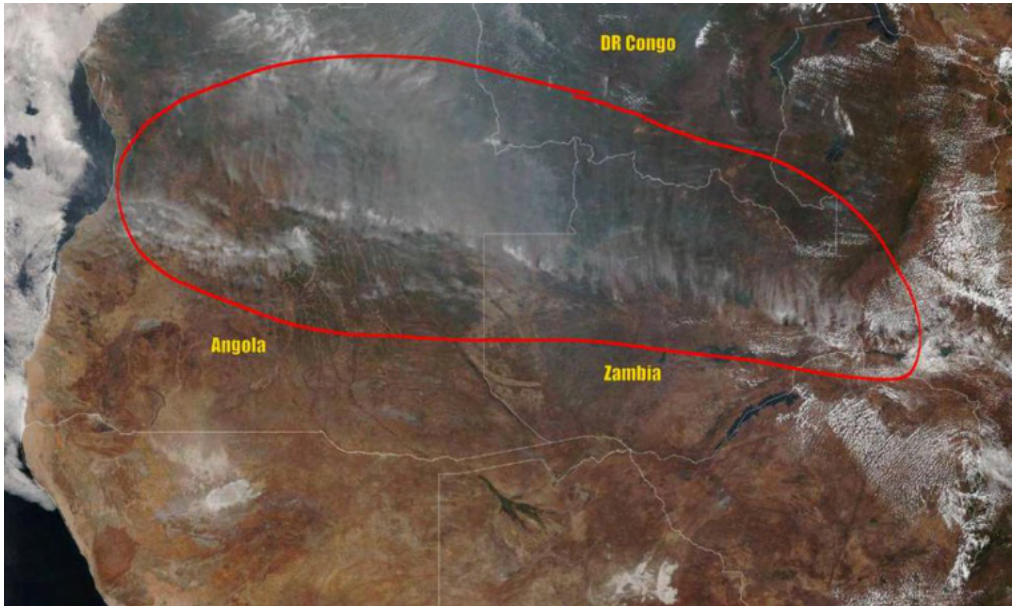
Figura 15 – Queimadas na região central da África em agosto de 2019

Fonte: Nasa/Reuters (2019), apud El País, 2019.

O CONTEXTO DE CHEGADA: ADAPTAÇÃO, DESAFIOS E DESENVOLVIMENTO PESSOAL NO BRASIL.

Brasil, Tocantins e Palmas

O Brasil (Figura 16) é um dos importantes países da América Latina. É formado por 26 estados e um Distrito Federal, onde se localiza sua Capital, a cidade de Brasília. O mais novo estado criado no país foi o Tocantins, estabelecido

> por meio da Assembleia Nacional Constituinte, em outubro de 1988, com o desmembramento e a emancipação política da porção norte do Estado de Goiás (Brasil, 1988) e instalado, na Região Norte, em 1º de janeiro de 1989 (BESSA *et al.*, 2017, p. 316)

Figura 16 - Mapa político do Brasil

Fonte: IBGE, 2021a.

Para sediar a estrutura político-administrativa do estado, foi projetada a cidade de Palmas, hoje, capital do Tocantins (Figura 17). Ela foi inaugurada em 20 de maio de 1989, momento em que houve o lançamento da pedra fundamental da cidade. Menos de um ano depois,

> Em 1º de janeiro de 1990, foram instalados os governos estadual e municipal em Palmas, que, desse momento em diante, assumiu posição como centro do poder político, antevendo as perspectivas como centro do poder econômico e identitário no novo estado (BESSA *et al.,* 2017, p. 317).
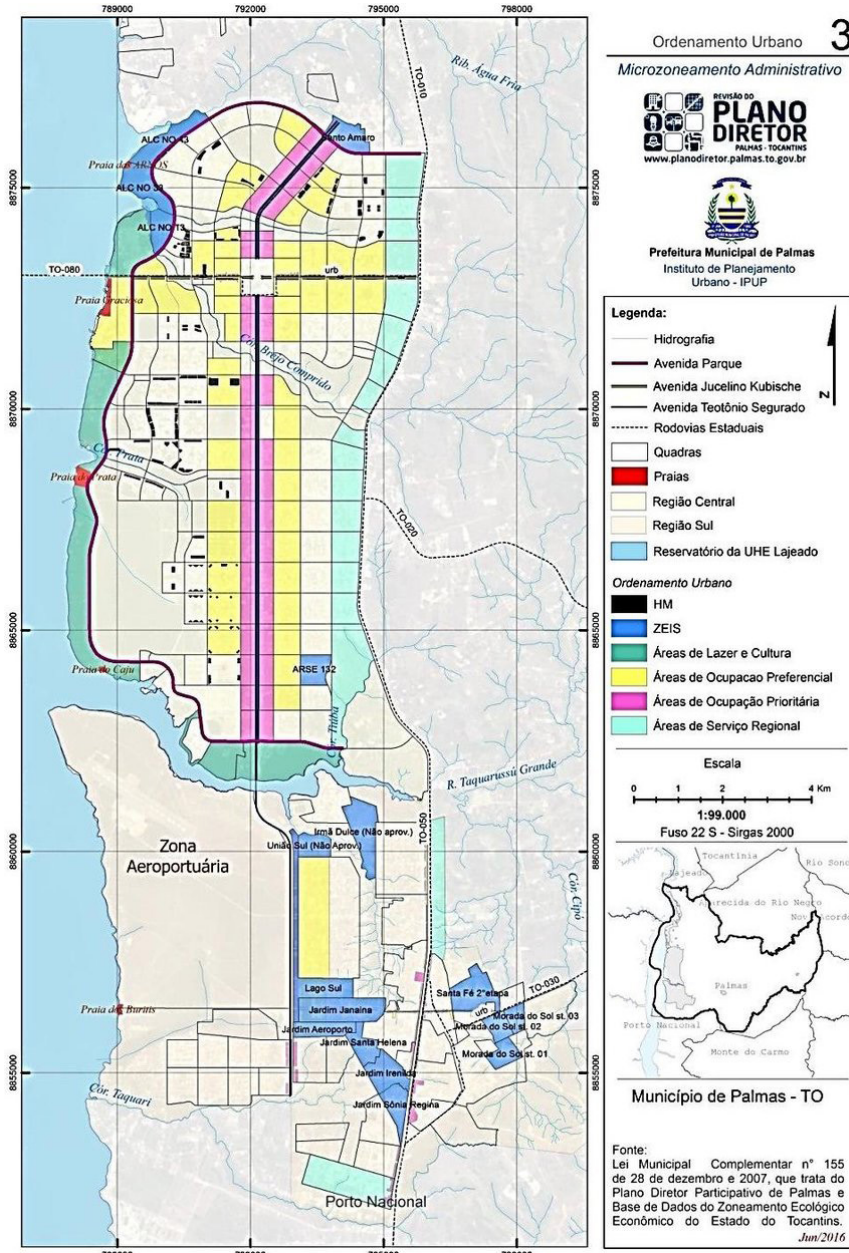
Figura 17 - Mapa do ordenamento do solo urbano do Plano Diretor de Palmas[1]

Fonte: Geopalmas, 2016, *apud* GARCIA, 2017.

Até 1988, o território que hoje compõe o Tocantins pertencia ao antigo norte de

1. O Plano Diretor mencionado foi arregimentado pela lei complementar n° 14, de 07 de novembro de 2006, que buscou realizar o aproveitamento socialmente justo e racional do solo, distribuindo de forma sistemática onde se instalará seus diferentes tipos de ocupações.

Goiás e à Região Centro-Oeste, tendo como capital política a cidade de Goiânia, por isso, as referências culturais e sociais dos primeiros tocantinenses

> eram goianas e as pessoas se reconheciam enquanto tal. Porém, diante da emancipação política, [...] as identidades e as experiências ganharam novos contornos [...], pois, [...] da noite para o dia, de 31 de dezembro de 1988 para o dia 1º de janeiro de 1989, todos amanheceram tocantinenses [...], mas sem um passado que os identificasse como tocantinenses, sem um conjunto de símbolos que os representasse como pertencentes ao Tocantins e não ao antigo norte goiano (BESSA ***et. al.***, 2017, p. 317).

Dessa forma, a identidade do povo tocantinense foi sendo construída, e ainda o é, juntamente com a construção do novo estado, tanto pela população que já residia no "antigo norte goiano", como pelos milhares de imigrantes que vieram de todos os lados do país, e também do estrangeiro, para "gestar" um estado pujante e uma capital promissora.

Em 2021, com mais de 32 anos de existência, o Tocantins é formado por 139 municípios (Figura 18), tem uma área de 277.466,763 km2, com população estimada de 1.590.248 habitantes (2020) e densidade demográfica de 4,98 hab./km2 (2010). Além disso, possui IDH de 0,699 (2010) e rendimento nominal mensal domiciliar per capita de R$ 1.056,00 (2019) (IBGE, 2021b).
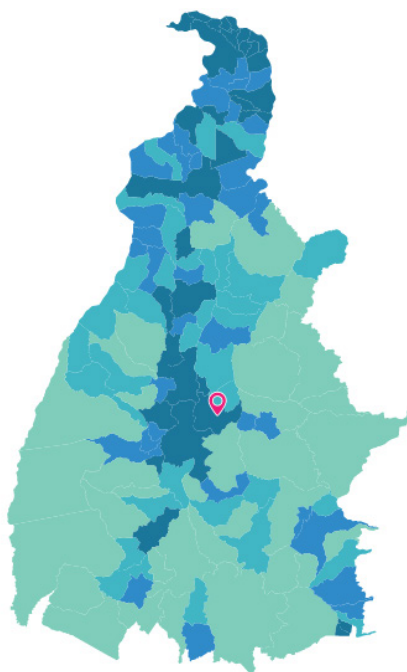
Figura 18 - Mapa do Tocantins com a divisão dos 139 municípios

Fonte: IBGE, 2021b.

Por sua vez, a cidade de Palmas, capital construída durante o governo de Siqueira Campos, primeiro governador do estado, possui área de 2.277,444 km2, população estimada de 306.296 habitantes (2021) e densidade demográfica de 102,90 hab./km2 (2010). É uma moderna cidade, onde o PIB per capita é de R$ 32.293,89 (2018), tendo IDH de 0,788 (76º posição nacional no ano de 2013) (IBGE, 2021b). Vem sendo considerada uma cidade marcada pelo crescimento e por uma boa condição de vida, o que pode ser observado na citação a seguir:

> Em 2018, o salário médio mensal era de 3.9 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 48.3%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 1 de 139 e 1 de 139, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 36 de 5570 e 64 de 5570, respectivamente (IBGE, 2021b).

Os PECs e o acesso ao desenvolvimento pessoal e profissional dos imigrantes qualificados africanos

Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores - MRE, dos 62 países participantes dos programas de cooperação estudantis, a África participa com 26 países, representando 42% do total de estudantes. A América Latina e Caribe com 25 países, a Ásia com 8 países e a Europa com 3 países participantes (BRASIL, 2020d).

Os PECs são os principais instrumentos de cooperação educacional oferecidos pelo MRE a outros países em desenvolvimento e se dividem em dois programas básicos: o Programa de Estudantes-Convênio da Graduação (PEC-G) e o Programa de Estudantes-Convênio da Pós-Graduação (PEC-PG). Eles visam proporcionar o intercâmbio de estudantes internacionais com a Academia brasileira, principalmente aqueles de baixa renda e que encontram dificuldades em encontrar vagas para ter uma boa formação profissional, seja por dificuldades financeiras ou por poucas possibilidades em seus países de origem.

Os dois programas existem desde 1965, e, especificamente, o PEC-G tem convênio com 118 Instituições de Ensino Superior - IES brasileiras, públicas e privadas, que ofertam bolsas de estudos, segundo dados do MRE (BRASIL, 2020d). As bolsas são "condicionadas ao mérito acadêmico ou à necessidade financeira extrema, mas todos os participantes devem, necessariamente, contar com responsável financeiro ao longo de toda sua estadia no Brasil" (BRASIL, 2020b).

Do continente africano, 12 países participam nestes Programas de Convênio: África do Sul, Angola, Argélia, Benin, Botsuana, Cabo Verde, Camarões, Costa do Marfim, Egito, Gabão, Gana, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Mali, Marrocos, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Quênia, República Democrática do Congo, República do Congo, São Tomé e Príncipe, Senegal, Tanzânia, Togo e Tunísia (BRASIL, 2020e).

Dados apontam que os maiores contingentes de estudantes africanos vindos para o Brasil pelos PECs são provenientes de Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau e República Democrática do Congo, em ordem decrescente, ou seja, todos países da África Subsaariana (Figura 19).

Dos listados na figura citada, apenas quatro países não estão na região da África Subsaariana: Argélia, Egito, Marrocos e Tunísia, o que evidencia o fato de ser a África Subsaariana a região com maior número de convênios culturais e educacionais com o Brasil (MIR, 2020), bem como, ser o Brasil um país que investe no desenvolvimento da África.

PEC-G

PEC-G - Selecionados - África - 2000 a 2019

PAÍS	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL
África do Sul																		1	1		2
Angola	3	21	29	23	33	11	31	28	91	68	48	83	63	53	59	77	7	11	12	2	753
Argélia																2					2
Benin									11	5	7	19	39	37	73	48	40	71	44	93	487
Cabo Verde	117	65	227	263	192	230	314	265	381	206	133	74	155	88	104	119	64	62	58	52	3169
Camarões			1					2	1		3	6	3	9	7	3	5	7	2	4	53
Costa do Marfim				1	1			3	1				1	4	9	4	5	5	8	15	57
Gabão		11		2	1	1	3	4							3	4	3	2	10	16	60
Gana	2	3	7	9	11	6	3	3	6		1	1		7	26	23	36	65	58	19	286
Guiné-Bissau	36	88	111	97	58	186	159	19	133	181	95	55	118				7	15	33	25	1416
Guiné Equatorial																				27	27
Marrocos																		1		2	3
Mali							2												1		3
Moçambique	12	13	27	21	26	27	13	9	4	4	9	7	8	13	13	9	1	3	2	8	229
Namíbia	1	1														6	65		1		74
Nigéria	9	6	7	11	14	27	19	22	32			12	1	2	6	2		2	1	4	177
Quênia		4	14	14	11	12	5		6	3	3	3		2		4	3	4	1		89
República Dem. do Congo								9	106	46	78	92	28	19	12	25	29	46	37	25	552
República do Congo													4	6	4	2	4	6		30	56
São Tomé e Príncipe			24		47	147	35	13	12	4	6	19	12	3	19	17	9	12	2	7	388
Senegal	7	2	4	1	1	3	5	1				1	1	4	1	6	3	10	7	7	64
Togo												4	11	8	3	6	6	2	3	1	44
TOTAL	187	214	451	442	395	650	589	378	784	517	383	376	444	255	339	357	287	325	281	337	7991

Figura 19: Estudantes da África do PEC-G de 2000-2019

Fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2020.

ANÁLISES, DISCUSSÃO E RESULTADOS

Este capítulo traz as histórias de vida de Simplício, Jovelino , Alain e Dennys, e como se deram suas inserções no Brasil, especificamente na UFT e no IFTO, a partir de dados coletados em suas próprias narrativas.

Santos e Santos (2008), ao discorrerem sobre a investigação com o método de História de Vida, afirmam que a mesma "não consiste em elaborar primeiro um *corpus* de material empírico, relatos de vida ou outras formas de dados e depois unicamente dedicar-se à análise desse *corpus*. A análise começa, imediatamente, e se desenvolve simultaneamente a compilação dos testemunhos" (SILVA; SILVA, 2008, p. 716). E dessa forma é feita nesta pesquisa. A AC é qualitativa e temática (BARDIN, 2011), realizada simultaneamente à elaboração dos resultados e discussões, pois conforme afirma Bardin: "Quando se faz análise de entrevistas, raramente é possível estabelecer um quadro categorial único e homogêneo, devido à complexidade e à multidimensionalidade do material verbal" (BARDIN, 2011, p.102).

Assim, a AC consistiu em "reportar em cada relato de vida as passagens concernentes a tal ou qual tema, com o objetivo de comparar depois os conteúdos dessas passagens de um relato a outro" (BERTAUX, 2005, p. 399). Os temas (ou categorias) contidos nas entrevistas foram relacionados a alguns temas dos capítulos do livro do Ross (1921), sobre Ecologia Humana, ligado à Escola de Chicago, já mencionado anteriormente. Isso se deu pela proximidade dos temas comuns às duas realidades: imigração, cidades recém-construídas e em expansão, histórias de vida e a questão ambiental.

Respeitaram-se as identidades dos sujeitos participantes nos seus próprios enunciados, ao se escreverem as suas trajetórias de vida, e ao analisá-las, levando-se em conta questões de contexto, autobiografia e inserção, interpretadas pelo olhar do pesquisador, a partir de elementos que aparecem nas entrevistas realizadas.

AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS IMIGRANTES QUALIFICADOS DA GUINÉ BISSAU

Conforme aponta Revel (1988), as histórias de vida são usadas aqui para compreender as trajetórias de cada imigrante. O autor acrescenta que

> a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente desse, ao acompanhar o fio de um destino particular - de um homem, de um grupo de homens - e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve" (REVEL, 1998, p. 20).

As duas primeiras histórias de vida são de estudantes oriundos da Guiné Bissau. Ambos vieram ao Brasil através do PEC-G para estudar na UFT - CUP. Como seu país de origem foi colonizado pelos portugueses, os entrevistados falam português crioulo,

com sotaque diferente do falado no Brasil, mais próximo ao sotaque de Portugal. A similaridade da língua facilitou o desenvolvimento das entrevistas e da própria interação entre pesquisador e pesquisados.

As entrevistas dos dois guineenses foram as primeiras realizadas na coleta de dados empíricos. Nelas, ambos os revelaram que é comum o nome das pessoas nascidas em seu país ser relacionado a uma virtude que a família deseja para aquela pessoa. Embora os nomes aqui sejam fictícios, o que se tentou foi uma aproximação à virtude dos nomes originais de cada um. A seguir tratamos da história de vida do primeiro entrevistado.

A História de Vida de Simplício: a troca de IES

A primeira das histórias narradas é a de um imigrante da Guiné Bissau. O entrevistado é aqui chamado de Simplício[1], que veio ao Brasil através do PEC-G, estudou primeiramente na UFT, e por questões de tempo de integralização dos créditos, transferiu-se para o IFTO na mesma cidade. Em 2021 ele ainda cursa a graduação em Sistemas para Internet no IFTO - *Campus* Palmas. Simplício é solteiro, tem um sorriso largo e uma simpatia distintiva de sua pessoa.

Chama a atenção o fato de que o nome do estudante ainda constava na lista de acadêmicos da UFT, fornecida pela Secretaria Acadêmica em 2019, embora já estivesse estudando no IFTO. Como dito acima, o acadêmico fala português com sotaque, língua oficial de seu país de origem. Foi bastante aberto à entrevista e demonstrou grande simpatia pelo Brasil.

Após algumas leituras do documento gerado pela transcrição de sua entrevista, verificou-se a importância do mesmo, do ponto de vista histórico. Thompson (1992), ao falar da entrevista como documento para a história oral, diz que sua importância está em:

> (...) fazer um registro "subjetivo" de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista; mas para esse fim, essas coisas se tornam o texto fundamental a ser estudado. Assim, quanto menos seu testemunho seja moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor. Contudo, a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado, e pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita; e isso tudo, juntamente com os pressupostos não expressos, cria expectativas que moldam o que vem a seguir. (THOMPSON, 1992, p. 258).

O pesquisador, portanto, deve estar atento de que as entrevistas são sempre narrativas, o que não lhes tira o mérito, uma vez que é de suma importância que a história

1. Este e todos os nomes usados para os sujeitos pesquisados são fictícios, como explicado na metodologia. Simplício é um nome que se refere às virtudes da simplicidade e modéstia.

seja contada a partir de várias óticas, conforme exemplificado a partir do item a seguir.

Narrativas de origem e do contexto geopolítico da Guiné Bissau

Ao contar sua história de vida, Simplício inicia sua apresentação dizendo que seu nome foi escolhido por um senhor médico português, que foi quem educou sua mãe, assistiu seu parto e escolheu seu nome. Sobre esse episódio de sua vida ele conta:

> E esse meu nome surgiu exatamente porque tinha um português na altura, que foi ele que educou minha mãe. Então a minha mãe passou a fase de adolescência e juventude e casou. E foi ele que assistiu a minha mãe no parto, e quando eu nasci ele disse: o menino vai ter o nome de Simplício.... e esse nome pegou. Aquele médico visionário falou meu nome, o menino vai ter este nome de Simplício. Ele foi para Portugal. Eu queria ir visitar, só que não pude porque o tempo era curto e não deu. Mas eu liguei para ele e falei com ele, como forma de poder agradecer a tal virtude que ele colocou no meu nome. E hoje gostaria de agradecer. (informação verbal, 2019a).

Questionado a respeito de sua região de origem, ele diz que nasceu na capital do país, Bissau. E acrescenta que na cidade de Bissau ele é "de um bairro chamado Bandin, que é a zona industrial" (informação verbal, 2019a). Simplício comenta também sobre a situação demográfica do país:

> Então, de acordo com o censo, segundo a estatística, Guiné está mais ou menos com 1.650.000 habitantes. Então, a capital é mais povoada porque ali se favorece mais condições de vida. E tem esse êxodo rural, que é a migração do campo para a cidade à procura de melhores condições. Então mais ou menos 1.000.000 de habitantes se encontram na capital, que é Bissau. A cidade é bem pequenininha, mas o número da população é que é um pouquinho grande (informação verbal, 2019a).

Sobre sua infância na Guiné Bissau, o imigrante afirma ser de família menos favorecida economicamente e com pais divorciados. Relembra detalhes sobre sua criação:

> Então eu nasci duma família assim, posso dizer de poucas possibilidades financeiras e os meus pais são divorciados. A minha mãe, eu cresci junto com a minha mãe. Então desde criancinha eu cresci num lar evangélico. (...) Da parte de minha mãe nós somos quatro irmãos. Eu que sou o mais velho. Tem um que está em Portugal e os outros dois mais novos estão lá na com a minha mãe, terminando o ensino médio agora (informação verbal, 2019a).

A respeito de sua educação formal, o entrevistado diz que em seu país eles são obrigados a aprender francês e inglês, para facilitar a circulação com os países vizinhos, como Senegal e Gâmbia, ao norte, e Guiné (francesa). Ele afirma que "no ensino médio cada um tem que escolher entre aprender francês ou inglês" (informação verbal, 2019a), além do "português crioulo" que é a língua falada no cotidiano.

Simplício afirma que estudou a vida inteira em escola pública, tanto o ensino

fundamental, quanto o ensino médio. Ele explica que em seu país, o governo não tem condições de dar universidade pública a todos. Simplício conta:

> Eu quando eu comecei é... no início do meu estudo acadêmico, então lá tem essa escola, por exemplo, da primeira série até a quarta série. Então, eu estudei todo o tempo na escola pública. Porque lá tem o sistema chamado de primeira classe. Porque tem um jardim, que você começa a partir de mais ou menos quatro anos até oito, até sete anos mais ou mesmo. Depois dos oito anos, você vai pra escola primária para começar a primeira série, segunda, terceira e quarta. Então todo meu tempo eu passei na escola pública. Depois a Universidade é paga. Quando eu terminei os estudos e fiz o 12º ano, como a situação no país não estava favorecendo... a escola, é... a universidade, tem duas universidades, universidades públicas. Mas só que o governo, não está nas condições de arcar com as despesas. É a universidade pública, mas de iniciativa privada, porque cada aluno tem que pagar. Então a minha mãe não tem condições de pagar a mensalidade. E tenho uns parentes que estão lá em Portugal que estavam a ajudar. Depois que a crise bateu em Portugal, eles ficaram impossibilitados de poder honrar os compromissos que tinham para me ajudar, pra poder... eu já estava fazendo Engenharia de Informática lá, na Universidade Amílcar Cabral. Então eu tive que interromper os estudos por causa de não estava na condição de poder custear (informação verbal, 2019a).

A economia do país de origem de Simplício gira em torno de "Agricultura e Pecuária, especialmente a produção de castanha de caju, amendoim, criação de gado bovino e caprino, para exportação" (informação verbal, 2019a)[2]. Apesar disso, em Guiné Bissau, a maioria da população vive abaixo da linha da pobreza.

Falando sobre o contexto geopolítico atual de seu país de origem, o imigrante afirma que hoje o país vive em paz, embora o passado de conflitos étnicos por ocasião da Independência tenha sido forte. Afirma sobre isso:

> Agora toda etnia está de boa. Há um relacionamento. Antigamente havia etnias que não se casavam. Agora, graças a Deus... Se você chegar lá, vai parecer que existe só uma etnia. (...) quando raramente ocorre algum conflito, é motivado pelos políticos, na época das eleições, porque querem ser eleitos para enriquecer ilicitamente, e dividindo os grupos, isso facilita (informação verbal, 2019a).

Em Guiné Bissau funciona hoje, segundo as informações do entrevistado, uma democracia, um sistema de semi-presidencialismo, inclusive com recentes eleições legislativas realizadas, em 18 de Abril de 2019, que conferem um mandato de 4 anos, onde o político pode ser reeleito uma vez. Depois automaticamente o eleito tem que dar vaga para outra pessoa. Sobre o sistema político do país, ele acrescenta:

2. Todas as informações verbais desta dissertação são referentes às entrevistas concedidas pelos imigrantes abordados.

> Guiné Bissau é um país que foi colonizado pelos portugueses e fica na costa ocidental da África. Tem uma superfície de 36.125 mil Km2 e ele tem um sistema quase meio aportuguesado, que é o sistema administrativo. Tem as províncias e os setores: três províncias e trinta e seis setores. Então esses setores, normalmente é o Ministro do Interior que determina os administradores. Os administradores são normalmente das regiões. Que são oito regiões e três províncias. Lá temos um presidente, sistema semi-presidencialismo, que tem o presidente e o primeiro ministro. O presidente simplesmente é tipo um juiz, para apitar. E o primeiro-ministro que é o chefe do Executivo. E ele que é responsável pela parte executiva: nomeação dos ministros e coordenar as atividades de outros ministérios. Então é isso assim, hoje lá funciona o estado democrático, então é uma democracia (informação verbal, 2019a).

Necessidade de desenvolvimento e vinda para o Brasil

Após ter que interromper seus estudos no país de origem, Simplício conta que ficou procurando oportunidades de melhoria de vida e aproveitando para fazer estudos complementares livres, inclusive de literatura brasileira, enquanto estava esperando pela oportunidade de receber uma bolsa. Foi quando resolveu procurar a Embaixada do Brasil, para pedir informações sobre possibilidades de bolsas e convênios, visto que já tinha terminado o 12º ano do ensino básico. Sobre isso ele acrescenta:

> Então eu fui na Embaixada do Brasil a pedir informações e apareceu a oportunidade e eu me candidatei. Consegui a bolsa de estudo e vim para cá. Então foram duas oportunidades. Porque no formulário que eles entregavam, a pessoa era obrigada a escolher duas cidades de preferência. Caso contrário, se a cidade pretendida não fosse conseguida, aí automaticamente era a segunda opção. Então eu escolhi Palmas, porque o meu professor na altura, tinha estudado aqui em Ceará, Fortaleza. Então foi ele que me deu a dica. Ele disse: vai para Palmas, porque é uma cidade tranquila, uma cidade nova, com baixa criminalidade. Porque eu tinha chutado Palmas e Belém. E ele fala: não, de preferência vá para Palmas, porque Belém não vai ser apropriado para você. Então escolhi vir para cá. E esse foi o motivo da minha vinda para cá. (...) (informação verbal, 2019a).

Ele explica que se inscreveu no PEC-G e conseguiu a vaga na graduação em um curso da área de exatas na UFT - CUP. Passou ali vários anos, mas segundo seu próprio parecer, foi um pouco relapso e teve que transferir o curso para o IFTO, para não ser jubilado. Em certo momento da entrevista, ele diz: “vim cá para o Brasil, eu estava fazendo Ciência da Computação na UFT. Depois transferi para IFTO, para o curso que é o de Sistemas para a Internet” (informação verbal, 2019a).

Ao detalhar sobre a mudança de IES, ele afirma que quando chegou para estudar na UFT, até certo ponto foi negligente com os estudos e o aproveitamento do tempo. Ele narra que foi

> desleixado, porque eu chegava na UFT e era assim, eu não me dediquei bastante, não me dediquei bastante e perdi um bom tempo. E quando eu fui suportar, já era tarde. Então o coordenador avalia ali e disse que o tempo ultrapassou e que não podia continuar ali e que eu ia ser jubilado. Então eu pedi transferência para o IFTO, para não ser jubilado. E estou gostando. Então eu sou cúmplice do que aconteceu comigo mesmo, porque fui procrastinando. Mas só que eu tenho que colocar a cabeça no lugar porque eu sai com um objetivo e não posso desfocar (...) Na IFTO eu trabalhava como colaborador, colaborador de T.I, ligado ao meu curso. Então depois cortaram a bolsa. Depois eu recebi aquela bolsa permanência, mas eu tenho que correr atrás (informação verbal, 2019a).

Tratando da temática do desenvolvimento que a continuidade dos estudos proporciona e de como isso pode contribuir para o próprio país de origem, Simplício afirma que seu objetivo é realmente terminar a graduação e, quem sabe, fazer um mestrado e um doutorado. Ele crê que aprender serve para se desenvolver

> e você pode ser vida, ajudar o seu povo a crescer, isso acho que é algo que é muito bonito, é muito, muito importante é. É um objetivo, não? O que a gente aprende o que a gente tem, não é só para a gente, né. Tem que ser compartilhado. E quanto compartilhando, você tem mais a aprender porque se ir até o seu conhecimento, é claro que vai surtir efeito para o futuro você tem que expor (informação verbal, 2019a).

A vida construída sob influência de conflitos étnicos

Simplício afirma que desde a infância ele conviveu com conflitos étnicos em seu país. Descrevendo sobre as etnias locais de Guiné, ele diz:

> Bom, é... eu sou mestiço. Eu sou mestiço porque lá em Guiné tem várias etnias e todas essas etnias... é... se dão bem. Só que no início, é antes da Independência, e após a vinda dos colonos, que são os portugueses, para melhor se tentar reinar, provocaram uma briga entre essas etnias que não se entendiam, por causa da própria interferência dos portugueses na tentativa de dividir para melhor reinar (informação verbal, 2019a).

Ele atribui, inclusive, a esse tipo de briga, as relações conflituosas entre seu pai e sua mãe, por serem de etnias diferentes, e cujas famílias eram contrárias à união dos dois, o que contribuiu para o rompimento do casal. Ele narra que

> Essas etnias tiveram uma briga entre a etnia Mancanha, que era a etnia do meu pai e a etnia Papel, que era a etnia da minha mãe. Depois com o tempo aí... passou essa briga, passou essa briga lá no período da independência. Mas só que algumas pessoas, por exemplo, da etnia que foi vencida aí, guardaram alguma mágoa, guardou algum rancor. E a nossa geração agora já ultrapassou esse sentimento, mas os nossos antepassados, os nossos avós, ai, tinha alguns que guardaram esse ressentimento aí (...). Então foi exatamente isso que aconteceu. Porque o meu pai que era da etnia Mancanha e a minha mãe que era da etnia Papel, então o casamento, o cruzamento entre

> essas duas pessoas não resultaram, porque a avó, que era a mãe do meu pai, não estava a fim desse relacionamento e insistiu para que tudo não desse certo. E finalmente não deu certo. Porque de tanta insistência, que a sogra da minha mãe a minha mãe é a nora e não dá bem com essa sogra aí, a minha mãe fez tudo fez de tudo que podia. Então ocorreu o fim do relacionamento com o meu pai, que era um relacionamento de muitos anos. Mas não adianta insistir num casamento que você não tem a paz, a felicidade e aí se separaram (informação verbal, 2019a).

Outros estudos mostram que esta questão de gênero, família e sexualidade é muito importante na etnia Mancanha, da família paterna de Simplício. A etnia é também chamada de Brames. Bianguê e Cabanillas (2018) falam a respeito dessa etnia, afirmando que

> Os Mancanhas ou Brames, se localizam em termos geográficos, ( ) se designa ***tchom di Mancanhis*** ou terra di Mancanhis são Bula (um sector da Região de Cacheu) e Có (uma secção do sector de Bula/Região de Cacheu) (....) Embora sejam Bula e Có tradicionalmente conhecidos como ***tchom di Mancanhis*** ou terra di Mancanhis alguns estudos apontam segundo Jao (1989) que em termos numérico, os Mancanhas são qualquer coisa como 26.026 indivíduos no total na Guiné-Bissau, isto na coleta de dados de 1979, onde estes se concentram maioritariamente em ilha de Bissau (BIANGUÊ; CABANILLAS,2018, p. 2) .

Simplício afirma que, em seu modo de ver, hoje, a nova geração já superou essas diferenças étnicas. Acrescenta também que ele mantém um bom relacionamento com seu pai, que inclusive o ajudou bastante. Mas declara ser mais apegado à mãe, porque foi criado junto a ela. Sobre o pai ele afirma:

> Não tenho nada contra o meu pai, porque eu devo a ele muito favor. Só pelo fato de ser o meu pai, já é uma coisa que é . imensurável. Não tenho palavras para agradecer. Só simplesmente ser grato (informação verbal, 2019a).

Interações sociais, topofilia e topofobia

Simplício parece carregar em si a virtude de seu nome. É alguém simples, modesto, e expressa um sentimento de gratidão a todas as pessoas e lugares que compõem o tecido de sua história.

Ao falar de seu país de origem, as memórias que tem de lá, Simplício expressa uma saudade, uma nostalgia. Ele diz que tem dias que

> dá uma nostalgia, aquela saudade e que parece...é uma dor na alma. Tem dias que eu acordo assim, que eu vejo aquele relacionamento que eu tinha com eles assim..direto, parece um filme ...passando assim (...) É claro que tenho meus conterrâneos aqui, mas tem um momento que você fica só, e sai de faculdade, e chega em casa. E ainda o pior de tudo é quando a situação fica tensa na faculdade. Você não está entendendo o conteúdo aí e chega e precisa de uma pessoa para interagir, para você poder esvaziar aquilo que

> você está sentindo. Então a única forma que eu consegui é interagir com as pessoas. Então eu saio, eu vou ali no Suçuapara.Eu cheguei lá pela primeira vez e aí...olha eu não sei como é que eu consegui chegar com aquelas pessoas...eu tenho essa facilidade de chegar nas pessoas e fazer uma amizade sincera. E eu sinto que eu tenho um amparo, eu tenho um amparo para poder desabafar (informação verbal, 2019a).

Falando dos principais aspectos que facilitaram a adaptação dele à cidade de Palmas, e que ajudaram a se ajustar à cultura local, em sua percepção, foi a facilidade de adaptação e amor à cidade de Palmas que ele desenvolveu (*topofilia*). Para Simplício, o imigrante tem uma grande responsabilidade em sua própria adaptação, para que haja uma aceitação mútua entre ele e os cidadãos palmenses. Ele afirma que, no geral, o povo de Palmas tem uma abertura para o estrangeiro. Sobre essa aproximação ele diz:

> Então, em termos dos aspectos que facilitam, no meu ponto de vista aí eu acho que... essa forma de conduta. Porque se... como eu havia mencionado lá atrás, se você não abrir, é claro que algumas pessoas não vão chegar. Então... para facilitar essa aproximação, primeiro você tem que dar permissão para que acontece, e aí as pessoas se aproximam (informação verbal, 2019a).

Questionado sobre a diferença de adaptação nas duas IES federais onde estudou e estuda, e se há no IFTO um departamento para cuidar dessa relação com os estudantes estrangeiros, ele respondeu que sua adaptação no IFTO foi melhor em relação à da UFT (informação verbal, 2019a). Comenta que no IFTO já conhecia outro aluno africano, chamado Adão, do ensino médio e também um que hoje é colega dele na graduação tecnológica. Ainda disse que no IFTO teve contato com professores e outros alunos imigrantes da América Latina, e que estes o ajudaram nesse entrosamento. Discorrendo sobre o tema.diz:

> É nova experiência que a IFTO está tendo. É... por que eu... ó lá tinha outro Angolano lá, o Adão. Então quando eu pedi a transferência para IFTO, como é o Instituto Federal, eles falaram que essa era a primeira vez, mas tem... como é que é... a parte de assistência social, que encarrega dessa parte para apoiar os alunos e tudo mais. Então... IFTO, em relação à UFT, eu vejo eu sinto mais à vontade ali. Porque o povo parece que interage e corresponde exatamente àquilo que eu gosto. Exatamente... eu fico até surpreendido, a pessoa chega e cumprimenta: "oi tudo bem?". Essa coisa que eu gosto aí e o IFTO está a oferecer isso muito bem e não sei se tem uma comissão especializada nessa área (informação verbal, 2019a).

Um aspecto que o imigrante destaca como favorecedor de sua boa adaptação no Brasil é o fato de que ele percebe que, no geral, há no país uma boa receptividade ao estrangeiro.

> No geral tem. Eu não posso dizer que não há uma receptividade, porque eu posso constatar isso *in loco* numa comunidade, na comunidade da igreja mesmo, que eu participo. Há essa abertura. O próprio lema da igreja que é

> comunidade multiplicadora de discípulos de Jesus. Então tem aquele afeto, um afeto... (informação verbal, 2019a).

Acrescenta que sua comunidade de fé, que é evangélica, contribuiu muito com sua adaptação à cidade. Ele diz:

> Por exemplo. Quando cheguei eu fui na igreja e tem uma menina que me apresentaram. No outro dia, conheceu hoje, amanhã já chama para jogar na quadra de esportes (...). Eu sei. (....) Porque eu posso constatar isso numa comunidade, na comunidade da Igreja, essa abertura para que eu me inserisse, porque aquela comunidade tem muito afeto (informação verbal, 2019a).

O entrevistado foi introduzido ao conceito de *topofilia*, como sendo um sentimento de amor ao lugar onde está. Questionado a respeito desse sentimento em relação a Palmas, ele responde:

> Acho que é possível criar uma total via também em relação à cidade. E de Palmas em relação ao Tocantins, e em relação ao Brasil. Não que seja igual, né? Mas é possível também ter decentemente afeição de quando pensar sobre a cidade. Quantos amigos fiz? Cheio assim (faz sinal com a mão). Isso é possível! Porque no início você acha que não é possível para a cidade, que é difícil de se adaptar (...) Falar que não posso criar do que foi aqui? Lugar onde todo mundo é aceito sim. Porque eu também seria ingrato, sim. Não! (....) Porque Palmas me acolheu. E se um dia eu fosse um homem, eu devo uma certa contribuição de ter passado por aqui: a convivência, os amigos... Até hoje me perguntam: você tem cara de quem não quer voltar pra Guiné. Mas eu vou. Tem os parentes ali. Só pelo fato de ter amizade... Mas já chega a uma certa altura que tem que voltar, porque tem a mãe. Os parentes também precisam! Mas eu tenho um amor incondicional por essa cidade (informação verbal, 2019a).

Ele diz que a língua não foi um problema na vinda para o Brasil, foi até uma vantagem. Mas diz que quando conversa com pessoas que falam muita gíria, ele não consegue entender muito bem. E sobre a alimentação, ele alega que a cultura alimentar não foi um problema, pois não é tão diferente da alimentação do seu país, porque ambos vêm de tradição portuguesa. Mas estranhou a "prática diária do comer feijão" (informação verbal, 2019a). Acrescenta que se identificou ainda mais com a alimentação quando esteve na Bahia por um mês.

> Eu já fui na Bahia, comi acarajé, é bom demais! Lá na Bahia, cheguei lá, comi fruta pão, vatapá, azeite de dendê, que é um pouco diferente do de lá do meu país. (...) Eu pra ser sincero... o povo baiano é um povo que me marca e vai me marcar para o resto da vida. Por que... lá eu não percebi de jeito nenhum se tem essa coisa de preconceito. Essa palavra preconceito, eu vivi ela aqui em Palmas. Mas lá na Bahia, para mim não existe. Da forma como eu fui recebido, calorosa, eu me senti amado. Todo mundo queria me levar para a sua casa. Lá na Bahia eu senti aquele calor! O povo é muito receptivo. Eu senti na Bahia como se estivesse em casa. Eles me chamavam para jogar

> futebol, que chamavam "baba". (...) O povo baiano é mais aberto (informação verbal, 2019a).

Sobre *topofobia,* ele diz que ao chegar sentiu um choque de culturas, porque no país dele o povo é muito extrovertido. O Africano é muito alegre e resistente, segundo Simplício. E ele sentiu certa diferença aqui, especialmente nessa região.

> A minha experiência quanto a isso é um choque de cultura, porque eu sai de uma cultura totalmente diferente. Porque quando eu cheguei aqui, lá na UFT, eu logo percebi. Porque lá no meu país tem essa coisa..o povo é muito extrovertido. E outra coisa que tem lá, tipo... independentemente conhecendo ou não, você cumprimenta a pessoa. (...) Porque lá todo mundo quase se conhece, indiferente se você conhece alguém, o povo... porque lá todo mundo fala e cumprimenta todo mundo. É uma coisa que a gente aprende lá em casa, que tem que cumprimentar qualquer pessoa. Se você passar por cima e não cumprimentar, quando chega em casa, apanha de seus pais. Então aquele hábito nós trouxemos pra cá, e alguns já me chamaram de vereador por causa disso. Porque eu noto que algumas pessoas não gostam (informação verbal, 2019a).

Questionado a respeito de preconceito social ou racial, e se ele já percebeu esse tipo de atitude dos brasileiros em relação à sua pessoa, Simplício afirma que sim, o que corrobora com o que disse Tuan (2012) à respeito das estruturas e respostas psicológicas comuns aos seres humanos, quando afirma que: "o homem tem a tendência para diferenciar seu espaço etnocentricamente" (TUAN, 2012, p. 34) e defende que a mente do ser humano parece estar adaptada para organizar as coisas binariamente em pares opostos, distintivamente, nas experiências humanas que dividem as coisas em sagrado-profano, nós-eles, claridade-escuridão (TUAN, 2012). Narrando suas experiências neste sentido, o entrevistado diz:

> Tem pessoas abertas e tem outras também que... que... eu já sofri, porque basta no olhar das pessoas, tem pessoas que vivem com um olhar de rejeição, do tipo "aqui não é seu lugar". Então, eu já vivi essa experiência. Só que, eu me pauto mais por aquilo que me dá força, em vez daquilo que... vai me criar só problema. Imagine só, no ônibus... várias vezes, você se chegar primeiro e sentar ao lado, ninguém, vai sentar ao seu lado aí. É... desse jeito...mesmo na faculdade aí, ninguém vai sentar ao seu lado. (...) Passei por essas situações, passei, passei, e alguns de nós aí... também tiveram a mesma oportunidade. Por exemplo, se você for para um supermercado, à medida que você está andando na prateleira, fica uma pessoa ao lado observando e outra pessoa lá atrás com rádio de comunicação. E a pessoa que fica a seu lado, às vezes finge que... para ter uma conversa e pergunta: você tá precisando alguma ajuda? Só para se certificar que (informação verbal, 2019a)

Perguntado se ele acha que isso tem a ver com preconceito racial, ele responde que sim, que "é desse jeito, é desse jeito" (informação verbal 2019a). Ele conta outra experiência que viveu em Palmas sobre isso:

> A palavra correta aí é preconceito. Porque normalmente, basta você de cor, com a cor da minha pele, aí a primeira coisa que a pessoa pensa: é um bandido. E outra coisa, um dia desses, eu tava andando de bicicleta, aí... A menina estava na frente com celular, de boa. Mal ela virou e me viu, olhou pra mim e ficou já meio assim . amedrontada. E tirou o celular que tinha no bolso de trás e colocou no bolso da frente aí. E eu... para demonstrar para ela que eu não sou aquela pessoa que ela está a pensar, andei mais rápido do que ela e tomei à frente. E eu fiquei constrangido, fiquei constrangido, não vou mentir. Mas, nem todas as pessoas são do mesmo jeito. Então eu, simplesmente, ignoro. Mas essas coisas acontecem, é diário, é diário... (informação verbal, 2019a)

Planos e futuro

Do Brasil, Simplício já conheceu São Paulo (de passagem), a Bahia e o Tocantins. Terminou sua entrevista dizendo que um dia espera voltar ao seu país de origem, porque tem família lá a quem precisa dar assistência, com quem tem um compromisso moral. Também sente o dever de contribuir com o desenvolvimento de seu país de origem. Ele esclarece:

> Quanto ao futuro? Eu sempre… eu estou focado para voltar. Pra voltar porque nesta minha área que eu tô me formando, que é a área de Sistema da Informação, em computação, é uma área que está precisando muito lá na Guiné. Está precisando muito! Porque como é um país em vias de desenvolvimento, então tem certas tecnologias que precisam ser implementadas ali e eu acho que posso ser tipo, uma pessoa que vai servir de alavanca para promover esse desenvolvimento da nova tecnologia. E eu sinto que também devo contribuir, mesmo que fosse com uma coisa pequena, contribuir para o desenvolvimento lá dos meus conterrâneos (informação verbal, 2019a).

A História de Vida de Jovelino: lutas e desventuras de um imigrante

No dia 24 de Maio de 2019 foi realizada a entrevista com o segundo imigrante qualificado guineense, que aqui será chamado de Jovelino. Ele é um jovem, solteiro, de 32 anos, proveniente também de Guiné Bissau e cursava Engenharia Civil, por ocasião da entrevista, mas estava no último período do curso. Nasceu na cidade de Ekaiol, que fica na região chamada Cacheu, uma província de Ekaiol, que equivaleria, no Brasil, a um estado, segundo ele. Ele explica:

> Minha cidade fica a 102 km da capital, é uma coisa pequena, entendeu, um país pequeno. Eu nasci aí, servindo a meus pais, também os meus irmãos. meus vizinhos, as pessoas, a gente trabalhava assim tipo... o nosso país é um dos produtores mundiais de caju...a gente ia lá no mato e escolhia caju. Depois que você chegava da escola você tem que ir lá no mato escolher caju. Depois no dia seguinte... e eu comecei a estudar. Chegou um momento que eu comecei a perceber que o estudo é muito vantajoso. Depois que eu terminei o ciclo do 5º ano. Eu terminei o Ensino Médio e ficava procurando um lugar para estudar fora. E acabei entrando naquela época uma escola de técnico

> em contabilidade. Antes de eu fazer a prova final eu já estava concorrendo a... Porque meu irmão já morava aqui em São Paulo.... Com aquela informação também, e a gente torce pelo Brasil, para mim ver a cultura, estudar também (informação verbal, 2019b).

Configuração familiar na Guiné Bissau

Logo no início da entrevista, Jovelino é questionado a respeito de sua configuração familiar no país de origem e seu contexto ali. Ele começa sua narração dizendo:

> O meu avô assim, começando... ele era uma pessoa bem conhecida na cidade. E tinha poder econômico, às vezes comprando as pessoas. Na minha cidade, tem um sistema assim, se você tem um tio pelo lado da mãe, se ele falecer, então você herda a esposa dele. Então dessa coisa eu lembro do meu avô. Ele chegou a ter em casa quase dezessete mulheres. Os filhos dele você vai encontrar quase 30. Alguns falam disso, eu nem cheguei a contar também. Então meu pai nasceu, era um dos primeiros. Ele estudou escola técnica até o nono ano, na área de elétrica. Depois ele emigrou para França e quando ele voltou era que eu nasci. Quando ele voltou da Europa, ele sempre me falou: estudar é tudo. Ele apoiava a gente em tudo de dizia: pode deixar tudo e estudar (informação verbal 2019b).

Ele acrescenta que sua família era então da zona rural e vivia longe da cidade. Assim, não havia todos os níveis de estudo que ele pudesse fazer ali na zona rural. Sua mãe era agricultora familiar. Ele discorre sobre isso:

> Como a gente viveu afastado da cidade, na época não tinha o nível todo, só até a quinta série. A minha mãe vivia com meu pai, mas ela cuidava da agricultura familiar e meu pai do comércio. Eu falei pra você que o nosso país tem caju. Então quase todo muito cuidava de caju e meu pai tinha comércio. Só minha mãe que ficou pior, por causa da agricultura. O meu pai como falava português e francês, na época os portugueses vinham para a evangelização, os religiosos, católicos... eles procuravam alguém que sabia falar o idioma. Aí meu pai ajudava, eles davam catequese, davam instrução para ele e depois eu cheguei aderindo à religião católica. (informação verbal, 2019b).

Jovelino conta que teve que ir pra cidade para estudar, o que mais tarde aconteceu com quase toda a família, que hoje vive na cidade. Ele diz:

> De toda forma, meu pai viveu uma fase inicial na região rural. Mas assim... como na época não tinha até o quinto ano, depois no quinto ano tive que ir para casa de uma tia, né, e ficava lá para estudar. Meu pai e minha mãe na agricultura familiar do caju. Com vitórias mundiais de caju, ele ficou cuidando dessa parte assim no começo, e depois todos terminaram indo para a capital. E hoje todo mundo vive na capital. Mas por causa da cultura, minha mãe ainda cuida lá no interior (informação verbal, 2019b).

Os guineenses falam que os estrangeiros portugueses, especialmente religiosos católicos, tiveram grande influência na cultura de suas famílias e com eles um bom

relacionamento, o que lhes favoreceu inclusive em termos de estudo e emprego. O entrevistado afirma que:

> Se você tivesse bom relacionamento com estrangeiros, se já soubesse falar uma língua estrangeira, que eu falo, às vezes a pessoa era separada e quando chegava aí, na capital, levaram ele para casa, ou apresentavam no trabalho militar importante, uma pessoa assim de uma comunidade, né (informação verbal, 2019b).

Sobre sua emigração do país de origem, ele conta que se deu porque na época tinha poucas universidades ali e que era muito difícil entrar para fazer um curso superior. Também na cultura do país existe uma ideia de que, quem estuda fora, se desenvolve melhor. Então ele buscava sair para um país desenvolvido, para crescer e poder voltar. Ressalta que hoje há diversas universidades lá, boas universidades inclusive, mas na época que saiu não havia. Ele conta que a forma de pensar na época era:

> Bem, quando eu terminar a escola, eu vou sair, vou estudar e vou voltar. Já vou voltar bem diferenciado, ser rico. (...) Quando eu saí, escolhi o Brasil por causa da bolsa e porque é um país assim muito próximo da gente, e o brasileiro é muito legal, aqui eu poderia estudar... e é também um país que está crescendo. Por exemplo, eu acompanhava, em 2011 ou 2012 o Brasil ocupava a sexta economia mundial, por aí... É um país que tem Energia... por exemplo, Portugal tem Energia, mas não tem muita força e potência como o Brasil. Também em termos de desenvolvimento de mão de obra que ele precisar e também estágios para ofertar. Então eu pensei assim: eu já tinha um irmão aqui. Acho que vou me inscrever para o Brasil. E eu decidi me inscrever, fiz prova e tudo. É um convênio, que já existe tipo assim há trinta anos atrás. (informação verbal, 2019b).

Jovelino comenta que esse convênio também tem para outros países da América Latina, mas ele escolheu o Brasil porque acha que ser o sexto lugar na economia mundial é algo muito bom. A princípio ele pediu para ir para São Paulo, que é onde seu irmão já morava, mas não conseguiu vaga ali. Também escolheu Fortaleza como segunda opção, mas também não conseguiu. E diz:

> Me colocaram em Palmas. Eu não sabia onde era, mas tive uma colega que pegou um mapa e me mostrou e falou: ó, esse lugar é muito bom! E até principalmente em Engenharia Civil, que é o que você tá fazendo é um lugar que tá crescendo agora... Aí eu comecei a pesquisar quase todo dia na internet, a ver... e eu tô aqui. Mas realmente o Ministério da Educação foi realmente quem me destinou para aqui, quem decidiu. Mas eu gostei (informação verbal, 2019b).

Sobre sua manutenção no Brasil, ele diz que realmente quem o ajuda a se manter é um tio. Quando esse tio tem alguma crise financeira em algum momento, o irmão dele, que mora em São Paulo e trabalha, também o ajuda. Além disso, há a bolsa que Jovelino ganha do governo brasileiro, que é importante, mas que não é suficiente para custeá-lo totalmente.

Entretanto, afirma: "assim, pra mim é o suficiente. Eu consigo comer, eu consigo viver... Tem estudante que não consegue. Mas pra mim tá de boa" (informação verbal, 2019b). Ele comenta que em sua opinião, quando ele conseguir subir de nível financeiro para aquele em que pode comprar as coisas, aí tudo bem. Mas, por enquanto, entende que necessita viver uma vida simples, de estudante.

Conflitos de origem e de chegada

O entrevistado afirma que em seu país há muitas etnias diferentes e algum conflito entre elas. Sua etnia é Manjaco (ou Manjaku, no próprio dialeto). Ele diz também que as línguas e dialetos são vários entre as etnias. E acrescenta que o país viveu uma fase de ditadura, submetido pelos portugueses e outros estrangeiros, mas que depois conseguiu a independência.

Segundo ele, há muita emigração de seu país para outros países do mundo, especialmente para a Europa, em busca de desenvolvimento, o que inclui estudo e busca de melhoria financeira. Também comenta sobre as diferentes religiões e crenças existentes em Guiné, como as religiões locais, o Islamismo, o Catolicismo e o Protestantismo. Ele afirma:

> O meu país é assim, formado por várias tribos, mais de dez. Mas tinha umas etnias que eram do local mesmo. Mas depois, houve aquela migração dos mulçumanos: Mandingas, Fulas... então eles entraram aí. Hoje o nosso país tem uma parte de população muçulmana que imigraram. Então tem aquelas etnias que estão aí mesmo. Em 1400 e pouco, eu não tô bem lembrado, chegou aí os Portugueses. E chegou um momento, eles mandavam alguns jovens para estudar fora e voltar para servir o país. E muitos desses jovens que estudaram em Portugal e voltaram, começaram a criar um movimento para a independência. Queriam tomar independência via pacífica, como Senegal já tinha feito. Só que os Portugueses queriam interditar às vezes o caminho, dificultando. E chegou um momento em que houve o massacre, né... os trabalhadores estavam lutando...e houve o massacre. Muitas pessoas morreram (informação verbal, 2019b).

Jovelino conta que a guerra de independência colonial durou 11 anos. O seu país conseguiu a Independência em 1973, mas só foi reconhecida pela ONU em 1974. Ele diz: "o meu país foi o primeiro na África a tomar a Independência do Português, e depois foi ajudando outros países a tomar independência na África: Angola e outros países" (informação verbal, 2019b).

Ele discorre que todos sabem que na Guiné Bissau havia antes da chegada dos Portugueses muitos reinos e reis, uma cultura própria, línguas próprias. E mesmo depois da chegada dos Portugueses, alguns desses reis permaneciam lá. Com a independência, houve certo resgate dessa cultura local. Ele comenta:

> Mas só que assim, a cultura europeia entrou muito no nosso continente. Então quando tomamos a independência, para seguir uma Constituição, democracia, tudo assim, bem formada, bem organizada, o pessoal não tava bem preparado. Não estudaram. Estavam no mato, lutando contra o colonizador e não estudaram. Tomou o poder e não souberam fazer a democracia. Depois teve o golpe de estado e assim... é um país que ainda está crescendo. Então temos problemas com infra-estrutura e etc. (informação verbal, 2019b).

Falando sobre as etnias hoje, o entrevistado diz que ele consegue entender o que outras três ou quatro etnias falam, mais ou menos. Também diz que olhando o povo, uma pessoa de fora vai achar que é tudo igual. Mas ainda há muitos dialetos diferentes, a questão dos mulçumanos, e certas diferenças culturais. Mas o fato do país ser pequeno, segundo ele, favorece "aquela proximidade, assim" (informação verbal, 2019b).

Em relação a conflitos no Brasil, ele alega que as pessoas aqui são pacíficas, mas que sente às vezes certa espécie de discriminação, desconfiança. Ele afirma que não é só em relação a ele, é algo mais geral com as pessoas que são de fora, e não apenas em relação à questão racial. Ele narra:

> Talvez porque todo mundo é de fora. Acho que não é preconceito, porque noto que mesmo pessoas negras agem assim com os outros. Por exemplo, assim... quando estou andando na rua, essa aqui que está passeando, caminhando, eu tô vindo ao encontro deles, eles começam a desviar. Mas eu acho que estão desviando mais por questão de roubo, de violência, as pessoas fogem. (informação verbal, 2019b).

Redes de relacionamentos e comunidade

Ao falar de adaptação cultural e comparar as culturas e o nível de adaptação no Brasil, ele narra:

> Desde muito tempo meu pai escutava rádio, Vozes de América e RFI[3], e eu gostava de acompanhar notícias do Brasil. Naquela altura eu já tinha feito curso técnico e achava que podia me adaptar em qualquer lugar que chegasse. Mas só que quando eu cheguei aqui, com uma semana já comecei a frequentar a universidade. Eu pensei assim: eu acho que voltei a ser criança e vou ter que aprender as coisas de novo. Não é tão difícil assim, mas... quando eu cheguei aqui, logo eu percebi que as pessoas estavam a me perguntar muitas coisas assim...ou falando algumas...eu acabei percebendo: ei, parece não está chegando muitas informações da África aqui. As pessoas não escutavam informações (informação verbal, 2019b).

Ele diz que tinha muita dificuldade de entender os colegas e tinha muito sotaque, o que dificultava um pouco a comunicação e o relacionamento, inclusive com os professores. E sobre desenvolver relacionamentos com os colegas, ele afirma que, como o curso de Engenharia é muito pesado, é hora fechada, focado, estudando, muita coisa para estudar

3. RFI é a sigla para a Rádio França Internacional. Ambas as rádios transmitem notícias do mundo todo.

e trabalhos para fazer, não dá tempo de desenvolver muitos relacionamentos.

> Mas assim... de vez em quando conversar com as pessoas...tem pessoas muito maravilhosas, que eu gosto, são meus amigos, pessoas de confiança, a gente conversa, bem acolhedoras, eles te chamam, aconselham, mostram outros caminhos... (informação verbal, 2019b).

Mas ele alega que a cultura é diferente, porque lá na Guiné, como é muito pequeno, as pessoas se conhecem e são muito próximas. Em termos de violência, se houver é a violência ligada à política, movimentos localizados, mas o povo em geral é muito pacífico. Sobre Palmas, ele percebe:

> Mas aqui... o que percebo, eu não esperava isso, mas assim, aqui cada um se fecha, você não tem amigo, você está encontrando pessoas, mas tudo é suspeito. Não estou culpando ninguém, mas percebo que as pessoas acham que tudo é suspeito. O desenvolvimento aqui, tudo tem prego, as pessoas correm muito, trabalham, viajam, tudo tem prego. As pessoas não têm tempo. (...) Talvez pra você mostrar à pessoa você é uma pessoa legal, uma pessoa séria também, talvez aqui você tem que conhecer a pessoa. (...) Nosso país tem desconfiança sim, mas na maioria das vezes quando se sabe que chegou uma pessoa de fora, todo mundo se aproxima, busca a pessoa para saber onde está, pelo menos no interior. Talvez na capital haja mais desconfiança. Porque onde já está aquele desenvolvimento um pouco, já está a desconfiança... (informação verbal, 2019b).

No Brasil, Jovelino conhece Brasília, onde já foi várias vezes passar férias, São Paulo, onde ele passou alguns dias e conheceu porque seu irmão mora lá, e Palmas, cidade onde mora. Questionado sobre sua percepção dessa desconfiança nesses outros lugares, comparados a Palmas ele responde:

> Em termos de desconfiança, eu acho que Palmas é mais. É engraçado... mas eu sinto isso mais forte em Palmas. Porque em Brasília, eu fui várias vezes e passei muitas férias. Não sei se porque eu ficava na 411 Norte, pessoas que viam, que eu encontrava com elas aí, caminhando embaixo da árvore, as pessoas te cumprimentam. Mas aqui em Palmas não falavam. Porque no meu país, você fala com todas as pessoas, cumprimenta, mesmo que não conheça. Aqui as pessoas, mesmo que você cumprimenta, elas não te respondem (informação verbal, 2019b).

O imigrante afirma, porém, que após a pessoa conhecer a pessoa, isso é desfeito. E quando as pessoas sabem que ele é estrangeiro, elas até se aproximam, demonstram uma curiosidade e querem conhecê-lo e saber mais dele. Jovelino diz que quando se trata de relacionamentos amorosos, as meninas que ele conhece querem logo saber se ele um dia vai voltar ao país de origem, e isso acaba sendo uma barreira para esse tipo de relacionamento, por medo do possível e abandono um dia.

Sobre a relação dele com os brasileiros, ele percebe que o brasileiro é aberto ao imigrante, inclusive em relação a imigrantes de outros países. Ele afirma que sempre morou

com a família e que sua adaptação aqui ele julga ter sido normal. O que mais sentiu foi a ausência do relacionamento familiar e teve que aprender a conviver com os outros três colegas com quem mora em um apartamento. Ele diz:

> eu aprendi aqui mais socialmente que na UFT. Aprendi a saber falar, saber ouvir, não reclamar, saber esperar. Eu cresci muito assim em termos de relacionamentos e cultura. Aprendi a esperar para falar no momento certo. A não responder imediatamente. Isso vai ser importante para mim, até para a profissão. (informação verbal, 2019b).

Sobre os relacionamentos com as instituições brasileiras, e especificamente sobre a UFT, ele alega que não teve nenhum problema com a universidade, pois a UFT o recebeu bem, não criou nenhum processo, sempre facilitou as coisas para ele e o acompanhou academicamente.

> A UFT eu acho que 100% ela atendeu a gente... é só pedir a Deus que Deus abençoe a UFT e o povo brasileiro em geral. Porque foi muito maravilhoso. A UFT presta muita atenção na gente, 100%. A gente chega lá, pede um documento e eles atendem a gente, eu pelo menos em particular. A polícia federal também. Eu não tenho o que reclamar, eu sempre fui bem atendido. Eles sempre se colocaram à disposição do que eu precisasse. (...) Os professores me tratam bem, mas também eu não crio problemas, chego cedo, procuro fazer os trabalhos, sou bem quietinho e não causo problemas. (...) Tenho colegas que me ajudam, oferecem carona, às vezes vão na minha casa. Eu tenho um colega mesmo que colou grau um dia desses que penso assim: não posso esquecer 'daquele lá'. Se não fosse por ele, eu não iria me formar, ele me ajudou num momento crucial. Acho que Deus coloca pessoas como anjos na sua vida, e esse colega foi assim pra mim e eu sou muito grato (informação verbal, 2019b).

Ele declara que nunca foi ruim sua relação dentro dos órgãos oficiais, sendo sempre bem atendido. Também não teve dificuldades com o clima e a alimentação, porque seu país é no litoral, onde se come muito pescado, o que também ocorre aqui. A fácil adaptação ao clima pode ser explicada pelo fato da Guiné Bissau também ser um país tropical, como o Brasil, inclusive estando a uma latitude paralela à do Tocantins, porém no hemisfério Norte. Entretanto, o aspecto litorâneo de seu país, e a ambientação dos cidadãos com o mar, os diferenciam em relação ao Tocantins, por ser um estado que está no interior. Ressalta-se que o país do imigrante é menor do que o Tocantins em área e em PIB, porém tem uma população semelhante em termos numéricos. O que Jovelino estranhou foi a quantidade que se come de carne por essas bandas. Hoje ele evita carne para não engordar muito e manter-se saudável.

Quando questionado sobre aspectos que podem dificultar a adaptação aqui, o imigrante afirma que pensa que a família faz muita falta, porque se ele estivesse lá, estudando o curso de Engenharia Civil, que é puxado, ele teria mais suporte e perderia menos tempo com outras coisas.

> Quando você está longe da família, tem aquela coisa, falta da família. ...Supor lá, os colegas lá da faculdade, as pessoas que entendem o conteúdo, ele vai te ajudar, vai te explicar. Mas certeza, se fosse um professor do meu país explicando, ele usaria um vocabulário assim do dia a dia e eu entenderia melhor. Às vezes isso dificulta um pouco o aprendizado. Outra dificuldade é não poder trabalhar, para ter dignidade, por causa da bolsa (informação verbal, 2019b).

Também diz que ele tem que se limitar quando as pessoas tratam de assuntos de política, de eleições. Ele diz que procura não se meter nesses assuntos, até para evitar ser mal compreendido. O que evidencia sua percepção sobre a polarização política existente no Brasil nos anos recentes.

> Uma coisa, assim...eu chego num lugar, a pessoa tá falando política, ideologia, eu respeito a opinião dessas pessoas (...) realmente eu tenho que me limitar em relação a essas questões. Às vezes eu falo... sobre o social. Mas as pessoas podem criticar e dizer: ele é estrangeiro e fica falando na rua? Então é uma limitação sim. Por exemplo, eu chego em casa e está havendo uma discussão política, eu vou ficar calado. Talvez quando estiver um colega só eu falo, mas em geral eu fico calado. (informação verbal, 2019b).

Explicado sobre os conceitos de *topofilia* e *topofobia,* e questionado a respeito da existência de fatores ambientais e da natureza física que podem ajudar nesta integração e na afeição em relação a Palmas, ele respondeu:

> Realmente aqui em Palmas, ela tem mais ou menos aquele clima do meu país, um pouco verde assim, árvores ao redor. Só que o meu país tem árvores grandes, então o clima é um pouco melhor. Eu cheguei aqui em maio e eu andava de guarda-chuva, porque era tão quente e a umidade seca. No meu país é assim. Até no meu TCC eu estou estudando a influência de desconforto e umidade para a produtividade em algumas etapas na área de construção civil. (...) Por exemplo, às vezes quando está bem quente, eu tenho que pegar um ônibus. Porque eu ando de bicicleta, eu gosto de andar de bicicleta, mas às vezes eu vou de bicicleta pra UFT e na volta tenho que pegar ônibus e deixo a bicicleta lá e depois eu vou procurar. (informação verbal, 2019b).

Sobre comunidade de fé e experiência religiosa e como ela pode facilitar ou prejudicar nesse processo de imigração para outro país, na adaptação, ele afirma que...

> Ajuda. Porque eu assim... eu sou católico, mas em qualquer lugar eu sei que Deus tá. Pessoas falam às vezes dos mulçumanos, Deus tá lá, Jesus tá aí nos mulçumanos, porque tem mulçumano que tem bom coração, mesmo que ele fala assim... ele nasceu e viu os pais falando alguma coisa, e nunca escutou por fora...Mas Deus está aí ajudando. Deus não abandona as pessoas do Candomblé. Porque tem as pessoas que têm um bom coração e ele trabalha com o coração das pessoas. Eu já vi que tem uma pesquisa que eles fizeram nos Estados Unidos de pessoas que estavam na U.T.I., eles mandavam as pessoas orarem. E as pessoas recuperavam. As pessoas religiosas, elas vivem muito bem porque crêem que tem uma pessoa que está me defendendo. Acho que por causa eu sou religioso eu estou aqui, eu tô falando, eu agradeço a Deus (informação verbal, 2019b).

Compromisso de retorno para casa

Uma marca clara entre ambos os entrevistados de Guiné, é a singeleza e a simplicidade. Também, apesar de terem passado ambos por experiências de discriminação, demonstram uma simpatia pelo Brasil, exaltam o país como um grande contribuidor para seu desenvolvimento pessoal. Crêem que a formação no Brasil ajudará posteriormente para o desenvolvimento do seu país de origem, pois é um país que oferece boas oportunidades de estágio e emprego de mão de obra.

Sobre o futuro, Jovelino diz que ora para que Deus o coloque no lugar onde ele pode contribuir mais. E acrescenta:

> No momento eu quero me preparar bem, ter um conhecimento bom, e eu voltar pro meu país e contribuir mais. Eu posso ficar aqui, casar, trabalhar, mas se eu voltar pro meu país, o campo vai ficar maior pra eu trabalhar, porque o país está em desenvolvimento. O que eu aprender aqui, vai ser muito bem recebido lá. (...) Aqui se eu começar, vai perguntar: Jovelino é quem? Quem conhece? É estrangeiro? Aqui não, estrangeiro não. E essa questão... tem prefeitos estrangeiros, podem ajudar mas chegar lá em Guiné não tem limites. Eu quero ganhar uma experiência e chegar no meu país ganhar um trabalho num órgão público (informação verbal, 2019b).

Ele comenta que tem um primo que estudou no Brasil e fez mestrado em Medicina e foi aconselhado a não voltar. Mas que ele voltou mesmo assim, porque pensava não só em ganhar dinheiro, mas que precisava ajudar a sua família e o seu país. O imigrante afirma que quer fazer o mesmo por seu país. Ele diz que já deu palestras na UFT duas vezes e ministrou palestras em outros lugares sobre a África, também. Ele fica muito feliz falando do seu país e não cobra para fazer isso, para divulgar a cultura e a geografia de seu país, pois se realiza ao fazer isso.

AS HISTÓRIAS DE VIDA DE IMIGRANTES QUALIFICADOS CONGOLESES

Bosi (2003) acrescenta que, quando narramos uma história, ela é parte de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais” (BOSI, 2003, p. 20). Dessa forma, a narrativa é sempre uma visão, uma interpretação dos fatos ocorridos no passado, resgatada por meio da memória expressa na narrativa da entrevista.

A História de Vida de Alain: enraizamento, motivações e inserção

Aplicando-se o conhecimento teórico à história de vida de Alain, percebe-se que algumas unidades de análise se destacam em sua narrativa, organizadas em quatro partes: 1) enraizamento, configuração familiar no Congo e identidade; 2) motivos e motivações para a imigração; 3) trajetória de imigração; e 4) inserção e comunidades.

Enraizamento, configuração familiar no Congo Brazzaville e identidade

Conhecer as origens de uma pessoa, seu enraizamento, que acabam por compor o complexo de conexões que se dá na realidade histórica (WEBER, 2013), é também conhecer o seu tecido de vida, ou a sua teia de significados (GEERTZ, 2017). Esse enraizamento é algo fundamental para uma boa análise da história de vida de alguém. Nogueira *et al.* (2017) afirmam sobre o enraizamento:

> A cada vez que convidamos alguém a ouvir nossa história (que aceitamos o convite para contar nossa história) estamos dando as mãos e seguindo juntos pelos enraizamentos diversos que uma vivência produziu em nós e, assim, podemos cultivar diferentes frutos, da mesma raiz (NOGUEIRA ***et al.***, 2017).

Alain nasceu em Brazzaville, principal cidade da República do Congo, que foi fundada pelos franceses em 1880, e em 1960, com a independência, tornou-se a capital do país (KEESE, 2017). Apesar disso, pela cultura de seu país, Alain é considerado como pertencente ao lugar de onde vieram seus pais, o que é identificado pelo sobrenome que cada congolês possui.

Ele é filho de uma família grande, de classe média baixa. Sobre sua configuração familiar no Congo, ele diz:

> Sou de família de muitos filhos, como geralmente é uma família africana. Tenho muitos irmãos. Juntos, do meu pai e minha mãe, somos seis. Mas meu pai teve outros filhos que a gente perdeu a conta (risos). Mas assim é... como na maior parte do continente africano, lá a gente sempre reconhece como grupo, por região, né? Então... como é que funciona? Antes da colonização no continente africano tinha tribos e reinos, certo? Então as tribos faziam parte de um reino. As tribos eram como se fossem famílias, né? E aí se destacava o que eles falavam, porque era diferente de outras famílias e pertenciam a um reino, certo? Então, existe a etnia que fala um dialeto e tem o reino que fala uma língua. Então... a repartição é desse jeito. Aí, após o Período Colonial, quando teve a conferência de Berlim, né, houve países que juntaram dois reinos ou três: no caso, o Congo, foram três reinos juntados no mesmo território, certo? E dentro desses três reinos tem vários grupos étnicos. Catalogados hoje são 77 grupos étnicos. Assim... só que o meu sobrenome pertence ao meu Reino, então qualquer pessoa do Congo que olhar meu sobrenome consegue identificar no mínimo a minha região. Ele pode não saber a minha família, mas ele vai saber... porque lá, independente de onde você nasceu, nós somos de onde vieram seus pais, seus antepassados. Então eu poderia nascer no Norte. Por exemplo, eu nasci em Brazzaville, mas hoje ninguém é de Brazzaville, apesar de nascer lá, ninguém é de lá. Você é de onde vieram seus pais, porque Brazzaville é uma cidade como Brasília, fundada do nada. Chegou lá e traçou: "não, aqui que vai ser a Capital". Então todo mundo vai para lá, ninguém é de lá. Então foi desse jeito (Informação verbal, 2019c).

Apesar de ter nascido numa cidade edificada "do nada", como dito, nota-se que Alain destaca suas raízes culturais e étnicas, elementos de sua identidade. Em sua narrativa ele aponta que o seu sobrenome é ligado às suas raízes étnicas, ou seja, quem ouve ou lê

seu sobrenome, se for alguém do Congo, saberá sua origem e região. Acrescenta que sua origem familiar está vinculada ao Sul do Congo, a uma região portuária próxima à foz do Rio Congo, chamada Pointe Noire. Sobre sua identidade familiar, ele narra que é formada

> de dois Reinos, que é tipo o meu lado paterno, né, que é de um outro grupo, é os Villi, do reino Luango, inclusive, a famosa Ponta Negra, que é uma cidade de onde eles vieram. E a minha mãe, que é L. B. B[4]. Então... tenho os sobrenomes dos dois. Então, quem é de lá vai pelo menos se identificar com um dos grupos, (...) independe de onde eu estiver (Informação verbal, 2019c).

Na narrativa de sua história, Alain apresenta a noção de que o dialeto falado dentro do ambiente familiar está estreitamente ligado à identidade da mesma, pois a torna diferente das outras famílias. Na Escola se aprendem as línguas oficiais, mas os dialetos são aprendidos e falados no seio familiar, sendo inclusive proibida a comunicação dialetal fora do lar, para evitar o fortalecimento do tribalismo. Exemplificando esse contexto, e comparando-o ao contexto do café onde foi realizada sua entrevista, ele diz:

> Vamos supor, por exemplo, aqui nessa mesa: podemos falar uma língua, ali tem outra, ali tem outra (apontando para as mesas do café), mas dá para se entender. E, às vezes os dialetos que são da família, eles podem falar uma coisa que ninguém entende, só eles, só a família deles que entende aquele dialeto. As línguas, há uma restrição, mas a restrição é na escola, onde você só pode falar o francês ou a língua. Os dialetos são proibidos, porque o dialeto causa o tribalismo. Porque a língua hoje, você pode nascer no Sul e falar a língua do Norte, é totalmente normal. Mas o dialeto que é proibido... então aí os professores têm direito, quando a criança não consegue entender o que está sendo dito em francês, explicar em uma das línguas. Mas não nos dialetos. (Informação verbal, 2019c).

Sobre o sistema educacional do Congo, Alain diz que em relação à educação fundamental e ao ensino médio existe no país a oferta de ensino público e privado, e que a educação tem influência da educação francesa, especialmente quanto ao sistema de ensino, mas o conteúdo é adaptado à realidade do Congo. Ele diz:

> A gente usa... a nossa Academia de Letras ela depende da Academia de Letras da França. Acaba que o nosso sistema educacional acaba sendo o mesmo. A gente estuda... assim claro, sempre tem personagens, né...atores do país que a gente estuda... mas a maior parte é História da França, né. O sistema de ensino é francês. (...) Mas a gente estuda a nossa própria História. O modo de ensinar, a visão, a grade, é tudo francês (Informação verbal, 2019c).

No país a língua oficial é o francês, mas há três línguas nacionais que provieram dos três reinos existentes, dos quais nenhum aceitou falar a língua do outro, permanecendo cada reino com sua própria língua. Ele diz que lá que se fala o Lingala, o Kikongo e o Quiteque. Essas três línguas são as mais faladas. Mas também tem o francês. Ele narra

4. Sobrenome abreviado por questões previstas nos Termos de Consentimento da entrevista.

que:

> no Ensino Primário e Secundário, né...ele é tudo em francês. Porém... lá você não tem a obrigação de saber falar francês, certo? Assim... lá o preconceito é quando você não sabe falar uma das línguas é onde tem o preconceito, mas se por exemplo você não sabe falar francês, não há preconceito; qualquer lugar que você for as línguas são faladas...as três...são misturadas (Informação verbal, 2019c).

A respeito do ensino médio, ocorre uma separação por áreas de conhecimento, para preparar o estudante para a prática profissional, que no Congo, segundo o entrevistado, as pessoas têm a opção de escolher a profissão que querem seguir. Essa escolha se dá no final dessa etapa de estudo, conforme Alain:

> quando chega no Ensino Médio, você é separado por categoria. Tem Ciências Gerais, né, onde você fala assim: eu ainda não sei o que vou fazer! Então lá ensina tudo, certo? E depois... porque lá o nosso ENEM é um certificado, que você faz só uma vez. Na Universidade você tem o vestibular né. Você faz o ENEM primeiro, você recebe o certificado. A partir disso você pode fazer qualquer vestibular. Então o ENEM você só faz uma vez. Se por exemplo você não passou, você tem que fazer, pra prestar o ENEM, tem que fazer o último ano do Ensino Médio. Mesmo se...não...eu estudei faz muito tempo. Quer fazer o ENEM? Vai fazer o último ano do Ensino Médio pra prestar o ENEM. E você tem que, você pode escolher sua profissão. Tem gente que escolhe Matemática, que escolhe Medicina porque já te prepara para o curso que você vai fazer. Mas a melhor formação é o que faz o geral. O que faz o geral é baseado em Matemática, Física, Química, Biologia são os pilares. E esses aqui conseguem fazer qualquer outra formação. Aquele que já entra em Mecânica, ele tem suas limitações. Mas aí, tipo... tem que ser realmente mecânica o que você tem que fazer, se você mudar depois, fica muito difícil (Informação verbal, 2019c).

Além disso, o entrevistado acrescenta que as línguas dos reinos são estudadas nos cursos superiores, por aqueles que fazem Letras:

> tem cursos que estudam as línguas, pelo seu enriquecimento né e os dialetos, mas os dialetos talvez são pouco estudados. São mais as línguas mesmo. Tem dicionário, tem Bíblia. São realmente línguas estruturadas. No Ensino Básico né, que que lá a gente tem, tem o Primário, (...) que vai até 12, né. E aí a gente tem o ensino secundário e vai... até 16 anos, né...15, 16 anos... aí a gente tem o Liceu que o nosso ensino médio, que faz três anos também (Informação verbal, 2019a).

Alain aponta que a experiência religiosa familiar congolesa é sincrética, com elementos da matriz católica europeia e das matrizes religiosas africanas, onde ao mesmo tempo se frequenta a missa na Igreja, mas cultuam-se os ancestrais de cada família no dia a dia em casa. Dessa forma, cada família tem as suas próprias divindades, embora a religião oficial seja o Catolicismo. Na entrevista, não abordou outras matrizes religiosas presentes no país, como a protestante e a islâmica.

> Lá a religião oficial é o Catolicismo, certo? Mas lá há uma diversidade religiosa. Então assim... cada família a gente tem o culto aos ancestrais. Então cada família tem a sua entidade, entendeu? Então você vê (rindo)... é uma entidade por família. Então cada família tem os seus antepassados. Porque lá há a crença de que os mortos não são mortos. Então encontramos com eles. Há casas em que você vai chegar, sempre tem há um prato no canto, né. Não há um conflito, tipo assim não fale com fulano de tal por causa da religião dele. Lá a religião é como se fosse uma roupa entendeu? (Informação verbal, 2019c).

Apesar do sincretismo e de certa liberdade religiosa, quando ainda crianças, os congoleses são geralmente obrigados a irem à missa pelos pais, principalmente em ocasiões de festas especiais da igreja, como Páscoa, Natal, Ano Novo, etc. Além disso, a religião praticada parece evidenciar uma noção bastante funcional ou pragmática do fenômeno religioso, cuja prática estaria ligada a interesses, objetivos e alvos pessoais ou familiares. Sobre isso, o entrevistado discorre:

> O que tem mais às vezes são as crianças, porque lá tem aquela coisa, tipo assim...a criança tem que ir na Missa...então aí geralmente os pais, aí obrigam as crianças a ir à Missa. E geralmente quando são eventos festivos né: Natal, Ano Novo ou Páscoa, geralmente nesses eventos, os pais obrigam. Mas no dia a dia você vê...há um como que se fala? É sincretismo que fala? (...) Sim, sincretismo. Não existe uma barreira, certo? Mas assim é (pigarreando) isso, depende da ótica de quem vê. Porque as filosofias são diferentes, a forma de pensar é diferente. E cada um tem seus objetivos. Lá a religião é por objetivo. Você não pertence só porque você gosta. Você tá procurando alguma coisa. (Informação verbal, 2019c).

Nesse sentido, assemelha-se muito à religiosidade pós-moderna Ocidental, que é bastante pragmático-funcionalista, onde a divindade é vista mais como meio de se obter as coisas, do que como fim último de todas as coisas (MARTELLI, 1995).

Motivações para emigrar

Sob determinado aspecto Alain aponta que estudar fora do Congo sempre esteve em seus planos, em parte porque isso faz parte da cultura de seu país, em famílias de classe média, em parte porque tinha no Congo, contato com imigrantes brasileiros e um bom relacionamento com eles. Narrando sobre suas motivações para emigrar, ele aponta que

> É assim... a minha história é muito complexa, mas no que eu posso resumir... sou um jovem que sempre sonhou estudar fora do país e um dia ficou muito fascinado pela Arquitetura. Um dia ouvi falar das obras brasileiras no meu país e aí me interessei. Aí, a partir disso, comecei a pesquisar como é que faz para vir estudar no Brasil... passou o tempo e aí surgiram as oportunidades. Foi assim que eu consegui, que eu vim estudar aqui (informação verbal, 2019c).

Ao explicar os motivos de sua própria imigração, o entrevistado afirma que ela se deu por diversos motivos. Um deles foi pela busca de acesso à educação de qualidade. Ele afirma que "houve uma necessidade de estudar" (informação verbal, 2019a). Explica que em seu país de origem teria dificuldades para acessar um ensino superior de qualidade e com custo alto, inacessível para sua família. Alain narra:

> A nossa educação, ela é... como é o sistema francês, ela é de primeira. Ela é muito bom. Só que é só o Ensino Médio. A universidade é elitizada por conta do conflito étnico. (...) Quando você quiser estudar numa boa universidade, aí é caro! Porque a Universidade, a privada, não faz diferenciação, porque ela quer dinheiro. Mas o público é elitizado (informação verbal, 2019c).

O congolês também afirma que há um enorme tráfico de influência em seu país com relação à entrada no Ensino Superior, onde pessoas influentes conseguem, através do sistema, vagas para parentes e correlatos. Alain conta que

> lá o vestibular, ele é vendido. Esse aí não é segredo pra ninguém. Ele tem prova sim. Tem resultado sim. Mas a gente sabe que é tudo vendido. (...) Porque lá eles olham o sobrenome. E tem 20 vagas, tem 100 candidatos, aí é "sorteio". Ou quando não é sorteio, aí eles vão falando: "não... tal faculdade lá...está vendendo por "x" as vagas". Aí é são os poderosos, porque lá... é como se fala...tem um negócio que fala, questão de influenciar, né? Você ser superior e influenciar um subalterno lá. Acontece muito: você vê algum general... ele liga para o diretor de uma faculdade e exige alguma vaga, né...E todo mundo tem medo. (...) (informação verbal, 2019c)

Além disso, o entrevistado comenta sobre o nível do ensino e afirma que muitas universidades de seu país, especialmente aquelas às quais as etnias menos favorecidas têm acesso, acabam por se tornar uma fábrica de analfabetos, e que o próprio governo incentiva os jovens a irem se preparar academicamente no exterior. Ele acrescenta:

> como a fraqueza da Universidade é um caso sério e conhecido no país, e o próprio país mesmo incentiva o jovem a estudar fora, certo? Pra não haver uma fábrica de analfabetos, assim, né... Então, eles mesmo incentivam. Só que é por etnia, certo? Tem o Ministério da Educação, você vê, faz seleção mesmo, porque a seleção é feita a partir de quanto você tirou no ENEM. Então... eles vão ver e eles vão falar...não, tem a restrição da idade. Não pode ter mais do que 23 pra estudar fora do país não pode ter mais de 23. Tem que ter menos de 23, e você tem que ter no mínimo 14, e entre 20 e 17, não entre 23 e 17 (informação verbal, 2019c).

Outro motivo importante, segundo Alain, é a difícil relação política em seu país, que segundo ele, é provocada por interesses econômicos, especificamente pelos interesses de domínio e exploração dos recursos naturais, que no Congo, devido às características geológicas, apresenta em grande parte de seu território importantes minérios, como cobre, cobalto, diamante, ferro, ouro, petróleo. Sobre a política interna, Alain descreve que

> O Congo é um país, não sei como caracterizar muito bem, porque a gente lá vive muita inconstância política, né... porque assim...é...inclusive vou falar de uma forma geral, na parte central da África, porque o problema que acontece no Congo é o mesmo que acontece no outro Congo (RDC), é o mesmo no Gabão, é o mesmo em Angola, porque é a mesma região, né... Camarões também. Então dividimos o mesmo problema. Porque é assim, é... são países onde foi descoberto o petróleo, o ouro, diamantes, muitas riquezas naturais, né... E assim, houve uma certa pressão de expulsar colonizador e de se apoderar disso, certo? Só que lá, internamente temos muitos conflitos... Porque são grupos, são reinos inimigos historicamente. Só que nós carregamos isso, certo... querendo ou não tem gente que se sente prejudicado na procura de emprego por causa do seu sobrenome. Muitos até trocam de sobrenome por conta disso, porque existem estereótipos: "ah, tal reino... eles são assim". Inclusive, uma das coisas também da minha vinda, né, eu até muito caracterizo isso como uma fuga, foi uma oportunidade que apareceu pra mim e eu consegui falar: "não, eu vou". Porque assim... fica muito difícil. É assim, ou você nasce e é condenado a certas situações, entendeu? Por exemplo, há cargo que você não pode acessar, pelo fato de ser de uma outra região... há cursos que você não pode fazer...você pode até participar, mas lá você vai ser eliminado, porque eles vêem o teu sobrenome, porque lá é o sobrenome primeiro e o nome vem depois. Lá é pelo seu sobrenome (informação verbal, 2019c).

Na narrativa acima, o entrevistado destaca dois aspectos importantes: enfatiza os conflitos étnicos do Congo e ressalta que há no contexto atual, um claro componente político e econômico ligado à exploração dos recursos naturais, que continuam sendo até hoje um atrativo para os colonizadores e empresas estrangeiras. Questionado sobre o filme "Hotel Ruanda"[5] e sobre o grau de veracidade do contexto de conflito retratado naquela obra, ele narra:

> A guerra é mais cara... Na verdade, a paz não existe... Eu só acredito na paz divina... O ser humano vive momentos de trégua. A gente percebe que guerra é mais cara do que a trégua. Porque a gente vê que as armas que eles têm... como é que chegam lá? E quando eles percebem que eles não têm retorno... no próprio filme Hotel Ruanda é bem nítido: "não tem nada? A gente não vai ganhar nada? Então deixa eles se matarem! Simplesmente assim". E isso, na verdade, é na região Central. Pega uma etnia, que é contra outra, uns matam os outros, uns se tornam escravos dos outros... é um ciclo vicioso. É desse jeito (informação verbal, 2019c).

Para ele, os recursos naturais são o real motivo das guerras, que segundo o entrevistado são, não só no Congo, mas na maioria dos países da África Subsaariana, guerras provocadas. Ele cita como exemplo de recursos naturais: madeira, algodão, borracha, petróleo, diamante, ouro, ferro.

Naquele contexto, os recursos naturais são geralmente explorados por grandes

5. O filme Hotel Ruanda, do diretor Terry George, produzido em 2004, retrata o genocídio de Ruanda, país da África central, ocorrido em 1994. A obra retrata a morte de cerca de 800 mil pessoas no período de 100 dias, num massacre em massa das etnias tutsi, twa e hutus.

empresas multinacionais, apoiadas pela elite ditatorial congolesa, pois a empresa que explora o minério pertence à família presidencial, que repassa parte desses recursos aos cofres públicos. Sobre esse gerenciamento, ele afirma que

> a empresa multinacional do país pertence à família presidencial. São eles colocam dinheiro no cofre público (risos). Entra na família primeiro, e depois no cofre público. Assim... é uma ditadura que a gente vê... é uma outra realidade (...) E ele tem o exército na mão. Então a solução é emigrar. Ou você fica e se cala... se conforma... você fica assim... seus filhos vão viver as mesmas dores, entendeu? Porque lá até a oposição não existe, a oposição é paga, ela é comprada. Quando você é realmente oposição, você é condenado como rebelde... ou é a morte, ou é o exílio. Aí a gente tem que poupar caminhos. Hoje a gente vê o que acontece na Europa.... é até de fazer chorar, mas é uma realidade. Você vê jovens da minha idade... assim... no Congo com minha idade, pela nossa cultura, eu já teria dois filhos, uma casa, um carro na garagem e um trabalho tranqüilo. Esse tempo que meus pais viveram, certo? E eu com 28 anos estou com medo de viver no meu país. Entende? (informação verbal, 2019c).

Alain expressa sua não concordância com esse panorama do país. Afirma que os que se calam, permanecem vivendo lá, perpetuando essa situação aos filhos e netos. Se o congolês não consegue fazer calar-se, a única solução é emigrar, porque, segundo o entrevistado, a oposição verdadeira ao governo não existe no país. O que existe é uma falsa oposição paga pelo governo. Quando ocorrem situações de verdadeira oposição, a pessoa e sua família são considerados rebeldes, passíveis de morte ou exílio.

Ao discorrer sobre os motivos de sua vinda ao Brasil, Alain afirma que se permanecesse no Congo, teria dificuldades para estudar e fazer uma graduação. E se conseguisse entrar numa Universidade, teria depois dificuldades de atuação profissional, visto ser de um grupo considerado rebelde. Ele afirma:

> Se conseguisse fazer universidade, teria dificuldade de atuação. Então assim... porque nós somos do grupo que é o mais rebelde lá, entendeu (risos)?... Historicamente é muito difícil conseguir oportunidade de uma forma normal. Se for eu hoje empreender como um empresário autônomo, não teria nenhuma dificuldade, sem problema eu atuaria, mas assim... teria restrições políticas, certo? Correndo risco de vida... Porque assim... hoje o domínio, né, depois dos conflitos se refletiu na política... depois que expulsaram os europeus, o grupo que entrou é o grupo do Norte, até hoje... é o mesmo grupo que domina, certo? O grupo do Sul governou, mas não chegou a dez anos. Então... dos 55 anos da Independência é o mesmo grupo que tem dominado (informação verbal, 2019c).

Para o entrevistado, as pessoas do Congo não emigram porque querem, e sim porque precisam. E para ele esta é a situação dos imigrantes de toda a África, pois o panorama é semelhante, em seu ponto de vista. Ao analisar a política de seu país, Alain afirma que o Congo é um país de muita instabilidade e onde se vive grande inconstância

política. Aliás, ele afirma o mesmo sobre toda a região da África Central: Congo Brazzaville, República Democrática do Congo, Gabão, Camarões, Angola, todos países da mesma região onde, além dos conflitos de origem étnica e política, os recursos naturais deflagram conflitos com os colonizadores, em torno do capital. Ele diz sobre isso que

> Hoje o que a gente vê... o que é que motiva a emigração hoje? Independentemente do motivo? Tem quem vai estudar, tem que vai trabalhar... mas é emigração de qualquer forma. A emigração tem um motivo, certo? Há um inconformismo dentro da emigração, que faz com que você.... Eu tô aqui há sete anos sem ver meus pais! Mas não tem o que fazer... é o preço a se pagar! Alguns dos colegas vieram e os pais já morreram.... então (informação verbal, 2019c)

Para o entrevistado, ninguém emigra só por emigrar, mesmo os que afirmam isso. Há sempre situações incômodas que levam às pessoas à emigração, ou seja, o real motivo parte sempre do inconformismo. Questionado a respeito disso, ele reforça que "quem emigra por vontade, ele viaja, ele visita, ele faz um passeio. Quem veio para ficar, ou para morar por certo tempo, curto que seja, ele tem uma razão... não é por prazer" (informação verbal, 2019c). Assim, percebe-se no discurso de Alain a afirmação de que ele não se sente um turista no Brasil e demonstra certa frustração em relação aos processos vividos no Congo, quanto aos estudos. Ele conta que participou do processo seletivo do país primeiro, mas por causa da concorrência e da corrupção ficou frustrado e desgostoso. Ele teve seu nome na lista de aprovados no "vestibular" num dia, e no dia seguinte o nome foi substituído na lista da universidade. Ele relembra a respeito disso:

> Havia possibilidade sim, porque lá como eu falei, eles incentivam o jovem a estudar. Vou dar um exemplo: uma vez que eu passei lá (lá eu finalizei 2009/2010, o Ensino Médio). Aí eu... Pelo sistema de lá, meio que a gente, tipo assim... a gente fala assim: ó, se for pra Universidade, ele é um futuro desempregado. Se não é de etnia da elite, ele vira um desempregado, por isso é mais fácil abrir um comércio e aprender uma profissão, do que ir pra uma Universidade. Esse é o senso comum de lá. Se você é filho de tal etnia, que não tem nada a ver com o poder é melhor aprender logo uma profissão, porque na Universidade você vai perder tempo. Lá eu fazia Economia, então eu tinha isso na minha cabeça. Apesar dos meus pais ter condição, pois meu pai é anestesista e minha mãe enfermeira. Então, ou meu pai ia pagar alguém para me empregar, ou por influência dele conseguir um emprego pra mim, ou eu ia ter que aprender uma outra profissão para me empregar. Por isso eu comecei a ter aquele sonho de fazer Arquitetura, mas não passei no curso de Arquitetura lá, pois é muito concorrido. O sistema lá de ensino é muito complicado. Além de ser muito concorrido, há muita corrupção as vagas são vendidas. Eu não passei por nota em Arquitetura. Aí fui fazer Economia. Só que na véspera, eu fui no Ministério da Educação e não tinha lista, porque tem um painel. Aí no dia seguinte já tinha uma lista, já preenchida. Pra falar que houve um processo, né... Tem essa questão de tristeza. (informação verbal, 2019c).

Alain também ressalta outro motivo para sua emigração - os conflitos étnicos existentes em seu país, o pertencimento tribal, as origens e lutas identitárias. Ele diz:

> Não, falo do meu motivo... o meu caso é conflitos étnicos. Falo do meu país... porque a situação muda em cada país. Por exemplo: a gente pega os países do Oeste e do Centro... isso se atribui mais ao pessoal do centro, onde há ingerência, certo? É onde há mais influência das potências... Elas, inclusive, fomentam esses conflitos até hoje. A gente brinca: "pra fazer dois africanos brigarem você não precisa contar mentira" (risos). É só iludir um, que o outro já fica com raiva e aí já causa briga. Isso é infelizmente a realidade (informação verbal, 2019a).

Assim, vê-se que grande parte dos motivos desses imigrantes fugirem de seus países é devido a motivos que envolvem muitas questões socioambientais, como é possível notar a seguir:

> Assim é... como posso dizer... as riquezas é como se fossem... é o que se usa como argumento, certo? Porque assim... há um conflito interno que eu posso caracterizar "de ódio", mas a gente chama de tribalismo, porque você é... assim... como se fala: "porque você detesta, odeia a outra pessoa pelo fato de ser de uma tribo diferente da sua", então é um tribalismo. É o tipo de tribalismo que hoje é alimentado. Então as grandes potências, ou as grandes empresas europeias se aproveitam dos conflitos. Enquanto nós brigamos, tem riquezas indo pra fora, a baixo custo, no mercado negro... tudo isso alimentado, porque a gente vai ver hoje, tem países que não tem urânio, e...pelos números ainda estamos debaixo da linha da pobreza, certo? Apesar do custo de vida ser baixo, porque lá uma família consegue viver com 2 dólar (sic) por dia. É muito dinheiro lá... 2 dólar (sic), assim... é uma janta de uma família. Então assim... o salário mínimo, por exemplo, você vai comparar... uma pessoa que ganha em média... 200 dólar (sic) vive bem! Apertado, mas consegue sobreviver a certos custos (informação verbal, 2019c).

Alain ao contar sua história de vida, reforça que os conflitos, em sua leitura, se devem majoritariamente aos interesses dos estrangeiros, dos colonizadores, para facilitar a dominação do povo e a exploração de recursos, situação que parece nunca ter mudado, desde a colonização. Ele afirma que "não há interesse em acabar com isso. Porque no dia que houver paz, a África será próspera" (informação verbal, 2019a).

Trajetória da Migração: de Brazzaville a Palmas

Alain afirma que saiu de Brazzaville, a capital política do Congo, rumo ao Brasil.

> Sou de Brazzaville, no sul da cidade. Ela é a capital política do país. Há duas capitais: a capital econômica é Pointe Noire, onde a gente tem o maior porto da África Central (informação verbal, 2019c).

Alain veio ao Brasil através do Programa PEC-G, um programa de convênio do Brasil com países em desenvolvimento, patrocinado pela UNESCO e o Banco Mundial, que

o congolês descreve da seguinte forma:

> É o Governo brasileiro com a UNESCO e o Banco Mundial, também. Então, aí... como o Brasil... inclusive as vagas são diferentes. A gente não concorre às mesmas vagas. As vagas de estrangeiros são diferentes no PEC-G. Em cada Universidade são reservadas, e a gente concorre com outros estrangeiros. Então, no Programa o Brasil se disponibilizou a oferecer a estrutura, certo? E desde aquela época, né, não tinha como a gente obter uma ajuda financeira no Brasil, assim, assegurada pelo governo brasileiro. Há programas que você pode acessar, mas não é assegurado por lei, não é garantido, certo? Então, aí o Banco Mundial e a UNESCO têm um Fundo, mas também não é cem por cento. Então, as famílias têm que se responsabilizar por você (...) (informação verbal, 2019c).

Veio para o Brasil em 2013 para cursar Arquitetura e Urbanismo na UFT- CUP. Ele e a esposa, que conheceu no Brasil e com quem se casou durante a graduação, são imigrantes qualificados, e vieram através do PEC-G. Ela é proveniente do Benin, como dito anteriormente e fez o curso de Medicina. Narrando sobre o processo de acesso ao PEC-G, Alain diz que a saída de emigrantes do Congo Brazzaville via este Programa para o Brasil especificamente ainda é democrática, "porque ele não é feito pelo Ministério da Educação do Congo" (informação verbal, 2019c). Segundo o entrevistado, o processo é gerido pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), no Brasil, embora a prova de seleção seja aplicada no Congo, mas controlada pelo Brasil. Ele afirma:

> Só que sempre tem como passar alguma coisa, né. Como acontece? Essa prova não é feita pelo Ministério da Educação de lá, né? É feito pelo Ministério das Relações Internacional, junto com a Embaixada brasileira de lá. Eles que fazem o filtro econômico. Mas sempre tem alguém a quem você pode dar o dinheiro, você pode influenciar para poder colocar o nome mas sempre tem que responder por mais requisitos. Tem que ter menos de 23 e ter no mínimo 14 pontos de média (informação verbal, 2019c).

Ainda comentando sobre o processo, ele diz que há um mérito para poder vir pelo PEC-G e conclui que não vem aluno ruim do Congo para o Brasil. Há uma média mínima de 14 pontos a serem alcançados na prova. Acrescenta que

> esse é um pré-requisito. Porque onde que acontece compra de vaga, é quando há, por exemplo 5 vagas e 100 candidatos, certo? Porque eles mesmos já vão eliminando aqueles que não atingirem a média. Aí, agora... se vier uma pessoa incapaz... aí tem um problema na documentação que ele apresentou, certo? Pode acontecer... porque no Congo a gente fala que lá é o país das possibilidades (informação verbal, 2019c).

Sobre a escolha do lugar onde iria estudar no Brasil, ele comenta o processo e como ocorreu:

> É porque quando você passa na seleção você tem opção dois cursos e duas Universidades, certo. Aí nos cursos é de acordo com sua nota e teu histórico do ensino médio. Eles fazem a média em tudo, né. Ah, ó... Medicina... aí vão ver lá sua média em Ciências Biológicas é 5,0 (rindo). Aí escolhi Arquitetura e Urbanismo, porque no Congo é diferente, lá Arquitetura é junto com a Engenharia Civil. Aí eu escolhi Arquitetura e Urbanismo. E a cidade eu escolhi São Paulo e Brasília. Porque lá no Congo a gente conhecia: São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. (...) Aí não houve vagas para os outros lugares lá no dia que eu tinha preenchido já. Caso não haver vaga eu vou pra onde tiver. Aí surgiu uma vaga na UFT, que só tem Arquitetura no ***Campus*** Palmas, né, porque tem um Guineense que ficou no ***Campus*** Porto Nacional, porque lá que tem Letras, né (informação verbal, 2019c).

Ele chegou ao Brasil, e passou primeiramente um tempo em Brasília, a capital do Brasil, para aprender a língua, se adaptar e preparar-se para a prova de proficiência em português, realizada já no país. Ele conta:

> A minha vinda pro Brasil Eu poderia sonhar estudar em outro país. Só que lá no Congo ninguém tem interesse de vir para o Brasil. Porque primeiro tem que aprender português. Porque a gente perde um ano só pra estudar o português. A gente faz o teste de proficiência. E como aqui não tem ninguém pra corromper, se não passar, você tem que retornar. (...) De lá você já sabe qual a Universidade onde você vai estudar, pois é de acordo com o curso que você deseja fazer se há vagas. Às vezes, se você pediu São Paulo, não tem vaga. Mas aqui na UFT sempre tem vaga pra estrangeiros. A maioria que vem aqui não escolhe, é porque não teve vaga onde ele quis, ligaram pra ele, ele fala: não, coloca onde tem vaga. A maioria. Ainda não vi alguém aqui que veio por escolher (informação verbal, 2019c).

Sobre a escolha específica do Brasil, ele afirma que foi porque a concorrência para o país é menor no Congo, pela dificuldade de aprender a língua portuguesa. E acrescenta:

> Tipo assim, os filhos de poderosos eles vão onde fala francês ou inglês... porque o inglês já no ensino médio já é falado, é ensinado. Então mais fácil, eles vem, eles vai nesses países... então eles vão muito China, Estados Unidos, Europa (informação verbal, 2019c).

Alain afirma que os estudantes africanos, em geral, passam depois de chegar no Brasil, e no decorrer do tempo, a enfrentar sérios problemas econômicos, porque, além das famílias de origem não serem muito abastadas, vão ocorrendo as mudanças de câmbio, e o imigrante passa a enfrentar dificuldades financeiras sérias, porque as famílias não têm como acompanhar a desvalorização monetária, além do custo de vida em Palmas ser bem mais alto que em Brazzaville. Ele diz sobre isso que...

> lá a gente faz uma análise, das condições socioeconômicas dos pais, e consegue te manter. Só que a realidade é diferente. Porque quando a gente vem aqui, é... a gente percebe que lá é 400 dólares mensais que os pais têm que se responsabilizar. Só que nessa época que estamos falando, o dólar valia dois reais (gargalhadas)... Então hoje o dólar está quatro reais e mais alguma coisa (informação verbal, 2019c).

É importante compreender que, quando o Dólar se valoriza perante o Real, também é geralmente valorizado perante as moedas africanas, entre elas, o Franco Congolês, onerando as famílias dos imigrantes e/ou reduzindo o poder de compra dos mesmos no Brasil.

No decorrer da trajetória de imigração, as dificuldades se avolumam. Segundo o entrevistado...

> Inclusive por conta disso, que muitos dos nossos conterrâneos desconhecendo a realidade... porque (por causa) no Programa, um Programa que a gente faz parte, né, para vir estudar aqui. Deixa eu resumir um pouco do Programa. (...) Em cada país a seleção é feita de uma forma diferente. Porque assim, é... no *ranking* de grandes potências há pré-requisitos como se faz, como se diz que tal país "é país de primeiro mundo, tal é de segundo mundo"... Há requisitos. Então um dos requisitos que faz o Brasil na posição que ele está hoje, da sétima potência econômica, é esse Programa nosso que existe já faz 55 anos, que é o PEC-G (informação verbal, 2019c).

No caso do PEC-G, o Governo brasileiro se responsabiliza pela estrutura de estudo, ou seja, a estrutura e os serviços da Universidade conveniada. Mas ao estudante, é possível, uma vez que inserido na instituição conveniada, solicitar diretamente do Ministério de Educação (MEC) e da própria IES alguns tipos de auxílios financeiros, a depender de seu desempenho como estudante. Alain ressalva, em relação a esses auxílios extras que:

> O Governo (Brasileiro) não quer se responsabilizar pra dizer que é garantia, porque vai que não dá certo... Porque nesse caso aí é todos os estudantes, é sem exceção, certo? Então é... aí isso faz com que, pela diferença de moeda, a gente às vez passe necessidade. Sai de lá com condição boa e vem aqui passar necessidade. Isso já aconteceu com a maioria de nós aqui. Então, assim... os nossos pais lá tem uma questão... é... como se fala... pelo pouco daqui lá já é muito, né? Então lá a pessoa consegue sobreviver com esse pouco. Mas quando a gente vê... é assim... significa nada, entendeu, esse dinheiro de lá. Então lá... essa é questão que a gente luta, que a gente briga, né... (informação verbal, 2019c)

Questionado a respeito de sustento e bolsas de estudo, o imigrante afirma que não recebia nenhum tipo de bolsa acadêmica do CNPQ ou da CAPES. Mas acrescenta que no próprio PEC-G e na UFT há bolsas e auxílios que podem ser solicitados, e que ele teve acesso a alguns desses auxílios, mas não em todos os semestres. Ele discorre sobre isso:

> No Programa tem a bolsa de *promissais*, que é 622 e tem a bolsa de mérito. Além disso, na Universidade existe auxílio para aluno que comprovar insuficiência econômica, certo, porque eles tem é... análise do contracheque, você leva, eles vão ver que realmente não entra dinheiro na sua conta aí te ajuda com a alimentação, você consegue gratuidade no Restaurante Universitário e também tem a bolsa de 300 mensal, durante o semestre para pode pagar aluguel (informação verbal, 2019c).

Ainda a respeito desses auxílios, Alain diz que ficou sabendo dos mesmos através de colegas de curso e amigos e que não houve uma organização ou setor que o orientasse a respeito desse direito. Na época também em que obteve esses auxílios, não era permitido ao estudante que os acessa trabalhar, o que mudou mais recentemente. Ele narra:

> Não, não podia. Porque na época... mudou ano passado, porque até então, quando a gente chegou...quem tinha o visto de estudante não podia trabalhar. Não podia ter carteira assinada, né. Aí qualquer trabalho era sujeito a perda de visto, né. Então é complicado, é complicado isso aí (informação verbal, 2019c).

As crescentes dificuldades financeiras são um tema recorrente nas entrevistas dos estudantes. Eles atribuem isso à situação econômica de suas próprias famílias, às variações de câmbio, que podem comprometer e desvalorizar a moeda de seu país de origem e ao próprio aumento no custo de vida aqui no Brasil, especialmente na cidade de Palmas, onde este índice está na lista de um dos maiores do país.

Inserção no Brasil e interações sociais

A respeito dos conhecimentos prévios e da relação de Alain com o Brasil e os brasileiros, ele conta que antes de vir ao país, conhecia alguns brasileiros que lá eram bem educados e simples com os congoleses, se comparados aos europeus. Além disso, ele afirma que não optou por ir para um país europeu, porque lá tem parentes que iriam interferir, e que ele sentia a necessidade de desenvolver uma vida própria. Sobre as informações que tinha a respeito do Brasil antes de chegar no país, ele respondeu:

> Na verdade foi... assim uma coisa muito confusa para mim. Porque quando eu ouvi do Brasil, bem... eu soube, eu soube através de alguém, né, que fez a seleção porque...até o processo seletivo ele leva 1 ano, então muitos desistem. Tipo assim: ah, vou fazer É um processo longo, porque é feito lá, e de lá vem aqui, o MEC manda pras Universidade e retorna de novo lá, certo. Então muitos desistem. Aí um desistiu e me avisou: "ó, ano que vem vai ter também". Eu falei: "ah, tenho nada a perder! (rindo) Então eu vou fazer mesmo assim". E como não tem muita concorrência aí eu coloquei o meu nome lá. Aí o que é que eu sabia do Brasil? Além das empresas que eu tinha tido contato, né, um cara lá muito gente boa, assim é a gente conversava, porque a gente tem uma ideia muito diferente dos europeus, certo. E com os brasileiros que a gente conheceu lá, a relação era diferente, entendeu? Até chinês também, é muito diferente, entendeu? Então a relação de convívio, porque o Europeu... independente da profissão, ele trabalha de terno. Que dizer que ele não tem cor, ele não tem tempo de entrar num buraco, pra cavar um buraco... Ele já vem de terno, ele é engenheiro, na obra ele vem de terno, entendeu? Que é diferente do brasileiro e chinês, tá na obra, não tem aquela coisa que: eu sou o chefe aqui. Não. É a equipe que trabalha. Então isso já foi fascinante para mim, entendeu? E outra coisa... que eu sabia era o futebol. Conhece desde 98... porque lá como nossos países assim, uns poucos vão na Copa do Mundo... então lá copa do mundo, a maioria torce torce pro Brasil (risos),

> né. Mas aí quando eu decidi pra vir, aí os irmãos que estão na Europa, aí já era tipo meio que uma briga. Ah... não vai lá... tem nada, tu vai perder o tempo, lá só tem futebol, tu vai fazer o que, né? Mas aí eu falei: não, eu prefiro ir onde eu sei que não vou ter influência de ninguém, porque... não quis ir na Europa porque na Europa.. é engraçado, mas (hesitante)...em cada família africana, eles sempre tem algum parente na Europa. É engraçado! Sempre tem um parente lá. Então eu falei: não! Lá conhecia gente! Eu podia ir lá, eu sabendo que assim não vai passar necessidade como eu passei aqui...não teria luta como eu tive aqui, entendeu? Mas eu escolhi, falei: ó... é minha vida, entendeu? (informação verbal, 2019c).

Nota-se no conteúdo da entrevista de Alain, que ele sempre se refere positivamente à cidade de Brasília, o que aponta para o fato de que existe uma relação *topofílica* do mesmo com a capital do Brasil, por causa de suas interações sociais ali. Como exemplo, vimos anteriormente que ao falar sobre Brazzaville e descrever que ela foi uma cidade projetada e totalmente edificada, ele não a compara a Palmas, que tem essa mesma história, mas à Brasília. Também em outro momento de sua entrevista, ele se refere ao fato de que em Brasília nunca sofreu atitudes de rejeição ou preconceito, como sofreu em Palmas na Casa do Estudante. Ao contrário, diz que ali foi muito bem tratado, com educação e simpatia (BACHELARD, 2003; TUAN, 2012).

A respeito das impressões *topofóbicas*, ou de aversão ao lugar, Alain relaciona essa impressões bem localizadamente em Palmas, especificamente na Casa do Estudante, moradia oferecida pelo Governo do Tocantins a alguns estudantes que vem de fora da cidade, sem custos para o morador.

Ele conta que, com o passar do tempo e o empobrecimento econômico causado pelas diversas situações que comumente os imigrantes qualificados passam, ele se viu obrigado a mudar para o local, após conhecê-lo por indicação de outros amigos imigrantes. Ali ele morou por 2 anos, quando ainda era solteiro. Foi onde conheceu sua esposa, que morou lá também. Alain diz que na Casa do Estudante ele teve um choque negativo de realidade, que ele atribui a um preconceito social. Ele conta:

> Lá engraçado eu tive um choque de realidade. Lá, assim é (pigarreia) o que acontece, lá o Brasil é . muita gente pode discordar de mim, mas eu não enxergo racismo no Brasil. Eu vejo é o preconceito né, eu vejo a falta de conhecimento da pessoa né, eu enxergo ignorância das pessoas, não enxergo racismo. Porque eu digo isso? Porque eu morei e fiz língua em Brasília. Morei lá um ano, morei com diplomatas. Frequentávamos lugares chiques. Então assim... a recepção é diferente. A pessoa não olha o que você é, mas ela olha o que você tem. Ela te respeita a partir da sua aparência, entendeu? Isso não é mais racismo! Porque se é negro é branco, quando é bem vestido tu trata bem, e quando é sujo cê trata mal. Não é racismo! É preconceito! Associado à questão social! É lá onde eu tive esse choque de realidade, né. Porque eu cheguei lá os caras não queria, porque eu sou africano, então eu tinha que lavar... então eu falei:"poxa, em minha casa eu nunca passei por esse tipo de situação! Eu vivi em Brasília e nunca passei por esse tipo de situação! Em

> Brasília tem lugar abriam a porta pra mim,entendeu?! Então foi o momento onde eu aprendi a ser homem, entendeu? Aprendi a falar: é agora deixei de ser filho de agora tô sendo eu. Porque antigamente você aprendia a falar: eu sou filho de fulano de tal. Mas a partir daquela experiência, passei a ser a mim. Eu sou Alain e essa é a minha história (...) É eu tive essa experiência. Porque tipo assim, porque é (pigarreando)...porque tem um estereótipo que é uma realidade: que a maioria dos negros vem de família pobre, desfavorecido, né, e você vê na rua muitas pessoas desfavorecidas só negras. É uma realidade! Aí a gente não pode culpar alguém por isso, não pode lamentar por isso. É um fato! Então a partir dessa experiência lá na Casa do Estudante, então tinha também essa, essa mesma...como se fala? Essa mesma leitura sobre a minha pessoa, entendeu. Eles não tinha essa coisa...onde eu vim não tem branco, todo mundo negro, entendeu? Mas lá também tem classes sociais altas e baixas como qualquer sociedade! Só que a pessoa que eu vivia, pra eles... a questão de tipo assim... da pobreza é associada à pessoa negra, entendeu? Então eu tive esse choque! Porque até então, de Brasília pra cá não tive essa é não passei por essa situação, onde eu necessitei realmente me...me rebaixar, certo? (informação verbal, 2019c).

Ao ser questionado como interpreta o fato narrado acima e como relaciona isso ao problema do racismo, ele diz que sua interpretação é a de que o que ocorreu não é ligado ao racismo, mas ao preconceito social, e diz afirmar isso porque se fosse negro e rico, ele não seria tratado daquela forma. E completa:

> Não não. Está ligado a uma questão socioeconômica. Exatamente. Sim, sim. Inclusive, aqui tem restaurante onde eu se eu for onde eu frequento e tipo assim a receptividade é diferente, certo? E se aparecer um mendigo branco, vão mandar ele embora da mesma forma (risos). Então, na sociedade agora é a sua aparência, entendeu? É social exatamente eu chamo mais ignorância, porque a pessoa não entende, né é confunde as coisas, entendeu? Pra mim, isso não é racismo (informação verbal, 2019c).

Ele atribui o episódio de sua recepção na casa de estudante como um erro de percepção dos colegas de alojamento e atribui isso à ignorância a respeito do imigrante e seu contexto de origem. E afirma que, em sua compreensão, os colegas ali queriam submetê-lo aos trabalhos mais difíceis de limpeza e arrumação sozinho. Sobre isso ele conta:

> Na verdade... assim... até não é questão de recepção foi uma questão de percepção deles Isso, a percepção era diferente em relação à pessoa negra, certo? Que não é uma questão racial, mas social mesmo, tipo assim, que como negro você está aqui, então quer dizer que você está na merda mesmo. (...) Não tinha como você vir de uma condição boa, entendeu? (...) Pra eles... tipo assim: isso é você que tem que fazer!!! É isso (rindo)... entendeu?! Tipo assim quando eu reclamava da sujeira, pra eles era uma coisa estranha. Eles diziam: "Como é que você pode reclamar da sujeira?". Poxa! Ô, eu sou um ser humano, tenho alergia também, como qualquer um, entendeu? Então assim, porque pra mim foi um choque muito grande porque são umas situações que eu nunca imaginei, mas depois, hoje com o amadurecimento percebi que foi preciso eu passar por isso (informação verbal, 2019c).

E acrescenta que neste momento foi necessário ele se impor como pessoa, colocar sua visão do que estava acontecendo e de como as coisas deveriam ser, em seu modo de ver, além de ter que aprender a dizer não.

> Pois ali é que foi assim... é ali, ali eu percebi o seguinte...que...tudo depende das minhas respostas, certo? Então assim é... como eu me via diante dessa situação? Porque eu falo o seguinte... a partir do momento que eu consigo entender você, se eu permanecer na mesma...como se fala? É... na mesma arrogância que você, o ignorante não é mais você, aí sou eu. Porque eu já percebi que você está sendo ignorante comigo. Eu não preciso responder com a mesma linguagem. Porque a partir do momento que eu já percebo que esta pessoa é uma ignorante, então eu posso... mudar meu caráter, ou seja posso responder de uma forma diferente. É igual a gente fala lá na África: quem luta com maluco é mais maluco do que quem tá maluco. Porque ele é maluco, ele não sabe o que está fazendo! Você não tá... você já sabe que ele é maluco. Você tem consciência. Ele não tem consciência. Aí que eu comecei a dizer: "poxa... então" (informação verbal, 2019c).

Alain retoma neste momento em suas memórias um fato importante que o ajudou a superar, que foi a importância de se aproximar de um grupo de apoio e a relevância dos contatos sociais para superação das crises enfrentadas. Ele conta:

> Mas aí... ao mesmo tempo também foi um momento muito legal na minha vida, que tive uma caminhada cristã muito boa e comecei a conversar com eles, a explicar certas coisas, a ter um diálogo, e eles, aí comecei mesmo a perceber que nem eles sabiam daquelas realidades! Aí eu vi: e se eu tivesse sido arrogante como eles tinham sido comigo? Chegaríamos aonde? Mas a partir do momento que começamos a dialogar, que começamos a se entender, que não era bem assim, que é um erro de percepção, que independente de estar na Casa do Estudante porque passei por necessidade, estava prestes a voltar pro meu país, então foi o momento, o jeito que eu achei de poder estudar, permanecer aqui, entendeu? Então houve um diálogo, houve uma troca, né, então a partir dessa experiência, eles viraram meus amigos, entendeu? Então onde podia ter conflito, não houve mais conflito. Chegamos a brigar, porque eu respondia como eles. Depois percebi: mas não preciso! Porque eu estou percebendo, eles não estão sabendo, mas eu já sei... então preciso educar (informação verbal, 2019c).

O papel das comunidades na inserção

Após conhecer uma jovem do Benin que já veio para o Brasil convertida ao Cristianismo, Alain diz que ao observá-la em sua cosmovisão e seu modo de enfrentamento das crises e dificuldades, passou a frequentar a mesma comunidade cristã da namorada. Questionado a respeito dos motivos que o levaram a mudar de religião, ele responde que “na verdade, assim é...foi pela minha curiosidade! (rindo)" (informação verbal, 2019c). Com o tempo, porém, percebeu o valor da comunidade de fé para o imigrante, e passando a fazer parte da mesma comunidade passou a desenvolver suas próprias experiências

religiosas. Ao falar de sua esposa, ainda no contexto de como se conheceram e o período do namoro, ele conta:

> Porque assim é no período em que fui morar na Casa do Estudante foi um período muito difícil para mim, porque eu fiquei quase depressivo. Só que ela é uma pessoa muito pacífica e que vive uma paz... que assim se comparar as nossas... a condição que ela vivia e que eu vivia... eu tava bem! Então ela tava pior do que eu! Porque ela... hoje, né... ela não conheceu a mãe dela, a mãe dela morreu, no dia que ela nasceu, inclusive o desejo dela fazer medicina é disso. Porque foi um erro médico. Que ele não teve o devido cuidado, né, que ela sangrou internamente, ela morreu sangrando, né. Então... e o pai, ele era professor, depois ele virou alfaiate muito conhecido, só que quando ele teve sucesso, ele começou a receber dinheiro e não entregar no trabalho. Aí causou conflito, ele foi perseguido e quase que mataram ele, ele sumiu. Então hoje ele liga quando ele lembra, esporadicamente. Às vezes perde o contato dela, aí ele tem que encontrar, ele tem que ter contato dela, para ligar pra ela, então ele não faz demais. A situação que ela vivia... ela não se prostituiu, ela não teve assim nenhuma atitude que a levasse a desacreditar, certo? Eu ficava numa condição onde tô com pai, tô com mãe, só me falaram: "filho, tu vai ter que se virar". Então eu quase ia morrendo, aí tava ao lado de alguém que tava sem receber dinheiro, certo? Eu falei: não! E a partir disso eu percebi que tinha algo maior dentro dela, tinha algo maior que preenchia o vazio que ela sentia, que eu quis também que... esse vai ser minha força e preenchido pra mim e assim foi preenchido também (informação verbal, 2019c).

Perspectivas futuras

A respeito de seu futuro e do que planeja para a sua vida profissional e famíliar, Alain diz que a maioria dos congoleses, em sua opinião, acabam por voltar um dia pro Congo, apesar do contexto não favorável do país atualmente. Perguntado se as pessoas voltam para lá, após se capacitarem, ele responde:

> Sempre volta. Há um desejo de voltar. Porque tipo assim, apesar das coisas ruins, o Congo para mim é um país bom na questão de que... se é o meu dinheiro, que tem nada a ver com eles, eles não se metem. Se você vem pra somar, eles não se importam. Por exemplo, eu não faço parte de nenhum grupo político. Porque eu sei o meu sobrenome, já sei a peste que ele me dá (risos). Então... já fico longe. Aqui tem grupo político de lá, de jovem estudante, movimento. Eu sempre passo longe disso. Eu sempre construí meu quilo, meu próprio caminho. Outra questão é a questão da família. Lá a família não é só eu e minha esposa, né. Lá a família sou eu e o grupo maior. Tem a maior família e a pequena família. Então a pequena família é a minha esposa e meus filhos. A minha etnia, eles não pertencem à minha família, certo? Eles são a minha família... à parte. Então o relacionamento que tenho, por exemplo, com meu pai e minhas irmãs é diferente. Até o tratamento é meio diferente. Porque lá no Congo... o sobrinho vem primeiro (rindo). É muito diferente. É do outro mundo, entendeu (risos). Tipo assim... o sobrinho ele vem primeiro, entendeu? Então querendo ou não, há pessoas torcendo pelo meu sucesso, da mesma família e que torcem pelo meu sucesso. Porque sabem, tipo assim,

> culturalmente, eu conseguindo alcançar meus objetivos, quando eu voltar, há pessoas da minha família que eu vou ajudar que eu nem sei quem é. Porque lá é assim, por exemplo, ah... eu abri um centro comercial, eu não vou na rua pra procurar quem vai vender. Vou chamar uma pessoa da família para vender lá, e são pessoas às vezes que nem sei quem é, porque nem minhas irmãs vão ter tempo para isso porque cada uma vai fazendo sua vida, vai trilhando seu caminho, a não ser que elas tenham nada pra fazer que elas vem trabalhar comigo. Tem os meus sobrinhos, que geralmente são os braços direitos. Geralmente nos negócios, na linha de frente são os sobrinhos (informação verbal, 2019c).

Assim, para as perspectivas de Alain, ele tem um compromisso moral com a família maior, que em sua cultura enfoca especialmente os descendentes de suas irmãs, e não de seus irmãos. Ele esclarece que no Congo Brazzaville os negócios familiares e sua linha de frente são gerenciados pelos filhos de suas irmãs apenas, com quem um congolês do sexo masculino tem obrigações financeiras, de sustento. Alain diz que na família congolesa cada um tem seu papel definido culturalmente pela tradição e que os homens têm maior responsabilidade com seus sobrinhos, filhos de suas irmãs. Em sua narrativa ele diz:

> Lá cada um tem seu papel. Cada um lá tem seu lugar de mandar, certo? Tipo assim... Os filhos dos meus irmãos, não são meus sobrinhos, são meus filhos. Agora os filhos das minhas irmãs não são meus filhos, são meus sobrinhos. Tenho mais responsabilidades com eles. Porque tem aquela questão de que... lá quem manda é o pai, mas eu não pertenço à família dele. Eu pertenço à família da minha mãe. Então, por exemplo, se meu pai chegar a falecer alguma doença, quem tiver a responsabilidade maior de cuidar de mim não vai ser os irmãos dele, vai ser os irmãos da minha mãe. Eles podem me ajudar, por por compaixão, mas eles não tem obrigação nenhuma (informação verbal, 2019c).

A História de Vida de Dennys: nobreza, sacerdócio e códigos de postura.

A história de vida de Dennys é a quarta narrada nesta pesquisa. Ele é um estudante da República Democrática do Congo, RDC - o Congo Belga. Nasceu na cidade de Kinshasa, a capital de seu país. Veio para o Brasil em 2012, com um convite para um trabalho religioso cristão, ligado à ICAR. Hoje é acadêmico do curso de Filosofia da UFT. Tinha 31 anos por ocasião da entrevista, em 2019. É solteiro, mora em Palmas e é coordenador de microcrédito de uma empresa que presta serviço a um banco privado brasileiro.

As unidades de análise que se destacam em sua narrativa para esta pesquisa são: 1) Configuração familiar na RDC: sociedade e grupo; 2) Interação social de um cidadão do mundo; 3) Trajetórias e redes de contatos; e 4) códigos, posturas e instituições.

Configuração familiar na RDC: sociedade e grupo

Descola (1997), ao discutir o dualismo existente entre natureza física e sociedade

nas discussões teóricas a respeito do ambiente, diz que "a objetivação social dos não humanos não pode ser dissociada da objetivação dos humanos" (DESCOLA, 1997, p. 261). O autor acrescenta ainda que as entidades que constituem o universo de cada um e de todos ao mesmo tempo, "só possuem sentido e uma identidade através das relações que instituem enquanto tal" (DESCOLA, 1997, p. 261). O sentido de si e do outro, a identidade e as relações comunitárias são uma marca na entrevista de Dennys.

Partindo dessas premissas, passamos a analisar a história de vida de Dennys. Falando de sua configuração familiar na República do Congo, ele conta que

> Eu nasci de uma família de 8 filhos. Onde somos quatro homens e quatro mulheres. Eu sou o terceiro filho da família. Posso falar, eu sou um filho como posso falar... cabeça da família... (...) o que sempre né, quando tem alguma coisa, eu que ajudo bastante a colocar ordem na família. A minha mãe se separou com meu pai, eu tinha dois anos. Meu pai é francês. Eu nasci no Congo. (...) Então, eu sou de uma família, não posso falar uma família média... de classe média, né (informação verbal, 2019d).

A respeito do contexto em seu país, o entrevistado diz que há também ali uma diversidade enorme de etnias e línguas, bem como de religiões e crenças. Ao tratar desses temas ele afirma:

> O meu país fala hoje 240 idiomas. E se a gente tem 240 idiomas, a gente tem 240 etnias também. O país adotou quatro idiomas como língua nacional e o francês como língua administrativa. O país tem estado, tem município. No lugar de falar uma cidade, a gente fala tribo. Por exemplo, o meu tribo chama Utá. A tribo da parte da minha mãe. Já da parte do pai já é outra tribo. Então é assim essa mistura. (informação verbal, 2019d).

Questionado a respeito da diversidade religiosa, ou se há uma religião oficial, ele acrescenta que:

> O meu país é como eu posso falar . é um país religioso. O cristianismo que está em primeiro. O Evangélico está com grande força. Mas fora isso tem a religião muçulmana, que é forte também. No nosso país, nas missas, nos cultos é mais animado. O catolicismo Evangélico agora tem muita força. Fora isso tem a religião muçulmana. As nossas missas, os nossos cultos são mais animados. O que vejo a diferença aqui... é dançado, é muito bonito (informação verbal, 2019d).

Quanto à cultura nacional e sua divulgação fora do país, ele afirma haver vários tipos de dança, moda, e outras manifestações de cultura popular que são produzidas no Congo e também divulgadas pela Europa. Dennys diz a respeito de um ritmo do Congo Belga: "aqui nós temos o Dokolum. O Dokolum é o ritmo mais tocado no país. Você pode ver os meninos africanos hoje são famosos na Europa" (informação verbal, 2019d).

Discorrendo sobre a situação de vida no Congo Belga, Dennys relata que, embora haja uma visão mundial de que o país é pobre, na verdade o entrevistado nega isso. Ele

diz:

> Então o meu país, o Congo, é como eu falo hoje, é um país, eu falaria é o país mais rico do mundo. Porque o meu país é rico em minério. Né, hoje nós podemos ver... se o povo falar que tem guerra no Congo, mas na verdade não não tem guerra, né... a parte norte do país é a parte mais rica, onde tem minério, onde tem jazida. E como a Europa e Estados Unidos depende do Congo para sobreviver . eles vão ter que inventar guerra para conseguir pegar a matéria prima que a gente tem, né. Mas, eu posso falar o meu país não é aquele que o povo sempre fala que tem guerra, pobreza (informação verbal, 2019d).

Sobre a história de seu país, o entrevistado reconhece a forte ligação da RDC com a Bélgica, por isso o país também é conhecido como Congo Belga. Ele conta que a independência do país se deu a partir de um personagem da história que Dennys denomina de herói nacional: Patrice Émery Lumumba, nascido como Élias Okit'Asombo. Sobre a história do país, ele narra da seguinte forma:

> O meu país foi uma colônia da Bélgica, né, naquela época eu posso falar, ele foi uma coisa particular do Rei da Bélgica, naquela época... porque ele mandava em tudo. Então foi depois da colônia em 1960, 30 de Julho de 1960, a gente conseguiu uma independência do país, né. Graças ao herói nacional que a gente chama Emery. Mesmo que naquela época o país não estava ainda preparado pra isso, mas ele uma das pessoas né, dos homens que tomou a coragem de enfrentar. A gente conseguiu a independência em 1960. Depois que conseguiu a independência, como o ser humano, todo mundo quer um poder, como todo mundo quer o poder... naquela época 1961 como o país tava entrando em guerra, deu autonomia pra ele... liderar as tropas, aí ele fez o que a gente chama golpe. Aí ele se autoproclamou ... aí começou ele teve que prender quase todos os homens que trabalharam na independência foram assassinados e morreram. Então ele governou mais de 30 anos no poder. Ele foi considerado um Deus. Quando ele passava as mulheres dançavam. Ele foi adorado, as pessoas adoravam ele como um Rei. Mesmo nesses 30 anos de ditadura, se o Congo tem alguma coisa hoje, foi graças a esse presidente (informação verbal, 2019d).

Dennys acrescenta que a história de seu país é uma história de conflitos, golpes, guerras civis e grupos de rebeldes. Ele continua sua narrativa da história dizendo:

> Depois veio o outro presidente: Desiré Cavilar, que tirou Lumumba do poder. Ele tirou ele do poder e foi assassinado. Porque para ele, nada podia vir de fora... Ele queria que a gente dependesse de tudo o que a gente tem. O Congo parece um pouco do Brasil. A gente tem o Rio Congo que é um dos maiores da África, do mundo também. Temos a floresta Equador, Todo lugar que você planta, né dá fruto. Então é como o Brasil. Então o presidente queria que a gente dependesse tudo que saia do nosso solo, nosso país. Mas você sabe que isso é prejudicar a América, é prejudicar a Europa. E você sabe isso é um jogo político. Fez uma pessoa sair da Angola matar o Cavillar. Então quando ele morreu, o filho dele assumiu o poder Foi quando realizou as eleições democráticas, foram eleições livres, democráticas, mas

> ele acabou ganhando. E ele ficou 8 anos. E ano passado ele conseguiu deixar as eleições. E agora quem assumiu mesmo foi um filho mesmo do Congo, que nasceu no Congo mesmo, e graças a Deus as coisas estão melhorando (Informação verbal, 2019d).

Como afirma Queiroz (1988), escrever a história de vida de alguém permite voltar-se "à existência daquele que narra" (QUEIROZ, 1988, p. 14), colocá-lo no centro do processo da narrativa histórica e permitir que outras histórias brotem, além da oficial. Ao retomar suas memórias para a entrevista, Dennys declara sobre suas origens em seu país:

> Então, isso que eu falo, o seguinte... eu nasci duma família que a minha mãe é filha única, e como a minha mãe... crescendo a minha mãe não fez aquela faculdade, porque ela mesmo não gostou, ela mesmo não quis ir na escola. Mas a gente nasceu... o foco da minha mãe, ela queria que todos os filhos dela sejam bem educados, estudando nos melhores escolas que o país tem. Por isso a gente estudou, eu estudei numa das melhores escolas, né... colégios, que é a dos padres no meu país. E de lá eu fiz a faculdade, eu comecei a faculdade no meu país, na Universidade de Kinshasa, que é uma extensão da Universidade de... que a gente chama de Leon, da França, né, então é um dos melhor (Informação verbal, 2019d).

Um pouco diferente da narrativa de Alain, a respeito da educação no Congo Brazzaville, Dennys comenta que o ensino na RDC é integralmente privado, o que dificulta bastante o acesso aos que têm menos condições econômicas. A narrativa de Dennys corrobora com o pensamento de Hobsbawn (2011), a respeito da colonização feita pelos países imperialistas naquela região da África. O autor afirma que mesmo o imperialismo estando diretamente ligado a importantes aspectos culturais europeus trazidos para as colônias – como, por exemplo, a disseminação de um modelo europeu de educação, já bem robusto e sistematizado. Ao mesmo tempo esse legado cultural ainda hoje só favorece uma pequena parcela da elite dos povos dominados, que são os únicos que têm acesso a essa educação (HOBSBAWN, 2011). Na própria entrevista de Dennys, ele alega que teve acesso aos diversos níveis de estudo na RDC, muito provavelmente porque sua família teve condições e pode favorecer isso. O entrevistado diz:

> E o meu país não tem nada de graça não. Escola tudo é pago. Começando na creche... você tem ensino fundamental, ensino médio... Faculdade... tudo é pago. Não tem nada de graça. (....) Não existe coisa pública. Então... a escola pode ser pública, mas é pago. Mesmo fora de pagar imposto, a gente paga na escola, né... a mesma coisa no hospital, tudo é pago. Então não tem nada, como aqui a gente tem o Sistema Único de Saúde (no Brasil), então no meu país não tem. Mesmo assim vamos rezando pra ver se um dia que acontece essas mudanças (Informação verbal, 2019d).

Nota-se que para Dennys, a educação é algo bem importante. Foi uma exigência e esforço da mãe, conforme dito acima, que todos os filhos estudassem, pois ela cria que isso possibilitaria aos filhos oportunidades futuras e os prepararia para qualquer situação.

Sobre isso, ele conta:

> Eu estudei numa das melhores escolas, eu falo o seguinte: a gente foi bem educado, a nossa mãe sempre ensinou a ser pronto de lá, né, como posso falar... a ser pronto em tudo que pode acontecer. Eu vim no Brasil já pronto pra enfrentar qualquer coisa. Eu vim no Brasil, eu falo sete línguas (Informação verbal, 2019d).

Interação social de um cidadão do mundo

Vigotsky aponta que "a estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social" (VIGOTSKY, 1984, p. 33). Esse pensamento tem relação com a trajetória de Dennys. Questionado sobre o que o motivou a sair da RDC, ele narra que desde pequeno desejou sair do seu país e conhecer o mundo para desenvolver-se. Ele afirma:

> Eu sempre quis ser um missionário. Eu sempre falo pra minha mãe: eu sou um cidadão do mundo. Eu não sou um cidadão pra ficar parado. Mas como eu queria ser missionário... eu estudei num seminário no meu país. Quando eu saí do Seminário. Eu fazia faculdade de filosofia, em 2012 eu finalizei. Depois disso eu morei também na França, Espanha e morei em outros lugares também antes de vir no Brasil. (...) Eu tinha um padre que era nosso acompanhador espiritual. A gente falava o Brasil é o país de futebol. Mãe eu vou pro Brasil. Então eu fiquei alegre né...eu vou pro Brasil. Então a minha mãe me falou: você quer ir mesmo? Você quer arriscar. Então eu vim em 2012, eu vim pro Brasil, normalmente era para ser padre da igreja católica. Eu morei em São Paulo, em Campo Limpo. E depois eu fui estudar numa Comunidade de vida Palavra Viva, em Minas Gerais, né. De lá eu pedi uma transferência para a igreja de Cristalândia, fica aqui em Tocantins. Eu cheguei em Tocantins em 2012 (Informação verbal, 2019d).

Questionado a respeito das diferenças e proximidades culturais entre a RDC e o Brasil, o entrevistado afirma que, em sua opinião, as culturas dos dois países se encontram. E complementa:

> E a gente pode ver isso mesmo já nas comidas, o jeito que ele é feito. Exemplo feijoada... o jeito que ele é feito, mistura de muitas carnes. A gente chama ***feijoan***. E a gente pode ver isso também nas músicas, nas danças, a gente pode ver semelhança. (...) Então e a comida, tem umas comidas que parecem com o Brasil. Por exemplo, aqui tem feijão, arroz com feijão. No meu país a gente não come muito arroz. A gente come ***fufú***. Ele é feito com farinha de mandioca e farinha de milho. Ele é igual o pirão. Pode ser comida com frango, ***feijoan***. A gente tem vários tipos de comida. No meu país você come feijão quase uma vez no mês. Porque a gente come mais legumes, legumes cozidos. Cada dia tem um prato diferente. Até hoje quando em casa às vezes eu faço uma comida diferente, quando eu sinto, não, eu tenho que comer uma coisa diferente. Por isso eu não sou muito fã de arroz não. (Informação verbal, 2019d).

Trajetórias e redes de contatos

A trajetória de migração de Dennys é diferente dos demais estudantes aqui retratados. Ele é o único que não veio através do PEC-G. Como dito anteriormente, ele veio a convite de um religioso brasileiro para trabalhar em uma comunidade católica. Sobre sua vinda ele narra que

> Normalmente é diferente. O estudante vem com intercâmbio, com a bolsa. Mas eu não vim com isso. Mas eu já fiz intercâmbio com outros países. Porque eu cheguei no Brasil, eu não falava português... Nada. Em 2012, há 7 anos atrás, era um pouco mais novo também (Informação verbal, 2019d).

Primeiramente Dennys morou em Campo Limpo, São Paulo, na comunidade católica. Ali envolveu-se profundamente com sua missão religiosa e cooperou fortemente. Por causa de sua missão bem sucedida naquele lugar, o imigrante foi convidado para vir morar no estado do Tocantins, na cidade de Cristalândia. Falando sobre sua chegada no Brasil e sobre os lugares por onde passou, ele afirma:

> Como aqui tinha a comunidade Palavra de Vida, aí mandaram o convite pra gente vir conhecer. Eu vim conhecer a comunidade porque ele tinha a intenção de implantar a comunidade lá na África. Então pra mim foi parece um Deus, né (...). Aí eu morei em Campo limpo, eu fiz a missão, as pregações, eu gosto. Aí o padre convidou a gente para a missão em Cristalândia. (...) Então pra mim foi parece um Deus, né. Deus realizou o que a gente tinha pensado. (...) Eu vim no Brasil. Então eu Morei em Campo Limpo, depois em Minas. Aí a gente fez uma Missão em São Miguel do Araguaia. Lá eu fiquei um tempo, a gente ficou lá no Seminário (Informação verbal, 2019d).

Códigos, posturas e instituições

Dennys posiciona-se bem seguro em seus códigos e posturas de vida e na implicação disso em relação aos grupos sociais e instituições com que se relaciona. Ele se posiciona como alguém que está pronto para enfrentar as situações da vida e tem auto-estima elevada, conforme é possível notar na fala abaixo:

> Eu sou uma pessoa que tem auto-estima alta, eu tenho autoconfiança em mim. Eu nunca sofri preconceito porque no meu dicionário não existe a palavra preconceito, nem racismo. Eu falo que a pessoa pra chegar em mim ou falar que ele é superior a mim ele vai ter que ter, como que eu posso dizer... ele vai ter que ser inteligente mais que eu, ele vai ter que ter auto estima mais que eu pra me colocar abaixo, então eu sou uma pessoa preparada para qualquer coisa (Informação verbal, 2019d).

Ele narra que resolveu deixar o trabalho junto às instituições católicas porque não concordava com determinadas posturas presenciadas ali. Apesar disso, ele reafirma sua vocação para o trabalho cristão, mas declara que o faz agora de forma independente,

apenas colaborando com sua paróquia ou prestando serviço voluntário. O entrevistado relata:

> Em 2013 acabei saindo do Seminário, né, porque a gente tem princípios e eu vi algumas coisas, vi que não dava certo comigo, aí eu decidi fazer outra coisa, né.... Porque eu falo o seguinte: a gente pode servir a Deus não só ao ser padre. A gente pode fazer isso de um jeito diferente. Porque hoje eu dou palestras, eu faço um trabalho com menores infratores também lá em casa, de vez em quando eu vou lá fazer as palestras conversando. E... eu sou também uma pessoa religiosa. Eu ajudo em minha Paróquia, com grupo de jovens. Então quase todos os eventos do grupo de jovens que acontece, eu gosto sempre de estar lá junto ajudando (Informação verbal, 2019d).

Dennys termina reafirmando que a imagem que se tem do Congo Belga como um país pobre é errada. Ele defende que isso é uma imagem distorcida pois o seu país de origem é igual a todos os outros, inclusive o Brasil.

> O Congo é igual ao Brasil... tem uma parte que o povo vive bem, que tem condição, e tem outra parte que tão passando fome também, né igual em qualquer país né? Então eu cheguei aqui em 2012, aqui no Brasil e hoje eu estou morando aqui em Palmas (Informação verbal, 2019d).

Percebe-se na história de vida de Dennys que as redes em seu entorno são importantes. Em sua narrativa, aspectos como a família de origem e seu papel nela trazem valor identitário ao jovem acadêmico. Também a rede formada pela Igreja Católica, o sacerdócio, o Seminário, a Paróquia e seus grupos de jovens o fazem se sentir parte de algo maior. Além disso, o seu trabalho voluntário como palestrante, consultor e assistente de Projetos Assistenciais como, por exemplo, o que faz junto a grupos de "menores infratores" em Palmas, dá a ele um propósito de estar no Brasil. O mesmo se nota quando ele discorre sobre seu trabalho remunerado, onde ele se sente valorizado e estimulado ao desenvolvimento pessoal.

Aliás, a questão do trabalho, do emprego, é um elemento diferenciador da vivência de Dennys no Brasil em relação aos demais imigrantes. Isso, provavelmente, contribui para a alta estima que esse congolês apresenta em sua postura e em suas falas.

Ele também destaca em sua narrativa o seu papel de liderança junto aos seus colegas de Universidade, bem como na Associação de Amigos Africanos. Outrossim, alguns dos africanos entrevistados fizeram referências à pessoa de Dennys, à sua liderança, o que aponta a sua importância para o grupo.

Bem, esses foram os relatos apresentados pelos imigrantes africanos aos seu entrevistador, organizados nesse livro de acordo com as palavras-chave destacadas, evidenciando pontos comuns, mas também diametralmente opostos, apontando para a riqueza de detalhes das narrativas desenvolvidas através da História de Vida. Pode-se constatar o grande número de informações oriundas das percepções que cada um tem da

vida, de seus países, do processo de imigração, da realidade brasileira e da inserção de cada um em sua realidade cotidiana na cidade Palmas, mais especificamente na UFT- CUP e no IFTO, *Campus* Palmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com princípios semelhantes aos das pesquisas em Ecologia Humana da Escola de Chicago, essa pesquisa procurou através da História de Vida, valorizar uma escuta atenta aos sujeitos participantes, buscando registrar cientificamente seu ponto de vista sobre origem, enraizamento e cultura familiar, bem como as trajetórias de saída do país de origem e chegada no país de destino. Além disso, verificou como se deu a inserção dos imigrantes qualificados aqui retratados através de sua rede de contatos sociais. Também foi possível verificar as obrigações culturais de gênero e os planos de retorno ao lugar de origem, e a prospecção da carreira profissional futura.

Um ponto comum em todas as entrevistas foi o fato de que os quatro entrevistados se tornaram imigrantes qualificados, como acadêmicos no Brasil, em busca de desenvolvimento humano para um dia poderem ajudar seu país de origem, seu povo, sua família, quer retornando ao lugar de origem, ou mesmo ajudando a família à distância com envio de recursos financeiros, ou abrindo portas de oportunidades para outros familiares. Esse compromisso familiar e com seu próprio povo apareceu nas análises como um tema recorrente.

Assim, foi possível reconhecer suas histórias, percepções, metas e inserção. Conclui-se que o processo de conhecer a realidade humana em qualquer sistema de inserção e agregar conhecimentos de modo a contribuir para melhorias nesse processo, é temática plenamente afeita ao saber ambiental, especialmente em seu princípio teleológico. Para isso, a relação dicotômica sujeito/objeto foi ultrapassada, e o conhecimento compreendido como construção social, na relação entre sujeito pesquisador e sujeitos participantes, reiterando o princípio da intersubjetividade da Ciência, numa compreensão multiversa da realidade, para contribuir com o avanço do Estado da Arte do tema pesquisado.

Ao tratar das histórias de vidas de imigrantes qualificados da África Subsaariana e sua inserção na UFT e no IFTO, foi possível detectar o quanto o enraizamento era presente em suas vidas, confirmando que "o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro" (BOSI, 2003, p. 75).

Através dos dados coletados e de sua análise, foi possível também verificar o princípio da *autopoiesis*, como a capacidade de auto-criação, auto-organização e auto-regulação de um sistema/ambiente (MATURANA; VARELA, 1979), sendo um dos elementos da Teoria dos Sistemas, tão presente nos estudos ambientais (LUHMANN, 1988). Os resultados aqui apresentados reafirmaram a complexidade (MORIN, 2008) da realidade, ao ver o fenômeno da imigração qualificada, contextualizado-o em nível local, e estudá-lo em suas relações causais recursivas. Isso aponta que o caráter provisório do conhecimento, trazido pela heurística, precisa ser reconhecido e até servir de motivação

a novos olhares e constantes sobre os problemas de pesquisa.

Além disso, percebeu-se na pesquisa a instabilidade do mundo contemporâneo em processo de devir e sua complexidade, o que produz fenômenos às vezes indeterminados, imprevisíveis e incontroláveis (VASCONCELLOS, 2002), daí a importância de seu contínuo e sistemático estudo, a fim de perceber a transitoriedade e diferença de manifestação dos fenômenos em contextos geográficos e culturais diferentes, bem como em realidades históricas diversas.

As histórias dos imigrantes aqui retratados são inspiradoras e trazem muitos elementos relacionados ao saber ambiental, tais como perspectivas sobre: território, poder, vida, etnia, comunidade, inserção, medos, fuga, sobrevivência, enraizamento, visão sistêmica, rede de apoio e resiliência, reflexões importantes à vivência de todo ser humano em sua relação com o ecossistema onde estiver incluído.

Foi possível notar, através de várias afirmações nas entrevistas, que a Europa continua sendo uma referência aos imigrantes, por causa da influência da colonização. Ao tentar referendar algo de sua cultura, eles sempre se referiam que “tal coisa é exportada inclusive para a Europa”, ou que "a escola "tal" é tão boa quanto às francesas". Isso apontou um aspecto contraditório inconsciente, visto que ao mesmo tempo criticavam algumas posturas colonialistas e de exploração, mas ressaltavam elementos positivos oriundos do processo colonial.

Simplício demonstrou em sua história que o Brasil representa para ele uma oportunidade de desenvolvimento, mas que o distanciamento da família e a falta de uma mentoria mais próxima favoreceram para que ele quase fosse jubilado da UFT e perdesse tempo, tendo que se transferir para outra IES e outro curso. Como foi visto na pesquisa, algumas variáveis, situações especialmente relacionais e emocionais, podem produzir instabilidade no trajeto acadêmico do imigrante qualificado, levando alguns inclusive a desejarem abandonar o projeto iniciado,ou modificá-lo em meio à sua trajetória.

Na história de Jovelino viu-se que ele chegou ao Brasil por uma indicação do irmão que já morava no país, na cidade de São Paulo, e de um primo que já havia se formado em Medicina e havia voltado para Guiné Bissau, o que demonstrou a importância das redes de contatos e informações como facilitadoras da imigração qualificada. As redes servem também como referenciais para tomadas de decisão, bem como auxiliadoras na solução de problemas e no desenvolvimento de atitudes resilientes.

Conclui-se, também, através da percepção de Jovelino, que o Brasil é um país de um povo normalmente cordial, porém muitas vezes desconfiado, especialmente na região central do país, manifestando um forte elemento cultural local. Ele apresenta a idéia de que a presunção da confiança não é um parâmetro comum adotado nas relações sociais locais. Para ele, leva-se algum tempo para se estabelecer a confiança. Ou seja,

cordialidade e desconfiança podem andar juntas no cotidiano nacional.

Com o contato, entrevista e escrita da história de Dennys, percebeu-se um documento histórico gerado de extrema importância, ao ser analisado em conjunto com as demais histórias, especialmente comparando-a à história de Alain. Unidades de análise semelhantes aparecem em ambos os textos, mas com narrativas bastante diferentes, como, por exemplo, em relação às discriminações sofridas. Por outro lado, conclui-se que algumas temáticas são singulares, o que mais uma vez confirma o valor de se registrarem histórias individuais de vida, pela subjetividade contida em cada uma delas, devido à percepção de cada contador de história.

Ressalta-se que o principal instrumento utilizado pelos imigrantes cujas histórias aqui foram narradas foi o PEC-G, importante ferramenta para viabilizar a migração desses acadêmicos. Por outro lado, é válido destacar que esse programa da área de educação é também um dos principais fatores de rankeamento do Brasil como uma potência econômica, o que reforça as contribuições e relevância da Educação para os índices de desenvolvimento do país, e para suas relações internacionais, bem como a visão que se tem do país internacionalmente.

Constatou-se, através dos dados de campo, que é uma necessidade dos imigrantes qualificados uma maior rede institucional de apoio, que possa considerá-los nas suas subjetividades e necessidades pessoais, recebê-los na chegada de forma mais efetiva para apresentar-lhes à cidade, ao *Campus* Universitário, aos locais de atendimento de saúde pública (Hospital Geral, UPAS, Postos de Saúde próximos à UFT e IFTO), às autoridades da IES e dos cursos específicos de cada um (coordenadores e alguns professores), bem como locais estratégicos dos *Campi* como Bibliotecas, locais de alimentação, dentre outros. Há que se elaborar manuais multilíngue (português, inglês, espanhol e francês) em versões *on line* para o imigrante qualificado, que aponte "quem é quem" na UFT e no IFTO, ou seja, o que é cada setor, quem o dirige e os contatos do setor em casos emergenciais, bem como orientá-los quanto aos trâmites corretos de processos institucionais. Também seria significativo haver uma equipe formada por alguns servidores e/ou estudantes dedicados a acompanhar esses imigrantes em sua inserção, saúde física e emocional, acolhimento, possíveis necessidades financeiras, e, inclusive, deixando à disposição alguns telefones de emergência aos quais eles pudessem recorrer em caso de acidentes e urgências de saúde, segurança pública ou familiares.

Na maioria das entrevistas, além do português e do francês/inglês escolares, os acadêmicos mencionaram algum dialeto local como primeira língua, seja familiar ou tribal. Em muitos casos, sendo o português uma segunda língua, não há um domínio pleno, especialmente da língua escrita, o que dificulta o desempenho em nível universitário em um país como o Brasil, onde o português é a primeira língua da imensa maioria. Conclui-se, a partir desse dado, que seria interessante que as IES ofertassem turmas de

“Português Como Segunda Língua” regularmente, que os ajudasse a se comunicarem e a entender o português formal e o coloquial, dando atenção ao uso de expressões regionais e gírias. Isso certamente aumentaria o rendimento acadêmico desses imigrantes.

Por outro lado, é necessário observar que, por falarem em média três idiomas diferentes do Português, eles provavelmente podem obter vantagens em relação aos estudantes autóctones sobre acesso a textos científicos em outros idiomas.

Seria pertinente a formação de clubes de convivência nas IES, com ênfases em áreas diversas e agregadoras de conhecimento, formados para auxiliarem os acadêmicos imigrantes em sua integração ao meio acadêmico.

Uma questão que chamou a atenção e que precisa ser revista é a que diz respeito à visibilidade dos imigrantes qualificados dentro da IES. Notou-se pelas listas fornecidas pelas Secretarias Acadêmicas, que parece não haver listas específicas de imigrantes dentro das Instituições, pois tais relatórios precisaram ser feitos a pedido para essa pesquisa especificamente, e foram entregues sem a devida atualização. Isso pode ser um sério problema em situações emergenciais em relação aos estrangeiros, bem como um empecilho à realização de futuras pesquisas sobre tais grupos.

Ao se tratar do ecossistema humano local, notou-se nas narrativas dos imigrantes que algumas das variáveis que afetam a qualidade de inserção e suas impressões *topofóbicas* estão ligadas à discriminação, ao preconceito e ao racismo, já que 100% dos entrevistados tocaram nestes temas, mas de formas diversas. Como visto na pesquisa, há uma complexidade envolvendo tais assuntos, indo além do racismo individual e atingindo também as instituições e as estruturas sociais. Tais temas poderão ser aprofundados em futuras pesquisas.

Em pesquisas futuras sobre a temática da imigração qualificada, seria interessante uma revisão a respeito da atual classificação das migrações. A pesquisa aqui realizada apontou para o fato de que essa reavaliação talvez seja necessária, visto que a exemplo da fala de Alain, observa-se que ele iguala as formas de migração, apontando que a motivação real de todo imigrante é o inconformismo com sua situação de origem. A história de vida desse congolês, por exemplo, aproxima-se muito de um exílio político, visto que em suas próprias palavras, o imigrante declarou a consciência de que veio ao Brasil para fugir da situação conflituosa de seu país, fruto da ditadura ali imposta.

O trabalho evidenciou, tanto teórica, quanto empiricamente, que o fenômeno migratório tende a ser crescente nas próximas décadas, visto que se desenvolve a partir de diversos fatores como os sociais, culturais, econômicos, políticos, ambientais, dentre outros, diretamente proporcionais às grandes transformações que ocorrem globalmente. Tal constatação aponta para a necessidade de que as Instituições precisam se preparar adequadamente para o enfrentamento da mobilidade humana, através de políticas

públicas adequadas e controle social, levando em conta a questão dos direitos humanos, o diálogo intercultural, dentre outros aspectos.

REFERÊNCIAS

AD EDITORIAL TEAM. **Mapa interativo mostra os recentes fluxos migratórios no mundo.** Trad. Romullo Baratto. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/804784/mapa-interativo-mostra-os-recentes-fluxos-migratorios-no-mundo?ad_medium=widget&ad_name=navigation-prev. Acesso em: 12 Set. 2020.

ADES, C. A Memória partilhada**. Psicologia USP**, 2004, 15 (3, 233-244). Instituto de Psicologia da USP: São Paulo. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24613.pdf. Acesso em 20 dez. 2020.

ADGER, W. N. *et al.* Focus on environmental risks and migration: causes and consequences. **Environmental Research Letters**. Vol 10, 2015. Disponível em: Focus on environmental risks and migration: causes and consequences - IOPscience. Acesso em: 27 nov. 2020.

ACCIOLY, T. A.. Mobilidade da mão de obra qualificada no mundo atual: discutindo os conceitos de brain drain, brain gain, brain waste e skill exchange. In: **VI Encontro Anual sobre Migrações** (ABEP), Belo Horizonte. 2009. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST3/TatianaAlmeidaAccioly.pdf. Acesso em: 17 mar. 2016.

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?.** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AGÊNCIA BRASIL. **Estudantes imigrantes aumentam em 112% em oito anos nas escolas brasileira**. Agência Brasil - Educação. 2018. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-02/estudantes-imigrantes-aumentam-112-em-oito-anos-nas-escolas-brasileiras. Acesso em: 10 de Jan. 2020.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS - ACNUR/ONU. **5 Dados sobre refugiados que você precisa conhecer.** 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/2019/04/09/5-dados-sobre-refugiados-que-voce-precisa-conhecer/. Acesso em: 15 Jan. 2020.

ALVES, J. E. D.. Os Sete maiores países da África. In: INSTITUTO HUMANITAS UNISINO - **IHU**, UNISINOS, 06 de abril de 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588163-os-sete-maiores-paises-da-africa. Acesso em: 14 out. 2020.

ALVIN, R. G.; BANDIRU, A., I., MARQUES, J.. **Ecologia humana: uma visão global - Human Ecology a global vision** (e-book). 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/278667539_Ecologia_Humana_uma_visao_global_Human_Ecology_a_global_vision_e-book. Acesso em: 03 fev. 2020.

ANDERSON, B.. **Comunidades imaginadas:** reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Trad. Eduardo L. Suarez. México: Fondo de Cultura Econômica, 1993.

AXEL, S. T. J. A.. Às Origens dos escravizados Bantu de África Central deportados às Américas dos séculos XVI-XIX. In: **Anais do XXIX Simpósio de História Nacional**. Brasília, 24 a 28 de Julho de 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1505149767_ARQUIVO_AsorigensdosescravizadosBantudeAfricaCentralAnpuh.pdf. Acesso em: 12 Jan. 2020.

AXEL, S. T. J. A.. **Etnicidade no Congo-Brazzaville**. Disponível em: https://www.academia.edu/28633657/Etnicidade_no_Congo-Brazzaville. Acesso em 06 jan. 2020.

BACHELARD, G.. **A Poética do espaço.** Trad. Antonio de Pádua Danese. 1ª ed., 6ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, G.. **La Formación del espíritu científico:** contribución a un psicoanálisis del conocimiento objetivo. México, Siglo Veintiuno Editores, 1991

BAILLY, A. *et al.* **Encyclopédie de geographic**. Paris: Economica, 1992.

BAUCKHAM, R.. **Bible and ecology:** rediscovering the community of creation. Waco- TX: Baylor University Press, 2010.

BAUER, M. W.; GASKEL, G. ; ALLUM, N. C.. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W. **Análise de conteúdo clássica.** RJ: Vozes. 2002. p. 17-36.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** 13a ed. Petrópolis: Vozes, 2017

BAUMAN, Z.. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z.. **Estranhos à nossa porta.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BERTAUX, D. **Los relatos de vida.** Barcelona: Bellaterra; 2005.

BESSA, K. *et. al.*. Construção política das imagens e das representações: os girassóis do Tocantins (Brasil). **DEMA**, vol. 40, p. 315-327, abril 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316950166_Construcao_politica_das_imagens_e_das_representacoes_os_girassois_do_Tocantins_Brasil/link/591a5ca90f7e9b1db652a45a/download. Acesso em 10 nov. 2020.

BHAGWATI, J. N.. **Em defesa da globalização:** como a globalização está ajudando ricos e pobres. Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BIANGUÊ, N. P.; CABANILLAS, N. Figura paterna e materna no processo de tomada de decisões: uma análise das relações de poder no seio familiar na etnia Mancanha da Guiné-Bissau. 2018. Resumo Expandido. In: **VII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA -** Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Redenção/Ceará, 2018

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. **Snowball Sampling:** problems and techniques of chain referral Sampling. In: Sociological Methods & Research, vol. nº 2, November, p.141-163, 1981.

BIRKMANN, J.. **Measuring Vulnerability to Natural Hazards:** towards disaster resilient societies. Tokyo: United Nations University Press, 2006.

BOGARDI, J. *et al*. Control, adapt or free: how to face environmental migration? In: **UN Intersections Bornheim:** United Nations University, n.5, mai 2007.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

BOWANI, A. G.. **Igreja universal do reino de Deus na África subsaariana: implantação, expansão e transnacionalização.** Dissertação de Mestrado, UMESP, 2014. Programa de pós-graduação em Ciências da Religião. Disponível em:http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/340/1/Adrien%20%20

2014.pdf. Acesso em 22 jul. 2020.

BRASIL. GABINETE DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei 11.892, de 11 de dezembro de 2008.** Brasília, DF: Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, [2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em: 15 ago. 2019.

BRASIL, GABINETE DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 13.445**, DE 24 DE MAIO DE 2017. Institui a Lei de Migração. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm. Acesso em 14 ago. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 188**, de 3 de fevereiro de 2020a. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388. Acesso em: 26 de jun. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 356**, de 11 de março de 2020b. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavirus (COVID-19)**.** In: Diário Oficial da União, n. 49, p. 185, 12 mar. 2020. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346. Acesso em: 26 jun. 2020b.

BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Ação direta de inconstitucionalidade.** Processo Eletrônico ADI 6341, de 23 de março de 2020c**.** Disponível em: http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=5880765. Acesso em: 25 set. 2020.

BRASIL, MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES - MRE. DELP - **Países participantes.** 2020d. Disponível em: http://www.dce.mre.gov.br/PEC/paises_participantes.php. Acesso em: 13 mar. 2020

BRASIL, MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES - MRE. **Diplomacia cultural e educacional** / Programas de Estudantes Convênio - PEC. 2020e. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/diplomacia-cultural-mre/19484-diplomacia-cultural. Acesso em: 12 mar. 2020

BRASIL. PORTAL CONSULAR. **República do Congo.** 2020f. Disponível em: http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/seu-destino/republica-do-congo#comunidade-brasileira-e-principais-destinos. Acesso em: 10 Mar. 2020.

BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Inserção ecológica: subsídio à produção do conhecimento. In: KOLLER, S. H.; PALUDO, S. S.; MORAIS, N. A. **Inserção ecológica**: um método de estudo do desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

CAMPOS, B. I. de. **O infográfico como ferramenta de estímulo à leitura de artigos científicos.** Dissertação de Mestrado em Design e Expressão Gráfica. PPGDG, UFSC, Florianópolis - SC, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128983. Acesso em: 08 Jan. 2020.

CAMPOS, S. C.. **Histórias de Taquaruçu:** do campesinato ao bucólico uma trajetória pela discursividade no distrito de Palmas (TO). Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente, PPGCIAMB, UFT, Palmas - TO, 2015.

CAMPOS, M. B. de. Repensando as migrações a partir de um arcabouço processual multiescalar. **Remhu**, v. 27, n. 57, dez. 2019, p. 123-139. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/remhu/v27n57/2237-9843-remhu-27-57-123.pdf. Acesso em: 28 dez. 2019.

CARVALHO, F. Da Ecologia geral à ecologia humana. **Forum Sociológico** [Online], 17 | 2007. Disponível em: http://journals.openedition.org/sociologico/1680. Acesso em: 02 ago. 2020.

CASTELLS, M.. **O Poder da identidade.** Trad. Clauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e terra Ltda, 2018.

CASTRO, R. L. V.. **Tragédia dos bens comuns na mobilidade urbana:** o caso de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado. Programa de Curso de Mestrado em Geotecnia e Transportes. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

CATRACALIVRE. Por que é importante entender a apropriação cultural. Site do **CATRACALIVRE,** 19 de julho de 2017. Disponível em: https://catracalivre.com.br/cidadania/apropriacao-cultural/. Acesso em: 03 jan. 2021.

CLARO, C. de A. B.. **Refugiados ambientais**: mudanças climáticas, migrações internacionais e governança global. Dissertação de Mestrado - Centro de Desenvolvimento Sustentável - Universidade de Brasília: Brasília, 2012. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11970/1/2012_CarolinadeAbreuBatistaClaro.pdf. Acesso em: 10 nov.2020.

CAPELATO, M. H.. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional-estatismo - do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CEBRAFRICA. RDC passa a monopolizar cerca de 25% de todas as exportações de cobalto. Centro Brasileiro de Estudos Africanos - **CEBRAFRICA**, UFRGS, 2020. Disponível em: https://www.ufrgs.br/cebrafrica/category/republica-democratica-do-congo/. Acesso em: 10 nov.2020

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY - CIA, EUA. **Congo Brazzaville Map.** 2020. Disponível em: https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/attachments/maps/CF-map.gif. Acesso em 04 Fev 2020.

COBB JR. J. B.. **Ecology and economy**. *In*: Religion OnLine, 2002. Disponível em: https://www.religion-online.org/article/ecology-and-economy/. Acesso em: 07 mai. 2019.

CONRAD, H.; MEYER-OHLE, H.. Brokers and the organization of recruitment of ‘global talent’ by japanese firms— a migration perspective. **Social Science Japan Journal.** Vol. 21, No. 1, pp 67–88, 2018. Advance Access publication. November 28, 2017.

CONSULADO HONORÁRIO DA REPÚBLICA DO CONGO-BRAZZAVILLE - PORTUGAL. **Ligações.** 2016. Disponível em: http://consuladocongobrazzaville.org/pt/Congo-Brazzaville/ Acesso em:10 Jan. 2020.

COUTINHO F. M. A.; BIJOS, D.; RIBEIRO, H. M..O estado da arte das discussões sobre migrações internacionais e políticas públicas. **RSP**, Brasília 69 (2) 116-144 abr/jun 2018. Disponível em: https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/download/1811/1956. Acesso em: 21 out. 2019.

CORREIA, S. C. B.. **O Reino do Congo e os miseráveis do mar:** o Congo, o sonho e os holandeses no Atlântico (1600 a 1650). Dissertação. Programa de Pós-graduação em História. Niterói: UFF, 2012. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/td/1685.pdf. Acesso em: 06 Jan. 2020.

CUSICANQUI, S. R.. El potencial epistemologico de la Historia oral: de la lógica instrumental a la decolonizacion de la historia. **Temas Sociales**, La Paz, n. 11, p. 49-64, 1987.

DA MATA, D. *et al.*. Quais características das cidades determinam a atração de migrantes qualificados?. **Texto para Discussão IPEA**, n. 1305. 2007. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4872. Acesso em: 11 Mar. 2020.

DALRYMPLE, T.. **Nossa cultura... ou o que restou dela.** Trad. Maurício G. Righi. 3ª impressão. São Paulo: E Realizações Ed., 2015.

DELLA PASQUA, L.; DAL MOLIN, F.. Algumas considerações sobre as conseqüências sociais e psicológicas do processo migratório. In: **REMHU** - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Ano XVII, Nº 32, 2009. Disponível em: http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/147/139. Acesso em: 14 nov; 2020.

DE SOUSA, I. C. F.. Moving to integrate international students at Oswald Cruz Foundation, Rio de Janeiro. **Forum Sociológico.** 27/2016. Disponível em: http://journals.openedition.org/sociologico/1325. Acesso em: 15 jul. de 2019.

DESCOLA, P.. Ecologia e Cosmologia. **Faces do trópico úmido:** conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. CASTRO, Edna; PINTON, Florence (orgs.). Belém: UFPA/NAEA/CEJUP, 2007.

DEZAN, M. D. de S. **Impactos da imigração japonesa sobre a diversidade cultural na organização do espaço geográfico piracicabano-SP.** Rio Claro, SP: Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2007.

DIAS, G.. Mobilidade migratória: uma leitura crítica para além de metáforas hidráulicas. **Remhu**, Brasília, v. 27, n. 57, dez. 2019, p. 61-78. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/remhu/v27n57/2237-9843-remhu-27-57-061.pdf. Acesso em: 30 Mar. 2020.

DINING FOR WOMEN. **Sub-Saharan Africa and sustainable development goals.** 27 Sep. 2019. Disponível em: https://diningforwomen.org/sub-saharan-africa-and-the-sustainable-development-goals/. Acesso em 20 Out. 2019.

DORTIER, J.. Comunidade. In: DORTIER, J.F.. **Dicionário de ciências humanas**. Trad. Márcia V. M. de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DULLEY, R. D.. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. **Agric.** São Paulo, SP, v. 51, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2004. Disponível em: http://www.ifcursos.com.br/sistema/admin/arquivos/06-51-38-artig0nocoesdenaturezaeambiente.pdf. Acesso em 07 Jul. 2019.

NARANJO, José. **A África arde ainda mais do que a Amazônia.** Jornal El País (Brasil), de 29 de agosto de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/28/internacional/1566978341_414043.html. Acesso em: 15 dez. 2020.

ENDRICA, G. A “lei de cotas” de 1934: controle de estrangeiros no Brasil. Campinas. In: **Caderno AEL**, v.15, n.27. 2009. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/download/2575/1985. Acesso em: 01 mai. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Denis Sassou-Nguesso. **Encyclopaedia Britannica on-line**, 01 de janeiro de 2021. Disponível em: https://www.britannica.com/biography/Denis-Sassou-Nguesso. Acesso em: 05 jan. 2021.

ETGE, V. E.; CARISSIMI,E. Territórios luminosos e territórios opacos - uma análise à luz das contribuições de Milton Santos. **REDES - Rev. Des. Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 19, ed. especial, p. 44-64, 2014. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/5152. Acesso em: 23 abr. 2019.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS – FAO. **Guiné-Bissau.** Disponível em: http://www.fao.org/tc/cplpunccd/paginas-nacionais/guine-bissau/en/ Acesso em: 20 ago. 2020.

FATIMA, E.; RODRIGUES, V. **Imigrantes africanos no Brasil contemporâneo**: fluxos e refluxos da diáspora. 2014.

FERREIRA, M. M. (Org.). **Entre-vistas.** Abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

FINKIELKRAUT, A.. **A Identidade envergonhada:** imigração e multiculturalismo na França hoje. Trad. Clóvis Marques. 1ª ed.. Rio de Janeiro: Difel, 2017.

FLORIANI, D.. Ciências em trânsito, objetos complexos: práticas e discursos socioambientais. **Ambient. Soc.**, Campinas , v. 9, n. 1, p. 65-80, June 2006 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php. Acesso em: 04 Out. 2020.

FLORIT, L. F.. Dos conflitos ambientais à ética socioambiental: um olhar a partir dos povos e comunidades tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente.** Vol. 52, dezembro de 2019. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/made/article/view/59663/40169. Acesso em: 12 Jan. 2020.

FONTOURA, M. M.. Fico ou vou-me embora? In: NOVOA, A.(Org.). **Vidas de professores.** 2. ed., vol. 4. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora, 2002. p. 189-217.

FRIEDEN, J. A. **Capitalismo global**: história econômica e política do século xx. Trad. Vera Mannheimer. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FUINI, L. L. A Abordagem sobre o território em autores da geografia brasileira: mutações de um conceito. **GEOgraphia**, vol. 20, n. 42, 2018: jan./abr. Niterói:UFF. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13831/9034. Acesso em: 10 Jan. 2020.

GABRIELE, B. O trabalho de campo como experiência etnográfica nas aldeias da comuna de Luvo, município de Mbanza Kongo. **Mulemba** [Online], 6 (12) l 2016. Disponível em: http://journals.openedition.org/mulemba/1141. Acesso em 03 jan. 2020.

GALKA, M. (2020). **Infográfico dos recentes fluxos migratórios no mundo de 2010-2015**. Disponível em: http://metrocosm.com/global-immigration-map/?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br. Acesso em 03 Jan. 2020.

GARCIA, E. N.; GONÇALVES, A. J.. Refugiados ambientais: um desafio internacional . **Jus Navigandi**, Teresina, ano 14, n. 2374, 31 dez. 2009. Disponível em: http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=14128. Acesso em: 05 jan. 2020. São Leopoldo: Oikoss/ Chapecó: UFFS, 2017.

GARCIA, A. F.. **Cartografia geotécnica para a cidade de Palmas/TO**: determinação das cotas de impenetrável e nível freático por meio de sondagem SPT. [Monografia de Graduação] UFT, 2017. Disponível em: http:// researchgate.net/publication/321274432_Cartografia_Geotecnica_para_a_Cidade_De_PalmasTO_Determinacao_das_Cotas_de_Impenetravel_e_Nivel_Freatico_por_meio_de_Sondagem_SPT/download. Acesso em 02 jan. 2021.

GEERTZ, C.. **A interpretação das culturas.** 1a ed [reimpressão]. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Brasileiros na hospedaria:** a lei de cotas e a lei dos 2/3 - novo projeto de identidade nacional. In: Museu da Imigração do Estado de São Paulo, 09 de setembro de 2020. Disponível em: http://museudaimigracao.org.br/blog/conhecendo-o-acervo/brasileiros-na-hospedaria-a-lei-de-cotas-e-a-lei-dos-23-novo-projeto-de-identidade-nacional#:~:text=A%20Lei%20de%20Cotas%20foi,f%C3%A1bricas%2C%20empresas%20e%20institui%C3%A7%C3%B5es%20p%C3%BAblicas. Acesso em: 13 out. 2020.

GORDON, L. R.. Decadência disciplinar e a de(s)colonização do conhecimento. **Revista Epistemologia do Sul**, Paraná, v. 1, n. 1, p. 110-126, 2017. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/ view/784/653. Acesso em: 28 abr. 2020.

HALL, S. A.. **A Centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p. 05, 1997.

HALL, S. A.. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. In: SOVIK, L. (Org.). **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, S. A.. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HARDIN, G.. The Tragedy of the Commons. **Science**, vol. 162, 13 December 1968, p. 1243-1248.

HAWLEY, A. (1983), “Human ecology”, in G. Young (ed.), **Origins of human ecology**, Stroudsburg, Pa, Hutchinson Ross, pp. 206-215.

HENDERSON, L. W.. **Igreja em Angola.** Luanda: Editorial Além-Mar, 2001.

HICKMANN, A. A.. **Relações interpessoais e valores humanos na escola:** uma inserção ecológica. Tese de Doutorado - UFPR: Curitiba, 2019. Disponível em: https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalho ConclusaoWS?idpessoal=27668&idprograma=40001016001P0&anobase=2019&idtc=1485. Acesso em: 02 jan 2021.

HOBSBAWN, E. J.. **A Era dos impérios:** 1875-1914. Trad. Siene M. Campos e Yolanda Y. de Toledo. 13ª ed.. 3ª reimpressão. Paz e Terra: São Paulo, 2011.

HOXHAJ, R; MARSHAL, L.; SERIC, A.. FDI and migration of skilled workers towards developing countries: firm-level evidence from sub-saharan Africa. In: **Journal of African Economies**, Vol. 25, Ed. 2, mar. 2016, páginas 201-232. Oxford University Press. Disponível em: https://doi.org/10.1093/jae/ejv022. Acesso em: 02 de jan. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS – IFTO. [E-mail]. Remetente: CORES. Destinatário: Walena de A. Marçal. Palmas, jun. 2019. 1 e-mail. **Lista de alunos internacionais vinculados ao IFTO - *Campus* Palmas**.

INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **IBGE**. Mapa político do Brasil. IBGE Educa, 2021a. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18310-divisao-politico-administrativa-e-regional.html. Acesso em: 02 de jan. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **IBGE**. Brasil/Tocantins/Palmas. IBGE,

2021b. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/panorama. Acesso em: 02 jan. 2021.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION - IOM/ONU. **World migration report** 2020. Geneva: IOM, 2020. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf. Acesso em: 04 Jan. 2020

JANSEN, C.J.. Some sociological aspects of migration. *In:* JACKSON, J. A. (ed.). **Migration**. London: Cambridge University Press. 1969.

JANSEN, C.J.. **Readings in the sociology of migration**. London: Elsevier Science. 2016.

JARDIM, D. F. (Org.). **Cartografias da imigração**: interculturalidade e políticas públicas. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In. BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis, RJ: Vozes. 2002. p. 90-113.

KEESE, A.. Equilíbrios no Terror: Trabalho forçado, fuga e Continuidades clandestinas no Congo-Brazzaville, 1918-1968. **Caderno de Estudos Africanos.** [Online], 33 / 2017. Disponível em: http://journals.openedition.org/cea/2233. Acesso em: 02 dez. 2020.

LASCHEFSKI, K. Licenciamento e equidade ambiental. As racionalidades distintas de apropriação do ambiente por grupos subalternos. In: Zhouri, A. (Org.). **As tensões do lugar.** Hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 21-59, 2011

LAVILLE, C.; DIONNE, J.. **A Construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Sattineri. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/UFMG, 1999.

LEANDRO, I. A. *et al*. O Futuro da gestão socioambiental: uma análise crítica sobre a crise ambiental brasileira. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade** (GEAS), vol. 4, n.2. Maio/Agosto 2015. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4716/471647051010.pdf. Acesso em:10 ago. 2020.

LEFF, E..Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & Realidade**, n. 34 (3): pp. 17-24. set./dez de 2009. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227055003.pdf. Acesso em: 08 set. 2019.

LEFF, E.. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, n. 14 (2), p.309-335, 2011. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor. Acesso em: 05 out. 2019.

LEFF, E.. **Saber ambiental**. 9.ed., Petrópolis: Vozes, 2012.

LENOBLE, R. **História da idéia de natureza.** 1a edição. Lisboa: Edições 70, 2001.

LÉVY, A. . **Ciências Clínicas e Organizações Sociais.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J.. **A Cultura-mundo:** resposta a uma sociedade desorientada. 2ª reimp. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LONERGAN, S.; SWAIN, A.. **Environmental degradation and population displacement**. International Human Dimensions Programme on Global Environmental Change (IHDP)/ Global Environmental Changes and Human Security (GECHS), Aviso, May, 1999 (2). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267327850_Environmental_Degradation_and_Population_Displacement. Acesso em: 13 de Abr. de 2020.

LOPES, M. C.. O Entusiasmo dos deuses: Umberto Eco ante a irrealidade brasileira. In: SILVEIRA, Ronie A. T. da; LOPES, Marcos C. (Orgs.). **A religiosidade brasileira e a filosofia.** [recurso eletrônico], p. 169-196. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ronie_Silveira/publication/306079473_Brazilian_Religiousness_and_Philosophy/links/57ae372808ae0101f1729193/Brazilian-Religiousness-and-Philosophy.pdf. Acesso em: 15 Nov. 2020.

LOVEJOY, P.. **A Escravidão na África**: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LUHMANN, N.. **Sistemas sociales**: lineamentos para una teoría general. Barcelona; México; Santafé de Bogotá: Anthropos; Universidad Iberoamericana: CEJA. 1998.

LUHMANN, N.. **Sociedad y sistema:** la ambición de la teoría. Trad. López Petit y Dorothee Schmitz. Barcelona: Paidós, 1990.

MANUEL, A.T.. **A mulher evangélica congregacional em Angola: análise do processo da formação pastoral da mulher no período de 1965-1975.** Dissertação de Mestrado. UMESP, 2005. Disponível em: http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/202/1/Adelaide%20Tomas%20Manuel.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

MAGALHÃES, D. S.. **Entrevista de Simplício** [abril de 2019a]. Entrevistador: Diogo S. Magalhães. Palmas: arquivo pessoal digital. Mp4 (62 minutos), estéreo.

MAGALHÃES, D. S.. **Entrevista de Jovelino** [maio de 2019b]. Entrevistador: Diogo S. Magalhães. Palmas: arquivo pessoal digital. Mp4 (57 minutos e 15 segundos), estéreo.

MAGALHÃES, D. S.. **Entrevista de Alain** [dezembro de 2019c]. Entrevistador: Diogo S. Magalhães. Palmas: arquivo pessoal digital. Mp3 (99 minutos e 45 segundos), estéreo.

MAGALHÃES, D. S.. **Entrevista de Dennys** [dezembro de 2019d]. Entrevistador: Diogo S. Magalhães. Palmas: arquivo pessoal digital. Mp3 (59 minutos e 41 segundos), estéreo.

MAGALHÃES, W. de A. M.. **Arte e sustentabilidade**: uma leitura sobre a temática ambiental na obra de três artistas do cenário tocantinense. Dissertação de Mestrado PPGCIAMB. Palmas: UFT, 2016.

MALOMALO, B.. Macumba, macumbização e desmacumbização. In: SILVEIRA, Ronie A. T. da; LOPES, Marcos C. (Orgs.). **A religiosidade brasileira e a filosofia.** [recurso eletrônico], p.132-160. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ronie_Silveira/publication/306079473_Brazilian_Religiousness_and_Philosophy/links/57ae372808ae0101f1729193/Brazilian-Religiousness-and-Philosophy.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J.. **Vulnerabilities and risks in the population and environmental studies**. Population and Environment, Springer, v. 28, p.83-112, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/227242819_Vulnerabilities_and_risks_in_population_and_environment_studies. Acesso em: 07 mar. 2019.

MARTELLI, S.. **A Religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. Trad. Euclides Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

MATTOS, R. A. **De Cassange, mina, benguela a gentio da Guiné:** grupos étnicos e formação de identidades africanas na cidade de São Paulo (!800-1850). Dissertação de Mestrado em História. USP: São Paulo, 2006.

MATURANA, H.; VARELA, F.. **Autopoiesis and cognition.** The realization of living. Dordrecht, Holand: D. Reidel Publishing Co, 1979.

MENDES, A. de A.; BRASIL, D. R.. **A Nova Lei de Migração Brasileira e sua Regulamentação da Concessão de Vistos aos Migrantes. Disponível em:** http://www.scielo.br/pdf/seq/n84/2177-7055-seq-84-64.pdf. Acesso em: 19 nov. 2020.

MENDES JUNIOR, W. L. A escola de Chicago no debate ecológico: alicerces, desdobramentos e críticas. In: **As Raízes da Ecologia Humana**. ALVIM, Ronaldo Gomes; MARQUES, Juracy (Org.). Paulo Afonso: SABEH, 2017. Disponível em: http://sabeh.org.br/wp-content/uploads/2017/10/As-Ra%C3%ADzes-da-Ecologia-Humana-E-BOOK.pdf. Acesso em: 18 dez. 2020

MIGNOLO, W.. El potencial epistemológico de la historia oral: algunas contribuciones de Silvia Rivera Cusicanqui. In: **Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder.** Caracas: CLACSO, 2002. p. 1-16. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100916024619/18mignolo.pdf. Acesso em 01 jun. 2020.

MIRANDA, J. A. A. de; STALLIVIERI, L.. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 03, p. 589-613, nov. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/aval/v22n3/1982-5765-aval-22-03-00589.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.

MOORE, C. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

MUNANGA, K.. **A Identidade negra no contexto da globalização.** In: Ethnos Brasil, Ano I - nº 1, março de 2002, pp.11-20. - UNESP.

MUNANGA, K.. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Ed.Vozes, 1999.

MORAIS, L. P. de; QUEIROZ, S. N. de. Fuga de cérebros: quem ganha e quem perde migrantes qualificados no brasil? **X Encontro Nacional Sobre Migração**, realizado em Natal - RN, de 16 a 18 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329351779_FUGA_DE_CEREBROS_QUEM_GANHA_E_QUEM_PERDE_MIGRANTES_QUALIFICADOS_NO_BRASIL. Acesso em: 09 abr. de 2020.

MORIN, E.. **Introdução ao pensamento complexo.** 5ª ed., Trad. Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget. 2008.

MUSSAQUE, A. J. Abertura política e econômica para a inserção do protestantismo em Angola. **REAS, Revista Eletrônica Acervo Científico**, 2018. Vol. 1, 24-29. Disponível em: https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/332. Acesso em: 04 out. 2019.

NAIR, M; WEBSTER, P.. Health professionals' migration in emerging market economies: patterns, causes and possible solution. In: **Journal of Public Health,** Vol. 35, Ed. 1, mar. 2013, pag. 157-163. Oxford University Press. Disponível em: https://doi.org/10.1093/pubmed/fds087. Acesso em: 03 jan.

2020.

NEVES, C. F. P., TAUCHEN, G.. **Da Simplificação do conhecimento complexo**: uma abordagem sobre a ciência ecológica. Disponível em: http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0802cc.pdf. Acesso em: 23 de jul. de 2020.

NICOLAI, S.; HOY, C.; BHATKAL, T.; AEDY, T.. **Projecting progress:** the SDGs in sub-saharan Africa. London: Overseas Development Institute, 2016. Disponível em: https://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/resource-documents/10486.pdf. Acesso em: 03 jun.2020.

NODARI, E. S; KLUNG, J. (Org.) **História ambiental e migrações.** São Leopoldo: Oikos, 2012.

NOGUEIRA, M. L. M. *et al.* O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 12 (2), São João del Rei, maio-agosto de 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016. Acesso em 21 abr. 2020.

NUNES, D. S.; TYBUSCH, J.S.. Ecologia política e os deslocados ambientais: uma abordagem reflexiva no contexto latino-americano. **Revista Eletrônica de Direito e Política**, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v. 10, n. 1, p. 638-673, edição especial de 2015. Disponível em: https://siaiap32.univali.br//seer/index.php/rdp/article/viewFile/7186/4084. Acesso em: 03 nov. 2020.

OISHI, N.; HAMADA, I. Silent Exits: risk and post-3.11 skilled migration from Japan to Australia. In: **Social Science Japan Journal**. Vol. 22, Nº. 1, pp. 109–125, 2019. Published by Oxford University Press/University of Tokyo. Disponível em: https://academic.oup.com/ssjj/article-abstract/22/1/109/5273642. Acesso em: 13 de mar. 2020.

OJIMA, R.; NASCIMENTO, T. T. do. **Meio Ambiente, migração e refugiados ambientais**: novos debates, antigos desafios. IV Encontro Nacional da Anppas, Brasília-DF, 2008. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT13-358-132-20080424170938.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ACNUR/ONU. **Declaração de Cartagena**, 2018. Disponível em: http://www.onubrasil.org.br/doc/Declaracao_de_cartagena.doc. Acesso em: 15 fev. 2020

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Divisão Estatística das Nações Unidas.** 1999. Disponível em: https://unstats.un.org/unsd/methodology/m49/. Acesso em: 04 Jan. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Manual y directrices sobre procedimientos y criterios para determinar la condición de refugiado:** en virtud de la convención de 1951 y el protocolo de 1967 sobre el estatuto de los refugiados. Reedición. Ginebra, 2011. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2012/8983.pdf?file=t3/fileadmin/Documentos/BDL/2012/8983. Acesso em: 10 nov.2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Making Migration Work For All.** 2017. **In: United Nations General Assembly.** Disponível em: https://refugeesmigrants.un.org/sites/default/files/sg_report_en.pdf. Acesso em: 18 Mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU**. Proyecto de documento final de la conferencia intergubernamental encargada de aprobar el pacto mundial para La migración segura, ordenada y regular.** Asamblea General, Marrakech (Marruecos), 10 y 11 de diciembre de 2018. Disponível em: http://undocs.org/es/A/CONF.231/3. Acesso em: 30 mai. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Estimated mid-year population by major area and region, 2017 and 2018.** Atualizado em 17 de Novembro de 2020. **Disponível em:** https://unstats.un.org/unsd/demographic-social/products/vitstats/seratab1.pdf. Acesso em 20 nov. 2020.

OSBORNE, S.. Salman Rushdie: Iranian state media renew fatwa on Satanic Verses author with $600,000 bounty. **The Independent**, 21 de fevereiro de 2016. Disponível em: https://www.independent.co.uk/news/people/salman-rushdie-iranian-state-media-renew-fatwa-on-satanic-verses-author-with-600-000-bounty-a6887141.html. Acesso em: 15 jul. 2020.

PADILLA, B.; FRANÇA, T.. Mobilidade científica e imigração qualificada: situando o debate. **Fórum Sociológico**, no. 27, II Série, 2015, pp. 7-10. Disponível em: https://journals.openedition.org/sociologico/1323. Acesso em: 09. set. 2019.

PÁDUA, J. A.. **Natureza e projeto nacional:** as origens da ecologia política no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1986.

PARK, R.E; BURGESS, E. W. **Introduction to the science of society.** Chicago: University of Chicago Press, 1921.

PATARRA, N. L.. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 7-24, ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 out. 2020.

PATRÍCIO, G.; PEIXOTO, J.. Migração forçada na áfrica subsaariana: alguns subsídios sobre os refugiados em Moçambique. **Remhu**: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana [online]. 2018, vol.26, n.54, pp.11-30. Disponível em: http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/1085. Acesso em: 02 dez. 2019.

PEDONE, C., ALFARO, Y.. Migración cualificada y políticas públicas en América del Sur: el programa PROMETEO como estúdio de caso. **Forum Sociológico** [Online], 27/2016. Disponível em: http://journals.openedition.org/sociologico/1326. Consultado em: 15 jul. 2019.

PEREIRA, A. G.; TUMA FILHO, F. D. A. O Fenômeno migratório brasileiro no contexto capitalista. **Informe Gepec**, Toledo, v. 15, número especial, p. 279-287, 2011. Disponível em: file:///C:/Users/USU%C3%81RIO/Documents/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Diogo/TERRIT%C3%93RIO/Territ%C3%B3rio_cita%20Milton%20Santos.pdf. Acesso em 03 Ago. 2019.

POLÍCIA FEDERAL - BRASIL. LOPES, Natália Lima. **Impactos da nova lei de Imigração nº 13445/2017**. 20/04/2018. Disponível em: http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/lei-de-migracao/impactos-da-nova-lei-de-imigracao-no-13445-2017. Acesso em: 13 out. 2019.

PORTO-GONÇALVES, W. C.. Temporalidades amazônicas: uma contribuição para a ecologia política da Amazônia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 17, p. 21-31, jan./jun. 2008. Editora UFPR. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/made/article/viewFile/13410/9036. Acesso em: 22 ago. 2019.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: VON SIMSON, O. de M. (Org.). **Experimentos com histórias de vida.** (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988.

RAMOS JR., D. V.. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. **História Oral**, v. 22, n. 1, p. 359-372, jan./jun. 2019

REVEL, J. História e ciências sociais: uma confrontação instável. In: BOUTIER, J.; DOMINIQUE, J. (Orgs.). **Passados recompostos:** campos e canteiros da História. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

REY, F. G.. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. Trad. Marcel A. F. Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ROSS, E.. Reviews of Introduction to the Science of Society. **American Journal of Sociology** Volume 27, Number 3, 1921 . By PARK , Robert E. and BURGESS, Ernest W.. Chicago: University of Chicago Press, I92I.

RUIVO, P.. **A imigração: uma visão geral.** Coimbra, 2006. Universidade de Coimbra. Disponível em: http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2005022.pdf. Acesso em: 30 mar. 2020.

RUSHDIE, S.. **Imaginary hornelands.** Londres: Granta Books, 1991.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SALEHYAN, I.; GLEDITSCH, K. S.. Refugees and the spread of civil war. **Cambridge University Press** [online], v. 60, ed. 2, 24 de abril de 2006, pp. 335-36. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/international-organization/article/refugees-and-the-spread-of-civil-war/661D0F75EBC76E48585151BEBF858436. Acesso em: 04 de Jan. de 2020.

SANTOS, M.. **A natureza do espaço:** espaço e tempo: razão e emoção. 3. ed., São Paulo: HUCITEC, 1999.

SANTOS, M.. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 6ª Ed. - Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M.. **Território, Globalização e Fragmentação.** São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. de O.. A Noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios**.** Rev. **Inter. Mob. Hum**., Brasília, Ano XVIII, Nº 34, p. 27-43, jan./jun. 2010. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042011003.pdf. Acesso em: 01 dez. 2020.

SANTOS, T. S. N. dos. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau:** tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Versão Corrigida. Tese de doutoramento no Programa de Pós-graduação em estudos da tradução. São Paulo: USP, 2019.

SAQUET, M. A. O Território: Diferentes Abordagens E Conceito-Chave Para a Compreensão Da Migração. **Revista Faz Ciência**, v. 7, n. 1, p. 11, 2012.

SCHÜTZER, H.; ANTUNES, D. L.. África subsaariana: arena internacional. **Sankofa -** Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, Ano XII, NºXXII, maio/2019. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/download/158250/153437/. Acesso em: 12 nov. 2019.

SHELLER, M. ; URRY, J.. **The New mobility paradigm environment and planning.** A 38, 2006, p.207-226. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/23539640_The_New_Mobilities_Paradigm. Acesso em: 18 jun. 2018.

SILVA, A.P. *et al.* "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. **Revista Mosaico.** 2007, Vol. I, nº 1, 25-35. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/mosaico. Acesso em: 03 dez. 2020.

SILVA, R. P. da. **O Sertanejo além-mar:** identidade regional e imigração goiana na República da Irlanda. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2011. UFRGS.

SOBRAL, M. L.. **Trajetórias de vida:** um estudo sobre a complexidade da experiência na rua. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/8200/1/arquivo3586_1.pdf. Acesso em 18 abr. 2020.

SOUZA. L. F.. Estudantes africanos em universidades goianas: acordos de cooperação, migração e racismo. **Terra Livre**. Vol 1. N. 48: 13-45, 2017. Disponível em: https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/1079. Acesso em 03 Jan. 2020

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. p. 77-116. In: CASTRO, E. C. *et al. (orgs.)*. **Geografia: conceitos e temas.** 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SOWELL, T.. **Discriminação e disparidades**. Trad. Alessandra Bonrruquer, 1ª ed., São Paulo: Record, 2019.

TEDESCO, J. C.; SEMINOTTI, J. J.; ROCHA, H. J. (Orgs.) **Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil:** questões contemporâneas. Chapecó: Ed. UFFS, 2018.

THOMAS, W.; ZANIECKI, F.. **The Polish Peasant in Europe and America**. Chicago: University of Illinois Press, 2017.

THOMPSON, P.. **A Voz do passado**: história oral. Trad. Lólio L. de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TÖNNIES, F.. **Comunidad y Sociedad.** Buenos Aires: Ed. Losada, 1947.

TRAUMANN, A.P; MENDES, F. C. C.. A partilha da África e o holocausto que o mundo não reconheceu. **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual**, n. 20, v. 1, p. 253-274, 2015.

TUAN, Y.. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad.: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TURPIN, T.; WOOLEY, R.; SÁNCHEZ-BARRIOLUENGO, M.; MARCEAU, J.. Research collaboration in the social sciences : What factors are associated with disciplinary and interdisciplinary collaboration? **Science and Public Policy**, v. 42, n. 4, december (2014), p.567–582 2015. Disponível em: https://academic.oup.com/spp/article-abstract/42/4/567/1613394. Acesso em: 15 jul. 2019.

UNESCO. **História geral da África**. Vol.VI: África do século XIX à década de 1880. Brasília: UNESCO, 2010a.

UNESCO. **História Geral da África**. Vol. IV: África do século XII ao XVI. Brasília: UNESCO, 2010b.

UNESCO. **História Geral da África**. Vol. VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010c.

UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY - UN. **Making migration work for all.** Seventy-second session. Agenda items 14 and 117. 12 December 2017. Disponível em: https://undocs.org/en/A/72/643. Acesso em: 18 dec. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – **Apresentação.** Disponível em: https://ww2.uft.edu.br/index.php/coordenacao-de-relacoes-internacionais-relinter/apresentacao. Acesso em 11 Jan. 2020a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT/CUP. Remetente: Secretaria Acadêmica. Destinatário: Diogo S. Magalhães. Palmas, abril. 2019. 1 e-mail. **Listagem de Alunos Internacionais Matriculados na UFT - CUP.** [E-mail]. Palmas: UFT, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT. **Organograma.** Site da UFT. s./d.. Disponível em: https://ww2.uft.edu.br/index.php/sobre-a-uft. Acesso em 10 Jan. 2020b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT. Site da UFT. **UFT comemora 17 anos com presente de forte atuação contra o coronavírus.** Disponível em: https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/27179-uft-comemora-17-anos-com-presente-de-forte-atuacao-contra-o-coronavirus. Acesso em: 02 dez. 2020c.

VALE, A. L. F. *et al.*. O Território: diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração. **Revista Faz Ciência**, 07 jan. (2005), pp. 11-26.

UNIOESTE, 2005. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7380/5429. Acesso em: 8 Mar. 2020.

VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas/SP: Papirus, 2002.

VEIGA, J. E. da. **A emergência socioambiental.** São Paulo: SENAC, 2007.

VYKOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VILLEN, P.. A face qualificada-especializada do trabalho imigrante no Brasil: temporalidade e flexibilidade. **Cad. CRH**, Salvador, v. 30, n. 79, p. 33-50, Apr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792017000100033&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 mai. 2020.

WEBER, M.. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo.** 1a ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

WEBER, R.. Pesquisas sobre migrações e etnicidade: conhecimento sobre identidades coletivas. **Revista História**, vol.37, Assis/Franca, Epub, 25 de Junho, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742018000100606&script=sci_arttext. Acesso em: 11 nov. 2019.

ZIMERMAN, A.(Org.). **Impacto dos fluxos imigratórios recentes no Brasil**. Santo André, SP: Universidade Federal do ABC, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Apêndice 1 - Roteiro de perguntas das entrevistas realizadas.

1 - Você aceita ser entrevistado, segundo o termo de consentimento que lhe foi apresentado antes da entrevista pelo pesquisador?

2 - Qual o seu nome completo, idade, país de origem e curso que faz na UFT

3 - Fale sobre você (quem é, sua família, suas origens, seu país, sua cidade, sua educação, etc.)

4 - Fale sobre o seu país de origem (história, cultura, religião, educação, economia, paz, etc.)

5 - Fale sobre o porquê da sua vinda para o Brasil estudar (Palmas, Tocantins, UFT, Curso, bolsa, trabalho, manutenção, família, etc.)

6 - Fale sobre sua adaptação cultural (língua, costumes, alimentação, clima, relacionamentos; há algo que facilita? Há algo que dificulta?)

7 - Fale sobre a sua relação com os brasileiros? (receptivos, abertos, dispostos a intercâmbio cultural?) Como você os vê em relação ao intercâmbio cultural?

8 - Fale sobre sua disposição de intercâmbio cultural? Como vê o Brasil, o brasileiro o tocantinense, o palmense? Deseja se relacionar com eles? Você está disposto a se adaptar ou você resiste a essa possibilidade?

9 - Quais os principais aspectos que facilitam o intercâmbio cultural no Brasil?

10 - Quais os principais aspectos que dificultam o intercâmbio cultural no Brasil?

11 - O fator ambiente/natureza dificulta ou ajuda no processo de integração e acolhimento na Universidade e na cidade?

12 - Fale sobre a receptividade aos estrangeiros na UFT/IFTO?

13 - No futuro, você tem desejo de permanecer legalmente no Brasil? Deseja voltar para o seu país de origem? Deseja ir para outro país? Por quê?

Fonte: elaboração do autor, 2019.

SOBRE O AUTOR

DIOGO SOUZA MAGALHÃES – É Mestre em Ciências do Ambiente (UFT, 2021). Especialista em Telemática (IFTO, 2018) e em Docência do Ensino Superior (FACULDADES ITOP, 2016). Tem graduação em Teologia (FTSA, 2011) e pelo STBNB (Curso Livre, 1988). Possui experiência em docência, atuando nos níveis fundamental, médio e superior em várias entidades e em diversos estados brasileiros. Leciona disciplinas nas áreas de História, Filosofia e Teologia, e produz pesquisas com ênfase nas relações entre Religião e Desenvolvimento, Meio Ambiente e Imigração, Protestantismo e Educação e Novas Tecnologias e Educação. Tem formação complementar em Liderança Avançada pelo *Haggai Institute* (CE, 2010) e capacitação em Língua Inglesa pela *MacMillan Faculty of Education*, vinculada à *University of Bradford*, no Reino Unido (UK, 2016). É escritor e palestrante experiente, com artigos e capítulos de livros publicados nacional e internacionalmente. É pastor há 30 anos, filiado à Convenção Batista Brasileira.

ÍNDICE REMISSIVO

G

H

I

M

N

O

P

R

S

T

U

Histórias de vida entre a

África e o Brasil:

Imigração, educação e ambiente

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2022